JASON HUGO DE PAULA

INVENTANDO O PROGRESSO: A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS E A MODERNIZAÇÃO EM CATALÃO (1959 – 1970).

GOIÂNIA
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

INVENTANDO O PROGRESSO: A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS E A MODERNIZAÇÃO EM CATALÃO (1959-1970)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento em História da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História. Área concentração: Cultura, Fronteiras e Identidade. Linha de Pesquisa: História, Memória e Imaginários Sociais, sob a orientação da Profª.Drª. Ana Teresa M. Gonçalves.

Jason Hugo de Paula
ORIENTADORA: Profª.Drª. Ana Teresa M. Gonçalves.

Goiânia
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

INVENTANDO O PROGRESSO: A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS E A MODERNIZAÇÃO EM CATALÃO (1959 – 1970)

JASON HUGO DE PAULA

A comissão Examinadora abaixo-assinada_____ a dissertação intitulada *Inventando o Progresso: a construção de imagens e a modernização em Catalão (1959 – 1970)*, apresentada e defendida, em sessão pública, por Jason Hugo de Paula, para a obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: Cultura, Fronteiras e Identidade. Linha de Pesquisa:História, Memória e Imaginários Sociais.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Profª. Drª. Ana Teresa M. Gonçalves (orientadora)

_____

Prof. Dr. Noé Freire Sandes – UFG

_____

Profª.Drª. Maria Cristina Teixeira Machado (Ciências Sociais – UFG)

_____

Suplente: Profª.Drª. Dulce Oliveira Amarante dos Santos - UFG

Agradecimentos

Para que este trabalho chegasse ao fim, foi preciso a colaboração de inúmeras pessoas, que de uma forma ou de outra, seja na acolhida na minha vinda para Goiânia, nas indicações de leituras ou nos comentários, foram indispensáveis e a todas estas pessoas, deixo minha gratidão. Com elas divido os méritos que este trabalho alcançar e declaro agora minha dívida.

À minha orientadora, Professora Drª. Ana Teresa M. Gonçalves, pelo carinho, apoio, paciência e dedicação com que conduziu estes trabalhos, pois mesmo tendo o desafio de começar uma orientação depois de decorrido um ano do Programa de Pós-graduação, forneceu estímulo para a elaboração desta dissertação.

À Professora Drª. Maria Cristina Teixeira Machado que, no Seminário de Pós-graduação, fez sugestões que muito contribuíram para que este trabalho tivesse a dimensão que hoje tem.

Ao Professor Dr. Noé Freire Sandes, um conhecedor de Catalão, que soube transformar suas disciplinas em um instigante exercício intelectual e que, na qualificação, indicou com muita propriedade os caminhos possíveis para esta dissertação.

À Professora Drª. Dulce Oliveira Amarante dos Santos, que muito contribuiu com suas aulas e sugestões na qualificação.

Ao pessoal do Arquivo Municipal da cidade de Araguari que me recebeu com muita presteza e profissionalismo.

À equipe do Museu Municipal Cornélio Ramos da cidade de Catalão, especialmente na pessoa da Sônia pela receptividade, pelo "cafezinho" certeiro e pela ajuda na procura e identificação das fotografias e jornais.

Ainda em Catalão, agradeço o apoio e ajuda dos Professores Dr. Valdeci de Rezende Borges, Ms.Ismar da Costa Silva e Ms. Márcia Pereira dos Santos, o primeiro, um profundo conhecedor da obra de Machado de Assis e José de Alencar e, os dois últimos, recentes pesquisadores da literatura produzida em Goiás.

À Professora Drª. Regma Maria dos Santos que, por acreditar desde o início que era possível ir mais longe com aquela pequena Monografia de Especialização, me incentivou sempre.

À professora Drª. Eliane Martins de Freitas, que dividiu comigo seu conhecimento sobre a história de Catalão na fase final desta pesquisa.

Ao escritor, professor e poeta Braz José Coelho, pelo carinho e atenção com que me recebeu em sua casa. Sempre solícito e atencioso às minhas visitas, transformou as conversas em um exercício intelectual raro. À sua família, especialmente na pessoa da Sirlene Duarte, pela disponibilidade, respeito e amizade com que me recebeu.

À Luciene que, mesmo chegando quando "o bonde já andava", tornou-se meu amparo. A você, meu reconhecimento, admiração e amor.

A toda minha família, que somente eu sei do que foi capaz de fazer para que eu morasse em Goiânia e pudesse, enfim, concluir este mestrado. Muito mais que o apoio financeiro que tornou viáveis meus estudos, agradeço a demonstração de confiança, amor e união com que se envolveram nesta que não foi uma vitória só minha, mas de todos nós.

À Lena pelas correções, apoio intelectual, financeiro e afetivo. Você sabe da minha gratidão pelo que fez por mim.

Aos meus pais e irmão que sempre cobraram minha presença, mas que compreenderam quando estive ausente.

Ao Roney, Rafael Machado e Rafael Martins pela acolhida em Goiânia e pela amizade eterna.

Enfim, aos meus alunos e meus colegas de trabalho pelo inestimável auxílio ao longo deste período.

Sumário

Lista de Figuras e Quadros----------7

Resumo e abstract ----------8

Introdução----------9

Capítulo I. Modernização e Progresso----------23

1.1 A modernidade representada----------25

1.2. A modernidade pensada----------28

1.3. Goiânia: modernidade e modernização em Goiás----------40

Capítulo II. Centenário de Catalão: de cidade "colonial" à transformação em cidade do progresso. ----------63

2.1. Centenário de Catalão a partir do Jornal Gazeta do Triângulo: a imagem tradicional construída. ----------77

Capítulo III. Leituras da cidade: dos aspectos da modernização em Catalão ao entusiasmo desencantado. ----------118

3.1. O cronista Jamil Sebba. ----------120

3.1.1. *Deus é mesmo Goiano*: elementos modernizadores em Catalão sob os olhares do cronista. ----------122

3.2. Braz José Coelho: o literato. ----------128

3.2.1. *Um Homem e sua família*: a desconstrução de uma imagem oficial. ------131

3.2.2. invertendo o método e o conteúdo. ----------143

3.2.3. De migrante a mendigo: um "caminhante" pela cidade. ----------152

Considerações finais. ----------169

Fontes. ----------174

Referência bibliográfica. ----------176

Listas de Figuras e Quadros

Figura 1. Desfile das alunas do Colégio Internato Mãe de Deus em 20 de agosto de 1959. ----------75

Figura 2. Cartaz com a programação das festividades do centenário, no dia 18 de agosto de 1959. ----------78

Figura 3. Foto dos jovens observando Catalão do alto do Morro São João. ----------81

Figura 4. Rua da Cooperativa em direção à Igreja do Rosário. ----------100

Figura 5. Foto da Avenida João XXIII durante a década de 1960. ----------102

Figura 6. Foto da cidade de Catalão do início da década de 1960. Museu Cornélio Ramos. ----------105

****

Quadro 1. Alguns dos principais articulistas do Jornal Gazeta do Triângulo em 20 de agosto de 1959. ---------- 111

Quadro 2. Políticos formados em medicina que atuaram na política de Catalão de 1959 a 2005. ----------112

Resumo e Abstract

Resumo: O presente estudo trata da construção de imagens e dos aspectos modernizadores que estiveram presentes na História da cidade de Catalão a partir das comemorações do centenário ocorrido em vinte de agosto de 1959. Naquele momento, a elite política local, visando manter-se no poder, elege esta efeméride como marco no desenvolvimento material e cultural daquela cidade, transformando em geral um discurso particular. Para os membros dessa elite, a partir de 1959, Catalão reescreveria suas páginas de História, deixando para trás um tempo marcado pelos coronéis e jagunços. Nota-se, então, um esforço em publicizar uma imagem de superação do passado e, para validá-la, elaboram um conjunto de transformações que estariam em curso na cidade durante aquele período. Em contraposição a esta imagem progressista, pode-se encontrar uma outra que se detém não sobre os traços de modernização, mas que privilegia as contradições desse processo, insistindo, sobretudo, no olhar "estrangeiro" de uma família de migrantes. A disputa entre essas imagens revelam como são diversas as representações em torno do centenário e demonstra a possibilidade de múltiplos olhares sobre a cidade.

Abstract: This present study is concerning about the construction of images and the modern aspect that havebeen present in the history of the city of Catalão from the celebration of the centenary happened in August 1959. In that moment, a political local elite, having as a main reason to be in that elite, elects this passanger as a mark in the material and cultural development of that city, changing in general a private discourse. For the members of this elite, from 1959 on, Catalão would change the History, leaving a time marked by colonels and killers. It has been noticed, then, an effort of publicizing an image of overcoming of past and, to valid it, develop a couple of transformation that would be in course in the city during that time. In opposition to this progressist image, another one might be found, not under the modernization stroke, but that privileges the contradictions of this process, insisting, above all, in the "foreigner" view of a foreign family. The dispute between these images reveal how different are the several representations concerning to the centenary and demonstrates the possibility of multiple views about the city.

Introdução

A cidade de Catalão surgiu com a vinda dos bandeirantes para Goiás, por volta do ano de 1722[1], e por sua própria história já requer uma atenção e um lugar em qualquer estudo que se dedique às análises das cidades deste período. No entanto, isso não é o mais importante dos objetivos do presente trabalho que, se intitula *Inventando o progresso: a construção de imagens e a modernização em Catalão (1959 – 1970)* e que se propõe a analisar as imagens construídas sobre a cidade de Catalão durante o período de 1959 a 1970.

O que justifica sua escolha, neste caso, pode ser destacado a partir de dois pontos: a) como sugere a maioria dos historiadores da Nova História, toda escolha é subjetiva (sentimental) e, aqui, se deve ao fato de que toda vivência do pesquisador está relacionada àquela cidade. Por vivência entendem-se os arcabouços religiosos, culturais, intelectuais, simbólicos e políticos que durante todos esses anos fizeram-se construir.

O segundo ponto é mais pragmático. Para a sua efetiva viabilidade, a pesquisa deve ser feita no prazo pré-delimitado e este estudo ficaria comprometido se não passasse pelo conhecimento e manuseio prévio das fontes necessárias. Deste modo, a acessibilidade às fontes e a proximidade com o objeto foram decisivas e imperaram na escolha.

Conhecendo as obras dos memorialistas locais _ entre os quais podemos citar Cornélio Ramos e Maria das Dores Campos[2]_ e o discurso político sobre a constituição da cidade, sentiu-se a necessidade de uma abordagem que tivesse como vertente o campo da imagem _ algo a que não se predispuseram os estudos referidos, embora eles mesmos constituam parte da memória da cidade. Dessa lacuna encontrada surgiu este estudo que, espera-se, possa indicar caminhos

[1] Antônio Chaud em seu artigo denominado "O primeiro tempo do Catalão", afirma que Bartolomeu Bueno da Silva Filho e sua bandeira, formada por "190 homens, damas, padres e cavaleiros" atravessou as terras mineiras adentrando o território goiano no dia 3 de julho de 1722. Diário da Manhã, Goiânia: 14 de abril de 2002.

[2] Dentre algumas das obras de autoria de CAMPOS, destacam-se *Catalão: estudo histórico e geográfico.* Goiânia: Bandeirantes, 1979, e *Gente Nossa.* Goiânia: CERNE, 1985. De autoria de RAMOS, *Catalão de ontem e de hoje: curiosos fragmentos da nossa história.* Catalão: Dist. Kalil, 1984.

possíveis desta que é uma das principais preocupações dos estudiosos das cidades brasileiras: pensar as cidades "como imagens" (Menezes, 1996: 149).

Foi essa preocupação que indicou a que delimitação temporal este estudo haveria de se ater. As comemorações do Centenário daquela cidade, ocorrido em 20 de agosto de 1959, eleito pelos principais dirigentes _ sejam eles da política, cultura ou imprensa _ como momento ideal para a construção de uma outra imagem para Catalão, requereu delimitar o estudo de 1959 a 1970. Entendendo que as comemorações tenham funcionado como *marco delimitador* para a construção de uma imagem de cidade ideal pelos grupos dominantes da política local, esse período justifica-se por acreditar que essa *construção* passe pela necessidade de se esquecer um tempo e uma história de vivência em detrimento de uma idealização de cidade, isto é, de uma elaboração de imagem para si.

A década de 1970 como limite temporal deve-se ao fato de que nesse momento os *mecanismos* utilizados para propagandear o "novo tempo" não serão mais os mesmos a que se recorreram em 1959. As riquezas minerais, advindas de seus solos rochosos e repletos de minérios de ferro e nióbio, passarão a justificar uma outra Catalão a partir dos anos 70 (Santos, 2001).

Para acompanhar essas imagens foi preciso recorrer ao maior número possível de fontes documentais. Então, recorreu-se ao Jornal Gazeta do Triângulo (edição especial nº 1964 de 20 de agosto de 1959); ao conto *Um Homem, sua mulher, seus filhos - a vida,* de Coelho (1971); à novela *Um homem e sua família* (1997) do mesmo autor; a uma entrevista com o escritor goiano Braz José Coelho, realizada em 15 maio do ano de 2004 e às crônicas de Jamil Sebba presentes no livro *Deus é mesmo Goiano* (1988).

Analisando o *corpus* documental, percebeu-se que havia uma tendência por parte dos articulistas do Gazeta do Triângulo e das crônicas em valorizar e centralizar suas discussões em

torno de temáticas como progresso e modernização. Em uma tentativa de analisar a razão de estas temáticas estarem tão arraigadas nos memorialistas locais e na historiografia sobre aquela cidade, decidiu-se, então, inicialmente, localizar o momento de construção dessa imagem de cidade voltada para o progresso. Em seguida, identificaram-se os emissores destes discursos de progresso e modernização, de modo a dimensionar que cidade desejavam construir.

Havia uma tentativa de homogeneizar uma imagem de cidade e, ao analisar as fotografias da cidade naquela época, percebeu-se que o contato com fontes de outra natureza levaria por outro caminho, qual seja aquele que enxerga a cidade como múltipla e diferente da propagada pelo Jornal Gazeta e pelo cronista. Aprofundando mais nesta perspectiva, viu-se que outras fontes também permitiam diferentes abordagens e foi, então, que se trabalhou com a literatura e a entrevista. No caso específico da literatura, esta surgiu como uma importante via de acesso ao imaginário, à cultura e à memória do povo daquela cidade na medida em que é capaz de conferir sentido e resgatar sensibilidades (Pesavento, 2002).

Esse diálogo que se travou entre história e literatura, notadamente marcado por uma troca de intencionalidades e aproximações, necessitou de uma abordagem epistemológica capaz de permitir ao historiador a elaboração de suas tramas (Veyne, 1998), representações e construções discursivas, sem que com isso se negue a beleza da arte literária ou que com isso s afirme que esta sirva apenas como trampolim de onde salta soberano (ou intangível?) o historiador.

Sabe-se que o estudo da História a partir da fonte literária incorre na problemática do conceito de representação. Representação entendida como “objetivação, figurada ou simbólica de algo ausente” ou, ainda, representação definida como “estar presente em lugar de outra pessoa, substituindo-a”, faz parte de duas vertentes do pensamento ocidental: uma epistemológica e outra hermenêutica ou lingüística e literária (Falcon, 2000: 92). Enquanto a vertente epistemológica

tende a ser privilegiada _ pois se constitui sob o ponto de vista do critério da racionalidade _ , a fantasia, a imaginação e a ficção, elementos básicos da literatura, figuram no campo do irracional e são postas sob suspeita.

Todo esse debate gira em torno da idéia de "real" e da "capacidade" de se apreender esse "real" através da ciência. Na medida em que este "real" para ser apreendido pela ciência necessita de um rigor metodológico, ou seja, sua cognoscibilidade só se dá em bases racionais, a literatura e a ficção, tidas como irracionais, ocupam uma posição periférica.

Mais recentemente, a partir da década de 1970, os historiadores têm voltado seus olhares cada vez mais à literatura. Esse olhar causou certo desconforto na historiografia, pois se configurou a concepção de história como narrativa. Lembrou Chartier (1994) que a história é narrativa desde sempre, todavia, a questão posta agora é a que tipo específico de narrativa corresponde o 'discurso histórico' (Pesavento, 2002). De White a Ricoeur, tem-se que ambas as disciplinas são representações do real e o que difere uma da outra é "que a história empenha-se em demonstrar que sua versão não apenas poderia ter sido, mas 'efetivamente foi' " (Pesavento, 2002: 13).

Somente com os avanços epistemológicos e metodológicos ocorridos é que a literatura pôde finalmente permitir aos historiadores a reconstrução da vida de uma sociedade, visto que nas suas entrelinhas encontrou marcas, hábitos, normas, crenças e visões de mundo nem sempre captáveis pela objetividade da ciência. Essa acepção que credita à literatura "uma saída para a investigação de novos problemas com instrumentos não tradicionais" (Borges, 1993: 212) só se tornou possível porque a noção de ciência passou a não se basear tão somente no encontro entre o "real" e o seu "reflexo" (conhecimento produzido, interpretações), mas admitiu haver correspondência entre o sujeito pesquisador (produtor de ciência) e as inúmeras mediações socioculturais, político-simbólicas, entre outras, das quais este é portador.

Deste modo, já se conta por vários anos com o uso da literatura pelos historiadores, que reconhecem a viabilidade de se utilizar a arte literária como testemunho sobre os fatos. Nos debates mais atuais, essa vertente analítica tem se concentrado não mais no testemunho em si, mas em vestígios dificilmente palpáveis e encontráveis nos ditos documentos oficiais. Neste caso, a literatura deixa de ser aquela "fonte a mais", para ser tomada como aquela que permite "o algo a mais". Este algo a mais é pensado como a "sintonia fina" (Pesavento, 2002:13) de uma época em que as características do modo de pensar, agir e sentir o mundo se fazem presentes.

Esse exercício não tem sido fácil, pois:

> *Freqüentemente os historiadores têm ainda uma percepção do texto literário como um discurso enfeitado, como pura retórica, incompatível, portanto, com o discurso científico que foge da retórica em nome da clareza, da precisão e da objetividade* (Chiapinni, 2000: 25).

Uma saída viável foi apresentada por Georges Duby quando, acerca da utilização da literatura, disse que aos historiadores não cabe "dizer que um ficcionista finge ou mente, embora caiba perguntar, sim, que verdade ele nos traz pelas suas meias-verdades" (apud: Chiapinni, 2000: 24).

Antes dos anos de 1970, é necessário lembrar que contribuiu para esse outro direcionamento a Escola dos Annales quando, ao propor o alargamento das fontes e dos problemas, possibilitou o reavivamento e o interesse pela fonte literária no sentido em que novos campos documentais tornaram-se visíveis (Burke, 1997).

É deste combate por parte do grupo dos Annales à chamada História tradicional ou metódica que se experimentou uma renovação na produção historiográfica. Essa "Nova História"

percebeu a problemática em torno do documento: da imparcialidade, da abertura às outras áreas do conhecimento e da presença da subjetividade.

O historiador Jacques Le Goff (1990: 545) diz sobre a noção de documento que este "não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder". O que Le Goff intenciona é o desvelar desse aspecto não mecânico e ingênuo da ação do historiador. Isto é o mesmo que afirmar a presença da subjetividade no campo de uma ciência que se bastava pelo caráter objetivo.

Nesta virada de atenções aos outros aspectos da atividade humana, diversas áreas documentais, como a visual, oral, poética e mesmo literária passaram a figurar como fontes capazes de revelar manifestações simbólicas e culturais de uma sociedade. Foi no momento em que a "nova história cultural" dedicou-se às classes anônimas e populares, desvelando, sobretudo, suas manifestações culturais e desdobrando-se por perceber o papel dessas classes sociais no desenrolar dos acontecimentos e decisões (Vainfas, 1996) que surgiu a possibilidade de estudos que tomassem como fontes as obras literárias. O que ocorreu foi a aceitação do discurso literário como mais uma das inúmeras vozes reveladoras de indícios e vestígios sobre uma determinada realidade.

No livro *Literatura como Missão* (1999), Nicolau Sevcenko faz um acompanhamento rigoroso da contribuição literária ao estudo histórico. É na problematização da noção de documento que ele constata que a literatura precisa ser valorizada, uma vez *que se ocupa do que aconteceu*, mas também *do que não ocorreu*, dos projetos que fracassaram, das vozes silenciadas e dos resquícios tidos como menores e desprezíveis. Para Sevcenko, essa margem para a imaginação, para a fantasia é que dá à fronteira entre história e literatura o tom fugidio e movediço. Esse tom se deve ao fato de ambas as disciplinas lidarem com narrativas, discursos e ficção.

A pretensão de verdade que Paul Ricoeur (1997) assinala para o discurso historiográfico sustenta-se no trabalho de manipulação e confrontamento de dados e fontes, na pesquisa documental e no arcabouço teórico epistemológico de que faz uso o trabalho historiográfico. Para Ricoeur "malgrado sua proximidade, subsiste um corte epistemológico que se funda no regime de veracidade próprio ao contrato do historiador em relação ao passado" (apud: Falcon, 2000:126). Este contrato é o que confere ao trabalho historiográfico a pretensão de verdade, além de oferecer indicativos de caminhos possíveis aos outros estudiosos.

Quando se discute a narratividade do discurso histórico, pensa-se o mesmo como ficção. Entretanto, historiadores não fazem literatura, pois há uma especificidade com relação à narrativa ficcional da literatura. Essa especificidade, conforme lembra Ricoeur, existe no remetimento necessário às fontes, citações, critérios de escolha, fazendo com que a disciplina História tenha um método específico.

Tendo como direcionamento tais assertivas, sabe-se que muitos são os modos de associar história e literatura. Neste trabalho, esta relação urdiu-se pelos fios da relação dialógica da verossimilhança, na medida em que as análises históricas são trabalhadas e articuladas com outras formas em que os temas, sob o feitio da arte ou não, se apresentam.

Deste modo, este trabalho tem como objetivo contribuir com a discussão historiográfica acerca das imagens construídas sobre a cidade de Catalão, partindo do destaque a fontes como o jornal, fotografias, literatura (incluindo a crônica) e a entrevista. Sem perder de vista as interações que se verificam entre as práticas culturais e políticas e o contexto histórico de 1959-1970, essa abordagem opta por seguir os discursos e as imagens que falam desta cidade. Neste sentido, essas fontes corresponderiam a maneiras diferentes de 'dizer a cidade'.

Diante disso, no primeiro capítulo, intitulado **Modernização e Progresso**, faz-se, inicialmente, uma discussão através de autores como Habermas, Berman e Machado, procurando

traçar os princípios e características da modernidade. Em seguida, volta-se o olhar para a cidade de Goiânia com o intuito de perceber como essas questões têm sido discutidas em Goiás e, a partir de uma bibliografia sobre Goiânia, procura perceber como a historiografia trabalhou a idéia de modernidade, procurando apontar também uma outra natureza de fonte (literária) que permite diversificar as análises sobre a capital.

Após isso, direciona-se o olhar para Catalão, uma cidade do interior goiano que poderia, em uma primeira análise, suscitar um extremado localismo o que, sem dúvida, limitaria os objetivos propostos. Exatamente para não cair nessa armadilha, procurou-se construir uma problematização em que os aspectos teóricos, mas também as realidades sociais e históricas, fossem discutidos.

Pensando nisso, no segundo capítulo, **Centenário de Catalão: de cidade "colonial" à transformação em cidade do progresso,** propõe-se o estudo das narrativas construídas para exaltar o centenário como sendo demarcador de uma segunda etapa na história do povo da referida cidade, bem como discutir a concepção de progresso de modo a melhor caracterizar as construções em torno do "progresso" que a cidade de Catalão experimentou após 1959. Baseando-se principalmente em informações que os articulistas da ed.nº 1964 do Jornal Gazeta do Triângulo produziram e em fotografias, procurou-se pensar como havia uma preocupação em fazer do centenário um momento de transformação também cultural.

Sabe-se que o Jornal Gazeta do Triângulo não foi um jornal de circulação nacional ou de grande tiragem, pois sua circulação estava mais ligada às cidades do Triângulo Mineiro e Sudeste Goiano. Órgão de comunicação ligado à Igreja Católica, desde sua fundação em 1937, o Jornal Gazeta do Triângulo é publicado na cidade de Araguari-MG. A edição nº 1964, que tinha como diretor Pe. Nilo Tabuquini, Redator-chefe Abdala Mameri e redator Cícero Porto, se apresentava

logo na primeira página com o slogan *"Diário Matutino – com a pátria no pensamento e Deus no coração"*.

A edição extra do jornal Gazeta do Triângulo, dedicada toda ela às comemorações do centenário da cidade de Catalão, foi composta de 26 páginas onde se podiam encontrar matérias de cunho informativo, biográfico, histórico, poemas, músicas e, mescladas a tudo isso, as publicidades das empresas _ quase todas da cidade de Catalão.

No editorial intitulado "Centenário parabenizado por Gazeta", encontram-se as notas que revelam a natureza das matérias publicadas:

> *Foi com sacrifício que organizamos esta edição extra; entretanto, fortalecidos pelos laços de amizade e de cordialidade, que nos ligam a Catalão, tivemos grande prazer em organizá-la, prazer que superou os sacrifícios despendidos.*
> *E aqui está a edição, que muito possui da vida da Cidade Centenária, de seu passado histórico, do seu presente contagiante e de seu futuro promissor; entregâmo-la* [sic] *às mãos dos catalanos, com nossos efusivos cumprimentos e os melhores votos de que Catalão continue a fase vertiginosa de progresso que atravessa, o que lhe faz desdobrar horizontes maravilhosos.*(Editorial Gazeta do Triângulo, 1959. Ed. nº 1964: 01).

A aparência efêmera e descartável a que se submete o jornal não é compartilhada neste trabalho, uma vez que o toma como suporte de uma memória. Sobre essa aparente efemeridade, Santos (2000: 124) diz que o mesmo "oferece a esse homem [potencializador da linguagem] a reserva de memória coletiva e cotidiana que, gravada e impressa, pode ser traduzida, reinterpretada, recontada, permitindo fazer durar o que é efêmero e passageiro". Assim, não se

nega o jornal como meio de expressão de idéias, nem como veículo portador de dimensões políticas. Pelo contrário, compreende-se o jornal como documento revelador de pontos de vistas e expectativas, ou ainda, como uma maneira de ver o mundo carregada de subjetividade e, portanto, portadora de representações.

Recorrendo às imagens que os meios de comunicação (ou propaganda) como livros, jornais, poemas e músicas da época passaram a veicular, este capítulo dedica-se às imagens e representações que esse setor da sociedade produziu. Esse setor pode ser representado da seguinte maneira: é composto pelos articulistas do Jornal *Gazeta do Triângulo* que colaboraram com artigos ou músicas e poemas na edição nº 1964, e pelos memorialistas[3] com seus livros sobre a história local. Nota-se que há a preocupação destes em ressaltarem um possível *salto* ocorrido na cultura daquele povo que, nas palavras destes, viveram anos de "barbárie". Esse outro estágio que aquela população alcançou só foi possível porque superaram o estado de "atraso" em que viviam. Assim, o centenário foi tomado como momento em que esse traço de superação se evidencia, tanto quanto transformado em um exemplo a ser seguido.

Com o objetivo de identificar quais são os elementos caracterizadores desse progresso e dessa modernização que o centenário "inaugurou", recorre-se então, à crônica de Jamil Sebba. Escritas durante a década de 1960 e publicadas em forma de livro no ano de 1988, essas crônicas retratam a cidade de Catalão após o centenário e indica a exaltação da política progressista que se operava naquele período.

Do *outro lado*, na contramão desta visão um tanto determinista da história daquela cidade, encontra-se a produção literária de Braz José Coelho. Atento às contradições da sociedade e ao caráter múltiplo da constituição de uma cidade, este escritor, contemporâneo dos demais

---

[3] Embora se refira aos memorialistas locais e até cite algumas obras dos mesmos, a intenção deste trabalho não é a de tomá-las como objeto de discussão. Isso se dá porque, sendo estes memorialistas, na maioria das vezes, os principais colaboradores do Jornal Gazeta do Triângulo, suas obras revelam algo próximo ao que se encontra no jornal.

sujeitos, não compartilhará aquela visão. Sua posição de crítico pode ser encontrada tanto na problematização local quanto pode ser estendida à realidade goiana na medida em que critica alguns estudiosos que pensam Goiás pelo viés da modernidade sem se preocuparem com o reverso desta questão. É às temáticas presentes na crônica e na literatura de Braz José Coelho que o terceiro capítulo, intitulado **Leituras da cidade: dos aspectos da modernização em Catalão ao entusiasmo desencantado,** propõe discutir.

Inicialmente, faz-se a abordagem de algumas crônicas de Jamil Sebba de modo a delimitar o que se entende por *elementos modernizadores* e, em seguida, trabalham-se alguns aspectos da novela *Um Homem e sua Família*, de Braz José Coelho, de modo a demonstrar a desconstrução da imagem oficial produzida de cidade.

Neste ponto, é necessário fornecer alguns esclarecimentos acerca de relação existente entre o conto e a novela de Coelho. O conto *Um homem, sua mulher, seus filhos - a vida* foi publicado no livro *Peonagem e Cabroeira* de 1971. Entretanto, ele foge às dimensões dos demais contos porque fora inicialmente pensado na forma de um romance. Abandonada a proposta, foi este incluído naquela coletânea na forma de conto-novela. Não sendo possível o romance, Coelho resolve, então, transformar o conto na novela *Um homem e sua família*, publicado em 1997. Mesmo sendo o conto a base da novela, entende-se que é necessário tomá-los como obras distintas.

Acredita-se que aquele conto de 1971, quando transformado em novela em 1997, assume outra dimensão. Mesmo que seja a reelaboração-reescrita de uma temática já trabalhada anteriormente, devido às conjunturas desses dois períodos de publicação, merecem observações e reflexões diferenciadas.

Se em um conto há de ser mais sucinto do que em uma novela, isto não resolve a questão colocada: que razões há para a (re)escritura de um conto em forma de novela? A resposta poderia

ser a de que abandonando o projeto do romance, resolve Coelho que uma novela seria o suficiente. Embora, sabe-se que o escritor não faz na novela apenas uma *complementação* das idéias adiadas pela impossibilidade do romance, pode estar nessa complementação a validade em se tratar como diferentes as duas obras.

O conto, que tem sua versão final em 1967, embora só seja publicado em 1971, é de um autor ainda "jovem" que acaba de sair da universidade e que está vivendo o conturbado período da ditadura militar brasileira. A reescrita em forma de novela, datada do ano de 1990, mas publicada em 1997, insere-se em um outro momento da vida do autor e em outro contexto político.

Desses pontos destacados, é evidente que não se podem tratar como iguais obras que são, quanto à forma e contexto de publicações, diferentes. Essa diferença temporal atinge a dimensão da recepção[4] e, por conseguinte, da leitura. A leitura que o público fez do conto em 1971 não é a mesma que se fez da novela em 1997. Vale ressaltar que não vamos trabalhar com a perspectiva da recepção da obra de Coelho.

Para Roger Chartier (1991), as lutas de representações baseadas na relação de forças entre aqueles que detêm o poder ou no crédito conferido à representação que cada grupo dá a si mesmo, são elementos imprescindíveis para se pensar a identidade de um povo. Em Catalão, esse traço distinto desejado passa por uma luta de representações e imagens e, para dar conta do confronto existente, este texto caminha pelo viés da construção do objeto recorrendo inúmeras vezes às citações de trechos das fontes analisadas.

Este apagar de uma imagem constitui-se na principal evocação presente nos artigos, músicas, poemas e propagandas veiculados tanto pelo Jornal Gazeta do Triângulo, como nas

---

[4] A recepção das obras pelos seus consumidores-leitores recebeu de Chartier grande importância. Não se nega que aqui também essa dimensão fosse decisiva. Contudo, a perspectiva de estudo que se busca não privilegia esse caminho.

produções dos memorialistas locais e nas crônicas. De certa maneira, a literatura de Coelho vai se opor a esse grupo que pretende dar à cidade de Catalão uma nova roupagem e, por isso mesmo, acaba por também se constituir em uma construção de imagem para esta cidade. Lembrando que "a força de uma imagem se mede pelo seu poder de provocar uma reação, uma resposta" (Pesavento, 2002; 10), pode-se dizer que essa imagem construída pelos grupos detentores do poder _ que mobilizou um sem número de pessoas, mecanismos e materialidades simbólicas _ teve força, posto que ainda hoje congrega adeptos. Entende-se por mobilização a reunião de intelectuais locais, festas, comemorações, promoções, publicações de livros, conferências e os concursos de músicas que melhor representassem aquela data (Ramos, 1979).

O confrontar dos diversos olhares sobre aquela cidade, no período de 1959 a 1970 desdobra-se para Coelho em um problema que não se restringe mais à realidade daquela cidade, mas que se revela em cada passo dado pela sociedade goiana. Catalão, enquanto parte de uma realidade maior que é Goiás e sendo uma cidade que ainda não havia alcançado cinqüenta mil habitantes neste período, sente os ecos de um pensamento que viria direcionar as principais produções intelectuais e, por conseguinte, algumas das maneiras de se enxergar as transformações que se operavam e se postar diante delas.

Os apologistas do progresso a qualquer custo ou ainda aqueles que viam nesse somente as benesses serão os principais alvos de Coelho. Procurando recuperar a dimensão humana quando da análise da modernização, Coelho lança mão dos recursos que a ficção lhe permite e narra a história de uma família de migrantes goianos que, de tanto ouvir notícias e propagandas sobre as riquezas existentes no sul do país, deixam sua terra _ Porto Nacional _ para ir tentar a sorte neste que promete ser um *eldorado.* Deixando laços de parentescos e traços culturais, esta família composta de cinco pessoas _ três meninos e os pais_ acaba por não atingir o sul do Brasil que era seu destino inicial. As dificuldades financeiras e o ânimo já fragilizado fazem com que

fiquem na cidade de Catalão. Em uma madrugada fria e pouco promissora aquela família acaba decidindo ficar em uma cidade que, por meio dos jornais e de livros, também propagandeava suas riquezas. Assim foi que, amontoados todos na calçada da Estação Ferroviária, esperaram o dia clarear e experimentaram a recepção das terras dantes tão promissoras.

A vida desta família será o objeto de Coelho para pensar a euforia de modernização tão propalada pelos políticos da época. Ele a tomará para discorrer sobre as promessas não cumpridas, as discussões fragmentadas e as esperanças frustradas.

Não tendo a pretensão de esgotar o debate sobre modernização em Goiás, este trabalho caminha no sentido de se demonstrar como um grupo político constrói uma visão linear da história daquela cidade de modo a atender seus interesses. Ao recorrer às fotografias e à obra de Coelho como contraponto às demais fontes, procura-se perceber como essas disputas travadas no campo do simbólico figuram como luta de representações e imagens, mas também adentram as noções de projeto político para a sociedade.

Capítulo I

Modernização e Progresso.

Não é mais novidade que qualquer cientista que se proponha à análise da modernidade, ao tentar ser o menos superficial possível, não deve apenas dizer que se trata de um estilo ou costume de vida, de modo a demarcar-lhe um tempo e localizá-la geograficamente. "A modernidade não pode ser pensada como um sistema de valores coerentes" (Viana Júnior, 1998: 57). Simplesmente dizer que a partir da Revolução Industrial, com a modernidade, a individualização ocuparia o centro das engrenagens que moveria nossos sistemas de valores e modos de vida sem, contudo, contrapor a outras correntes interpretativas do que se caracterizou como tempos modernos é deixar escapar a complexidade do funcionamento das sociedades – algo tão flagrante para qualquer olhar mais atento.

Para pensar a modernidade há que se levar em conta os processos desencadeados nos últimos cinco séculos, demonstrando toda uma perspectiva ocidental de expansão de seus valores e concepções. Como projeto do ocidente, no sentido criado por Max Weber, o de racionalização, ao processo da modernidade nada escapa, sejam as religiões, o modelo político e econômico ou as dimensões da cultura.

Tem-se, então, que antes de tentar uma interpretação para o processo de modernização pela qual passou a realidade pesquisada neste trabalho, deve-se preocupar em trazer ao público alguns dos inúmeros aspectos sobre a idéia de modernidade.

Os chamados "porta-vozes da modernidade" _ autores que elaboraram conceitos e princípios para a compreensão dessa experiência _ é quem dão sustentação teórica às análises aqui desenvolvidas. Acredita-se ser válida a proposta, pois nomes como Hegel, Marx, Nietzche,

Baudelaire, Benjamim e Simmel, entre outros, legaram todo um arcabouço do imaginário ocidental acerca da vida moderna.

Como partes desse imaginário ocidental, vê-se florescerem estudos que procuram pensar as representações sobre a modernidade em tantas partes do mundo e, mais particularmente no Brasil, sob o suporte de diferentes fontes e específicas formas de conhecimento das quais a literatura, o cinema e o teatro são exemplos.

A modernidade se revela, então, uma perspectiva de vida ocidental sustentada pelo modelo capitalista de expansão sempre desigual e excludente na sua forma de desenvolvimento. Neste seu desenvolver, inúmeros aspectos se contradizem, mas, lembrava Marx, que é da própria contradição que se faz o capitalismo e também a modernidade. A burguesia, de que Marx tantas vezes falou, criou para si a imagem promotora do progresso e da revolução e é justamente nestes aspectos modernizadores (progresso e revolução) que se fez construir a idéia de modernidade como algo a que toda sociedade devesse atingir.

Sabe-se, porém, que o processo de modernização, no sentido amplo da palavra, isto é, desde os aspectos físico-materiais aos sócio-culturais[5], não atingiu toda a sociedade, embora em discursos, esta esteja presente desde a Paris de Baudelaire, passando pela Berlim de Musil, Rio de Janeiro de Lima Barreto, Goiânia de Pedro Ludovico até a Catalão dos articulistas do Jornal Gazeta do Triângulo e do escritor Braz José Coelho.

Assim, a análise que aqui se faz toma como data inicial o ano de 1959, ano do centenário da cidade de Catalão, e se estende até 1970, quando o discurso apologético a uma "possível modernidade" e ao progresso receberá outros elementos que não os utilizados até então.

[5] Em *Tudo que é sólido desmancha no ar* vê-se que a visão pastoral "proclama a natural afinidade entre modernização material e modernização espiritual; sustenta que os grupos mais dinâmicos e inovadores na vida econômica e política serão os mais abertos à criatividade intelectual e artística _ ' para concretizar a idéia de futuro em todas as suas formas'; essa visão encara as mudanças econômicas e culturais como progresso humano sem obstáculos". (Berman, 2003:155-6)

Essa delimitação segue o imaginário local que, a partir de 1970, incorporará outras imagens na narrativa historiográfica como forma de legitimar os *processos de modernização* ocorridos.

A pretensão é problematizar essas narrativas construídas para exaltar o centenário como sendo demarcador de uma segunda etapa na história do povo da referida cidade, bem como repensar as construções e representações em torno da possível "vocação para o progresso" que a cidade de Catalão teria. Com isso, apontará que é uma construção política esse ideário catalano de progresso e como são contraditórias as imagens e representações de modernidade local.

1.1 A Modernidade Representada

Desde que Habermas (1990) tratou a modernidade como um "projeto inacabado", demonstrando ser este um tema que do ponto de vista filosófico precisa ter suas perspectivas fundamentais originárias resgatadas, muito tem se dito acerca da compreensão e autocompreensão da modernidade ocidental via resgate dos princípios primeiramente discutidos por Hegel.

Habermas, em *O discurso filosófico da Modernidade*, assevera que é inconcebível adotar uma posição de distanciamento para com as conexões existentes no horizonte conceitual do racionalismo ocidental e, assim, tratar como pretérita uma investigação que trouxe com Hegel _ o primeiro a utilizar o conceito de modernidade em um contexto histórico definido _, a consciência de que com a conquista do novo mundo, a Reforma e o Renascimento inauguravam um *tempo de nascimento e de passagem para um novo período* (Habermas, 1990).

O que Weber fez ao longo de sua vida dedicada à compreensão da cultura ocidental não foi apenas destacar os processos de racionalização que provocaram a destruição das bases religiosas da sociedade tradicional; ele compreendeu a dessacralização, via racionalização, mas, mais do que isso, descreveu o desenvolvimento das sociedades modernas _ categoriza Habermas.

Para Jürgen Habermas, isto é um problema, pois para se compreender as relações entre modernidade e racionalidade, o que significa uma autocompreensão da sociedade moderna por si própria, não se pode quebrar essas conexões de "tal modo que os processos de modernização deixam de poder ser concebidos *como* racionalização, como uma objetivação histórica de estruturas racionais" (Habermas, 1990: 14. Grifo no original do autor).

Um dos aspectos que está presente em Habermas e que se encontra também em Marshall Berman é a preocupação em delinear a questão conceitual de modernidade. Justamente por isso, estes autores se consomem em avaliar os clássicos de modo a construírem uma interpretação que dê conta do conjunto de experiências compartilhadas nesse mundo designado por modernidade.

Ambos criticam a noção de pós-modernidade dos teóricos contemporâneos exatamente porque percebem, no caso de Berman, má dissociação entre os conteúdos material e espiritual da modernidade e, para Habermas, porque estes teóricos, na pretensão de transcender a autocompreensão moderna, acabam por relegar os processos racionalizadores.

Em um momento em que a modernidade sequer foi compreendida no seu todo, o pós-modernismo, ao dissociar modernidade e racionalidade, rejeita a modernidade em sua totalidade.

Os elementos como a subjetividade que, para Hegel, tanto explicam a superioridade dos tempos modernos, como sua vulnerabilidade à crise, e que foram os responsáveis por acontecimentos decisivos (Reforma, Iluminismo e Revolução Francesa) na transformação e caracterização dos tempos modernos, não podem ser descartados.

Nesta mesma linha, Machado (2002: 21) afirma que a expressão subjetividade é explicada por meio de liberdade e reflexão e que outras quatro conotações podem se assinaladas: **Individualismo** (peculiaridade infinitamente particular de fazer valer as suas pretensões); **Direito à crítica** (o princípio do mundo moderno exige que o que deve ser reconhecido por cada um se

lhe apresente como algo legítimo); **Autonomia do agir** (fato de querermos nos responsabilizar pelo que fizemos) e, por último, **Filosofia idealista** (é a tarefa dos tempos modernos que a filosofia apreenda a idéia que sabe de si próprio).

Com todo esse arcabouço postulado por Hegel, a subjetividade é elevada à categoria de elemento característico da modernidade. A partir dessas concepções, a fé religiosa tornou-se reflexiva com a Reforma de Lutero e o livre arbítrio fundamentou a Declaração dos Direitos do Homem. O que se percebe é que a natureza despiu-se da magia e da arte _ tanto na forma quanto no conteúdo _ do mesmo modo que os conceitos morais são, nos tempos modernos, "determinados por uma interioridade absoluta" (Machado, 2002:21).

Recorrendo a Paulo Sérgio Rouanet, Machado (2002: 22) apresenta outras abordagens do princípio de subjetividade desenvolvida por Hegel. Rouanet vai, então, destacar que o "processo civilizatório da modernidade tem como ingredientes principais os conceitos de *universalidade, individualidade e autonomia*".

Segundo Machado, Rouanet está preocupado em repensar a modernidade e, para isso, resgata o projeto do Iluminismo com o objetivo de destacar seus aspectos positivos. Vai ser nesta perspectiva que Rouanet apresentará os principais conceitos da modernidade:

> *A universalidade significa que ela visa todos os seres humanos, independentemente de barreiras nacionais, éticas ou culturais. A individualidade significa que esses seres humanos são considerados como pessoas concretas e não como integrantes de uma coletividade e que se atribui valor ético positivo à sua crescente individualização. A autonomia significa que esses seres humanos individualizados são aptos a pensarem por si mesmos, sem a tutela da religião ou da ideologia, a agirem no espaço público e a*

> *adquirirem pelo seu trabalho os bens e os serviços necessários à sobrevivência material* (Rouanet, apud Machado, 2002: 22).

Cada vez mais é necessário apreender o processo de modernização em sua totalidade de desenvolvimento, pois essa é a premissa para que, com a "importação de modelos de análises", não procuremos achar no Brasil do século XX uma Paris que se modernizava nos tempos de Baudelaire. A esses debates filosóficos e sociológicos sobre modernidade, quando trazidos à luz da realidade brasileira, faz-se necessário adentrar pela experiência peculiar de cada realidade uma vez que as transformações ocorrem de maneiras e em temporalidades diferenciadas. Assim, em termos de elementos característicos de modernidade, algo que para a população da cidade do Rio de Janeiro na década de 50 já estava se tornando obsoleto, em uma cidade qualquer do interior do Brasil, principalmente, poderia significar e representar o início de um processo de modernização.

Esta proposta, qual seja aquela que permita tratar as representações e as idéias de modernização voltadas essencialmente para uma realidade, será apresentada no decorrer do segundo capítulo, no sentido de se caracterizarem os traços do que se entende por "vida moderna".

1.2 A Modernidade Pensada.

O trabalho de Maria Cristina Teixeira Machado (2002) sobre Lima Barreto é paradigmático no tocante às possibilidades de trazer a literatura como fonte capaz de refletir sobre uma realidade. O Rio de Janeiro que se modernizava durante o período da Primeira República é o espaço de onde fala Lima Barreto e a justificativa em se tomar a literatura como forma de se entrar em contato com aquela época pauta-se na proposta de *texto e contexto* defendida por

Antônio Cândido, em *Literatura e Sociedade* (2000). Assim, Machado (2002: 8) afirma que a obra de Lima Barreto "revela os anseios e tensões que estavam presentes no país por ocasião da implantação da República, constituindo-se numa das manifestações literárias mais significativas para a compreensão do seu tempo".

A cidade do Rio de Janeiro no período da Primeira República é aquela em que as transformações de cunho urbanístico, juntamente àquelas da reconstrução da sociedade através dos artefatos materiais "derivados da tecnologia moderna", suscitariam imagens caracterizadoras da "modernidade brasileira emergente", que se constituiu marcadamente por "um processo dependente, excludente e autoritário" (Machado, 2002: 09).

Evidentemente, todos esses processos de modernização postos em prática pelas autoridades da cidade do Rio de Janeiro foram autoritários. Mais do que revelar este aspecto, deve-se estar atento aos constantes acontecimentos, imagens e sensações produzidas, visto que somente uma interpretação atenta dessas experiências e desse complexo funcionamento da vida moderna poderia levar à compreensão do processo de modernização, bem como ao entendimento das mudanças provocadas na vida cultural e cotidiana dos indivíduos que vivem esse turbilhão de transformações. Machado trilha esse caminho, mas vale ressaltar que muitos outros trabalhos patinam no tocante aos aspectos culturais.

Ao se propor aqui tal viés de análise, categoricamente demarca-se a posição de concordância ao caráter contraditório da modernidade. Quer dizer com isso que, conforme aponta Berman, entende-se que:

> *A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade*

> *paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia.* (Berman, 2003: 15)

Em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, Berman não só analisou clássicos como Marx, Nietsche ou Baudelaire, mas tomou como fundamento de sua teoria a maneira "inovadora" de se compreender a modernidade inicializada por estes autores. O fato de serem porta-vozes da modernidade os leva a fazer ao mesmo tempo a apologia e a condenação da modernidade (Machado: 2002). Revela também que estes sentiram a modernidade como um todo, ou seja, enquanto poucos eram consideravelmente modernos, tais autores já desenvolviam consideráveis reflexões sobre o seu contexto e o que seria o tempo de hoje.

Depreende-se da interpretação que Berman faz dos escritos de Marx que está neste filósofo a iniciativa de se compreender a complexidade da realidade que se lhe apresentava e concebê-la *via política*. Em outras palavras, Marx procurou, por meio da abstração, captar a dualidade da vida moderna e como o capitalismo e suas incontáveis manifestações foram capazes de construir grandes riquezas culturais e científicas ao lado de misérias e sofrimentos infinitos.

É em Marx que Berman encontra suporte para sua idéia de modernidade como contraditória em sua base. De Marx, Berman cita:

> *De um lado tiveram acesso à vida, forças industriais e científicas de que nenhuma época anterior, na história da humanidade, chegara a suspeitar. De outro lado, estamos diante de sintomas de decadência que ultrapassam em muito os horrores dos últimos tempos do Império Romano. Em nossos dias, tudo parece estar impregnado do seu contrário. (...) Todas as nossas invenções*

> *e progressos parecem dotar a vida intelectual às forças materiais, estupidificando a vida humana ao nível da força material* (Marx, apud: Berman, 2003: 20).

Partindo dessa citação de Marx, tem-se que é a contradição o princípio da modernidade, uma vez que o indivíduo encontra-se numa situação em que as promessas e possibilidades de desenvolvimento se apresentam como jamais estiveram em outras épocas. Entretanto, fora destas possibilidades, o olhar do filósofo também enxergava uma realidade difícil, de penúria e miséria.

Marshall Berman recupera em Marx algo que se assemelha a uma linearidade histórica, ou, em suas palavras, "Marx, porém, proclama o caráter paradigmático da fé modernista". Marx clama pelos homens de vanguarda da sociedade e os do governo. Enquanto invenção dos tempos modernos, os operários conseguirão "absorver as contradições da modernidade, superar as pressões esmagadoras, os terremotos, as misteriosas distorções, os abismos sociais e pessoais, em cujo interior todos os homens e mulheres são forçados a viver" (Berman, 2003: 01).

Também Machado (2002: 28) refere-se a esse "fatalismo histórico" da Revolução em Marx. Inspirada nas leituras de Berman, diz que Marx ameniza essas contradições da vida moderna, pois "vê nelas a possibilidade mesma do futuro, na medida em que vislumbra a força do proletariado". Afirma decisivamente que:

> *Marx faz a ponte entre o passado e o futuro, nos brindando com uma visão otimista da modernidade. O impulso dialético da modernidade se volta contra seu primitivo agente, a burguesia, e deixa inúmeras interrogações quanto ao seu futuro*. (Machado, 2002: 28)

Berman aprofunda mais ainda sua análise e caracteriza a grande capacidade do uso de imagens e dos fechos em Marx. Afirma que Marx desejava que seus leitores fossem capazes de sentir o que ele escrevia, daí suas recorrências a terremotos, abismos, entre outros argumentos retóricos. Contudo, afirma que se se tomar Marx como um modernista, "perceberemos o impulso dialético que subjaz ao seu pensamento, animando-o, um impulso de **final em aberto**, que se move contra a corrente de seus próprios conceitos e desejos" (Berman, 2003: 21. Grifo nosso).

Berman quer dizer que a Revolução em Marx era um desejo que a todo tempo brigava com a realidade que se lhe apresentava. Se se tomar que é característica dos modernistas a dificuldade em se tomar escolhas[6] visto ser esta decisão dolorosa e empobrecedora, uma vez que é consenso ser tirânica qualquer concepção acabada de mundo, perceber-se-á que Berman toma o conflito existente no interior da consciência de Marx como sendo aquele que se traduz entre o que é real (visão sólida, a modernização) e a que é representada (ou desejada), conceituada, pois, como *visão diluidora* por Berman. Entende-se que este conflito em Marx é próprio de sua condição de porta-voz da modernidade, uma vez que faz apologia à sociedade burguesa[7] ao mesmo tempo em que cria mecanismos teóricos para se criticar ou condenar a modernidade.

Isso, entretanto, não é privilégio de Marx. Também Charles Baudelaire se deixará embriagar pelo charme da sociedade burguesa moderna em alguns momentos, enquanto que em outros, ser-lhe-á um ardoroso crítico, no que se pode enxergar um conflito no interior de sua consciência.

---

[6] Sobre a dificuldade de escolhas próprias da modernidade, acredita-se que Robert Musil apresenta argumentos bastante convincentes em *O homem sem qualidades* (1989).

[7] Berman (2003:155) afirma que Marx e Baudelaire assinalam "a crença burguesa na livre troca, sugerindo que esse ideal seja estendido à esfera da cultura: assim como os monopólios de cartel são um obstáculo à vida e energia econômica, 'os aristocratas do pensamento, os monopolistas das coisas do espírito' sufocarão a vida espiritual e privarão a burguesia das ricas fontes da arte e do pensamento modernos. (…) eis porque eu a chamo de visão pastoral".

Charles Baudelaire, escritor de fino estilo, também percebeu a dualidade que a vida moderna congregava. Foi ele capaz de traduzir esse aspecto através de seus escritos e de sua própria posição frente à vida que se transformava. Baudelaire se diferencia de Marx porque vai se interessar pelo cotidiano e pelo trivial como meio de se compreender a nova ordem instalada na Paris do século XIX. Em suas reflexões, encontram-se a multidão, as ruas, os bulevares, os costumes e a arte. Serão nestas áreas e, através delas, que Baudelaire buscará interpretar o mundo em que vivia.

Transitando em tantos campos, segundo Berman, o poeta de Paris assumirá por vezes posições ambíguas e dúbias. Berman as denomina de *visões pastorais e visões antipastorais* e afirma que a razão dessas diferentes posições está no sentido de que a modernidade com "seu poder de gerar formas de 'shows de aparências', modelos brilhantes, espetáculos glamurosos, tão deslumbrantes (…) [chega mesmo] a cegar os indivíduos mais perspicazes para a premência de sua própria sombra e vida interior" (Berman 2003: 158).

Se se tomarem os elementos eleitos por Baudelaire, assim como suas constantes mudanças de posições, ver-se-á que este foi um dos escritores que mais contribuiu para a compreensão do sentido da modernidade (Berman, 2003).

A multidão que caminha pela rua, os bulevares tomados pelo trânsito rápido, as constantes exposições artísticas, tudo isso constrói uma atmosfera de efemeridade e de passageiro, fluidez e inconstância. As representações de Baudelaire sobre a modernidade assinalam "que o sentido da modernidade é surpreendentemente vago, difícil de determinar" (Berman, 2003: 153).

Interessante é que, para Berman, Baudelaire não foi somente o pioneiro dos modernistas. A sua obra condensa todas as contradições dos modernistas: assim como o poeta é capaz de romper com o conceito de arte – qualidade mais visível por seus estudiosos – também

ele se vê amalgamado nesse enredo, pois com o critério de modernidade *à la* Hegel, acaba por esvaziar:

> *A idéia de modernidade de todo seu peso específico, seu concreto conteúdo histórico. Isso faz de todos e quaisquer tempos 'tempos modernos'; dispersar a modernidade através da história, ironicamente, nos leva a perder de vista as qualidades específicas de nossa própria história moderna* (Berman, 2003: 153).

Estas tensões captadas por Berman nos escritos de Baudelaire reforçam cada vez mais a luta corajosa entre as contradições interiores a que os "porta-vozes" da modernidade estiveram sujeitos. Ao mesmo tempo em que, em *Aos burgueses,* Baudelaire faz uma "celebração aos burgueses, considerando-os inteligentes e dotados de força de vontade e criatividade na indústria, no comércio e nas finanças" (Machado, 2002: 37), posição a que Berman denomina de "as visões pastorais", vê-se também em *Sobre a moderna idéia de progresso aplicado às Belas Artes*, pela primeira vez, Baudelaire "lançar desdém não só sobre a moderna idéia de progresso, mas sobre o pensamento e a vida modernos como um todo" (Berman, 2003: 158).

Essa outra postura do poeta frente ao pensamento e à sociedade moderna (visão antipastoral) se aprofunda ainda mais em *O público moderno e a fotografia*, de 1859. Segundo Berman (2003: 160), nesta obra o poeta terá uma *visão antipastoral* do mundo e uma *visão pastoral* do artista, isto é, o artista como aquele que "intocado, flutua, livre, acima de tudo". Para Baudelaire, a Verdade revelada pela fotografia era inimiga mortal da arte, uma vez que asfixiava o desejo de beleza.

Com o advento da fotografia, que era "capaz de reproduzir a realidade com mais precisão", o público agora procurava na bela pintura não mais o gosto pelo Belo, mas apenas a

Verdade. Para Berman, essa inimizade entre arte e tecnologia levará Baudelaire a atacar não só os fotógrafos, mas também os pintores influenciados pela fotografia. O que Berman assevera e quer que se apreenda não é a intrínseca repugnância do poeta a tudo que seja produto do progresso tecnológico.

Mais importante do que isso _ e que também deve servir nesta pesquisa _ é o cuidado em compreender que atrás de um dualismo (sonho e realidade) podem-se encontrar ricas e complexas relações, posto que entre o que um artista sonha e o que ele vê pode haver influências mútuas e fusões. Em outras palavras, os sonhos são mediados, na maioria das vezes, pelo que se vê, embora se possa sonhar algo diferente do que se vê e deva reconhecer a interdependência entre ambos.

Poder-se-ia acrescentar ao conteúdo que Berman denomina de visão antipastoral o fato de Baudelaire representar em sua poesia sua própria angústia e sofrimento em ver a tecnologia (técnica) juntamente com a modernidade retirando o halo, a aura da arte, destruindo a tradição. O que Benjamin (1994) destacou sobre Baudelaire ter sua obra apreciada, ao passo que o público desprezava os demais poetas de seu tempo, evidencia a ligação existente entre sua vida e obra e seu público contemporâneo. Ele soube entender a perda da humanidade diante de todos os processos desencadeados pela indústria e urbanização do mundo (Menezes, 2002: 230).

Será nos poemas baudelaireanos *Os olhos dos pobres* e *A perda do halo* que Marshall Berman se dedicará a apreender as cenas características da modernidade. Denominadas de *cenas modernas primordiais*, revelam experiências mais do que essenciais _ concretas _ do cotidiano em Paris. Para Berman, essas cenas são tão primordiais que, através da linguagem de Baudelaire, se transformaram em arquétipos da vida moderna. Será trazida, aqui, apenas a discussão do primeiro poema uma vez que esta atende mais explicitamente às dimensões do presente trabalho.

No poema *Os Olhos dos pobres*, Baudelaire narra a história do casal apaixonado que apreciava uma tarde adorável sentado em um café na esquina, em um novo bulevar que se abrira no centro da cidade de Paris. A primeira potencialidade que daí poderia ser ressaltada é a questão da espacialidade: *a cidade passa a ser o* locus *da modernidade por excelência*.

A partir daí, outras temáticas surgem como, por exemplo, o nascimento dos bulevares. Em um momento de remodelação urbanística parisiense, a estadia do casal de namorados em um café, um local público, demonstra quão profundas foram as transformações nos costumes e cultura dos cidadãos de Paris. De repente, os amantes expõem a intimidade em um local público. Nesse sentido, os bulevares de Napoleão III e de Haussman, que acabaram por se transformar em um dos símbolos, senão as mais espetaculares inovações urbanísticas, permitem às pessoas uma nova emoção e sensibilidade.

Os bulevares que foram criados para desafogar o trânsito, além de possibilitar um dos maiores empreendimentos e bens mais valiosos da modernidade _ a velocidade, a rapidez _, foram também decisivos no desalojamento dos "indesejáveis moradores" e na expansão dos negócios (Berman, 2003). Contudo, a cena dos jovens amantes permite também entender que os "bulevares criaram a dicotomia entre o público e o privado, tão cara ao espírito da modernidade". (Machado, 2002: 41).

A volta à cena do jovem casal com Berman (2003: 170) mostrará que:

> *Enquanto se mantém sentados e felizes, olhos nos olhos, os amantes são surpreendidos pelos olhares de outras pessoas. Uma família de pobres, vestida com andrajos _ um pai de barba grisalha, um filho jovem e um bebê _ pára exatamente em frente a eles e observa, embevecida, o brilhante mundo novo, lá dentro.* (Berman, 2003: 170)

A continuidade da cena não diria nada mais a não ser sobre o planejamento urbano expresso nos bulevares ou no ar luxuoso, sonhador e ofuscante pelas luzes dos cafés. Aquele clima mágico da metrópole que permite aos seus cidadãos cenas íntimas sem que sejam notados será complementado com as largas e brilhantes fachadas de néon.

Tudo isso ainda não concebe toda a potencialidade da cena. É justamente no aparecimento da família de pobres que se encontra uma das facetas mais brilhantes dos escritos baudelaireanos. Todas as reformas parisienses não levaram em consideração o futuro dos pobres desalojados:

> *A família em farrapos, do poema baudelaireano, saiu de trás dos detritos, pára e se coloca no centro da cena. O problema não é que eles sejam famintos ou pedintes. O problema é que eles simplesmente não irão embora. Eles querem um lugar à luz* (Berman, 2003: 174).

Para Berman, os escritos de Baudelaire permitem ver que os bulevares de Haussman expuseram as feridas crônicas quando se romperam as crostas do mundo tradicional. Nesse revelar-se contraditório, "a miséria que foi um dia mistério é agora um fato" (Berman, 2003: 174).

O final da cena baudelaireana é digno de comentários. O jovem namorado sente-se incomodado em meio à sua felicidade que se contrapõe à miséria da família. Com isso, ele acaba tendo uma reação de fraternidade para com a família, enquanto a mulher vê naquela família "sujeitos insuportáveis" e que deseja o que os dois amantes possuem. Berman assevera que o

casal reage politicamente diante da cena, pois "a distância entre os amantes não é apenas uma falha de comunicação, mas uma radical oposição ideológica e política" (Berman, 2003: 176).

Essa importante idéia presente no poema é discutida por Berman como arquetípica das contradições da metrópole que ressoa no interior do indivíduo. Depreende-se que as explicações que o namorado dá à mulher por sentir-se distante e amargo em relação a ela estejam vinculadas às diferenças políticas ente ambos:

> *Todavia há outras razões: talvez, quando ele olhou fundo nos olhos dela, tenha de fato, conforme esperava 'lido* ***meus*** *pensamentos ali'. Talvez a despeito de afirmar nobremente sua irmandade com a universal família de olhos, ele partilhe com ela o desprezível desejo de negar relações com os pobres, de pô-los fora do alcance da visão e do espírito. Talvez ele odeie essa mulher porque os olhos dela lhe revelaram uma parte de si mesmo que ele se recusa a enfrentar. Talvez a maior divisão não se dê entre o narrador e sua amante, mas dentro do próprio homem. Se assim é, isso nos mostra como as contradições que animam a cidade moderna ressoam na vida interior do homem na rua* (Berman, 2003: 176. Grifo no original).

Entende-se, então, que a visão antipastoral de Baudelaire é mais rica em detalhes quando se propõe entender os sentidos que a modernidade "ordena". Aproximando Baudelaire e Marx, vê-se que ambos ora possuem certa simpatia para com a burguesia, ora se postam radicalmente críticos às incompletudes e contradições da modernidade. Karl Marx compreendeu a força da nova sociedade que nascia, teceu uma interpretação histórica e depositou seus desejos de

transformação na classe operária _ não sem antes demonstrar seu profundo conhecimento das dificuldades a que se submeteriam essas classes rumo à revolução.

Baudelaire, por sua vez, também compreendeu quão fúteis eram as atitudes reacionárias de homens e mulheres politicamente engajados. Sabia que os pobres jamais seriam assimilados ao conforto moderno e compreendeu que, por definição, a modernidade se dá de forma excludente.

Diante daquela família que invadiu a cena dos amantes, Baudelaire se mostra cauteloso. Reprimi-los não resolveria o problema assim como voltar ao estágio inicial, que significa "recolocar as pessoas, eliminar as fontes de beleza e alegria que a cidade moderna trouxe à existência" (Berman: 2003, 176) também não era a saída mais plausível. Segundo Berman, deve-se fazer como fez o poeta de Paris: esperar por um futuro em que todas as possibilidades sejam partilhadas também por todos.

Noutras palavras, a esperança deve renascer das contradições internas da sociedade moderna e, mesmo que sua duração seja finita, somente a partir da crítica ao idealismo e da crítica à modernidade é que se pode chegar a um equilíbrio.

A seguir, o que se apresenta é uma leitura das discussões sobre a construção da cidade de Goiânia e algumas críticas ao modo como esta foi representada em Goiás, mais particularmente, através do viés da modernização vivenciada a partir da década de 1930, quando se iniciam as etapas da construção. Portanto, traz-se para o Estado de Goiás e a construção de sua Capital Goiânia a discussão sobre modernidade e modernização.

1.3 Goiânia: modernidade e modernização em Goiás.

São abundantes os estudos que se referem aos aspectos modernizadores que o Brasil experimentou ao longo das três primeiras décadas do século XX, principalmente quando os objetos observados são as cidades ou estão relacionados a estas.

Pode se dizer que estes assuntos estão geograficamente delimitados, pois as regiões sul e sudeste do país são temas de um grande número de produções, dentre as quais, o Rio de Janeiro de Pereira Passos, _ centro político-cultural _, ou São Paulo, cidade do trabalho e dos imigrantes europeus, ou Porto Alegre, todas cidades-objetos por excelência.

No centro do país essa preferência é privilegiada, mas cada vez mais esse olhar tem mudado de direções e, em Goiás, Goiânia e Brasília têm sido as portas de entrada para o entendimento não só da política brasileira pós-1930, mas também da mudança cultural da população e do avanço da fronteira brasileira dentro do processo de avanço do capital.

Nars Chaul, em seu livro *A construção de Goiânia e a Transferência da Capital* (1999), afirma que a idéia de transferir a capital do Estado de Goiás da cidade de Vila Boa para outro lugar remonta ao período da exploração do ouro em Goiás. Baseando-se no livro *O século do ouro em Goiás* (2001), de Luis Palacín, Nars Chaul elenca um bom número de declarações que, a despeito de encontrarem grandes problemas de ordem climática, comunicacional, sanitária e econômica, apresentam-se como favoráveis à mudança da capital de Goiás.

Mas será no livro *A cidade dos sonhos: desenvolvimento urbano em Goiás* (2004), uma espécie de revisitação historiográfica do urbano em Goiás, que se pode ver como o tema *cidades* tem se feito presente entre os estudiosos goianos.

Acompanhando o próprio desenvolvimento da produção teórico-científica neste Estado, quando da instalação de cursos de Pós-Graduação na área de Ciências Humanas na Universidade Federal de Goiás, na década de 1970, o estudo sobre cidades goianas liga-se por inteiro ao próprio conhecimento do que *foi* e do que *é* Goiás. Assim, desde a identidade primeira como *Minas dos*

Goyases, o processo intelectual tem sido o de reconstituir Goiás pelo início: a sociedade mineradora, como insistira Palacín (2001: 27).

É observando o interior de outros temas muito abordados em Goiás, como por exemplo o Goiás colonial, a escravidão, o período imperial e o republicano, o coronelismo, as estradas de ferro, entre outros, que Chaul e Silva observam a presença da temática *cidades*. Embora não fossem os temas por referência, há a passagem quase obrigatória pelos pequenos arraiais, vilas e cidades, alguns dos quais "às vezes, só crescem dentro de nós" (Chaul & Silva, 2004: 07).

Esse movimento de estudos que mais recentemente se esboça _ uma vez que a preocupação em *decodificar o ainda inexplorado Goiás do passado se consolidou* _ tem nas cidades objeto privilegiado na compreensão dos fenômenos urbanos, dos "usos e formas" da cidade, nos embates e transformações sociais, no avanço da fronteira e nos aspectos modernizadores do centro-oeste brasileiro.

Evidentemente, esse campo investigativo carece ainda de complementações e estas só se farão presentes se houver uma abertura a novos enfoques tanto documentais quanto temáticos. Exemplo disso é a vasta produção literária em Goiás que trata das cidades, mas que só muito recentemente tem tido espaço aberto para a discussão. Indubitavelmente, este é um profícuo campo para a historiografia goiana.

O vasto número de estudos sobre Goiânia confirma este crescimento de interesse. Mas, enquanto centro das atenções sobre o processo urbanístico do centro-oeste, quase sempre é abordada apenas sob o ponto de vista do entendimento político brasileiro da Marcha para o Oeste e do sucesso ou não da política de Vargas. Não escapam ainda as análises que remetem às permanências de traços coronelistas nos idealizadores de Goiânia, que tem em Pedro Ludovico seu expoente maior. Análises personalizadas de certos políticos, ou ainda, gerais sobre o processo político que culmina com a construção e transferência da Capital, deixam escapar pequenas

sutilezas e aspectos que são responsáveis por uma configuração mais completa das cidades em Goiás.

São necessários, portanto, estudos em que se percebam também as outras cidades, e não somente a Capital, Goiânia, como importante nessa crescente historiografia regional sobre as cidades. Um outro aspecto digno de se destacar é aquele que valoriza estudos que apontem diferentes formas de abordagens das cidades, quais sejam aquelas assentadas na discussão das imagens construídas para as cidades.

Bastante interessantes são as análises que se destacaram pelas questões políticas envolvidas na construção de Goiânia. A recuperação dos (des)caminhos da idéia da mudança da Capital do Estado da Antiga Vila Boa de Goiás e, por conseguinte, da construção de Goiânia, é esclarecedora de um contingencial número de projetos políticos existentes para o Estado, sejam aqueles que se faziam valer dos ideais progressistas ou aqueles que, a seu modo, procuravam manter a ordem estabelecida.

O assunto toma ares mais decisivos a partir da década de 1930, quando o contexto político favorece e os ideais mudancistas são requisitados com toda força. Chaul (1999: 68) habilmente revela que "o que andava nas cabeças e nas bocas era a disputa, entre os próprios revolucionários, pelo controle político do Estado". Isso demonstra que as questões políticas em torno da construção de Goiânia se faziam presente entre os membros do grupo que se dizia revolucionário em 1930. Chaul observa que o direcionamento dos ataques de Pedro Ludovico às deficiências da Cidade de Goiás:

> *Não simbolizava apenas ataques à cidade decadente, mas sim ao centro do poder da oligarquia que se desejava apear, de uma vez por todas, da liderança política do Estado. Atacar Goiás era uma forma de atacar os Caiados; era*

> *uma maneira de atacar o núcleo de poder da Primeira República.* (Chaul 1999: 78-9)

Obviamente, o interventor Pedro Ludovico, conforme ressalta Chaul, fez uso dos ideais progressistas para assim ganhar o apoio da população. Falando sempre em nome do progresso, dos aspectos modernizadores e das benesses advindas com a nova Capital, tornou-se um porta-voz regional da modernidade. Transformou sonhos e esperanças em um projeto de todos e fez da Capital Goiânia um símbolo de um novo tempo e imagem do progresso. Essa proposta juntou-se ao ímpeto das oligarquias dissidentes e à marcha desenvolvimentista de Vargas: era a Capital a junção de desejos em níveis nacional e regional.

Chaul retoma outro aspecto da construção de Goiânia que é a imaginação utópica. O discurso dos mudancistas haveria de se respaldar nas promessas de dias melhores, na concretização de sonhos e esperanças. Estas aspirações são encabeçadas pelos ideais liberais e é mais que evidente que os políticos goianos souberam tirar proveito disso para se consolidarem, visto que a nova capital significaria um novo centro de poder e um grande passo na afirmação no poder. A construção de Goiânia era, para os arautos de 1930, o que de mais moderno se podia fazer, tanto na política e na saúde, quanto na economia e na cultura.

Eugênio Rezende de Carvalho confirma que o estudo das cidades em Goiás ainda carece de novas investigações. Goiânia, de longe a mais descrita e analisada de todas as cidades goianas ou, a que mais despertou compreensões (algumas apaixonadas), seja por parte dos seus idealizadores, literatos ou mesmo cientistas:

> *Constitui-se ainda num instigante e desafiador campo de trabalho para a historiografia goiana, seja pelas lacunas e limites impostos pelas fontes*

> *tradicionalmente pesquisadas, seja pelas polêmicas que o tema suscita no âmbito da história de Goiás* (Carvalho 2002: 153).

Essa constatação de que o estudo sobre as cidades em Goiás inicia um círculo de debate científico se evidencia pelas diferentes visões construídas acerca do processo histórico de construção das cidades em Goiás: o grande número de interpretações sobre esse processo, no caso específico da capital Goiânia, é exemplar desse redirecionamento dos estudos.

É bem verdade que a maioria das publicações, que neste momento estão disponíveis, se refira ao processo histórico da capital, mas também não deixa de ser importante mencionar que outras cidades _ algumas delas patrimônios históricos arquitetônicos e culturais reconhecidas internacionalmente _ têm recebido atenção, ainda que o estudioso precise ser, quase sempre, natural daquela cidade.

Se antes a centralização era pelas cidades da região sul e sudeste, agora a tentativa é descentralizar Brasília e Goiânia das principais discussões acadêmicas. Resultados têm aparecido, como o livro *As cidades dos sonhos* (2004), que dedica a maior parte de seu conteúdo às cidades do interior de Goiás, embora apenas o texto sobre Pires do Rio seja inovador no sentido de fugir da "seleção natural", ou seja, as cidades estudadas geralmente são Goiânia ou Brasília ou aquelas de passado colonial.

Reclama-se, assim, uma abertura aos estudos de outras cidades que não se encaixem no esquema "símbolo da modernidade ou cidades coloniais". Mesmo que algumas delas só existam dentro da gente, como lembrou Chaul & Silva, ainda assim parte da história das idéias e projetos políticos de Goiás pode estar para ser escrito e desvendado quando a cegueira da modernidade e do passado colonial atentar às outras realidades deste Estado.

Para o debate em torno da construção da nova Capital, as discussões e interpretações de Goiânia como rompimento com a idéia de atraso e decadência; justificativa para a revolução de 1930 em Goiás; símbolo do progresso e da modernidade e como utopia realizada (Carvalho, 2002: 154) têm se revelado os temas de maior interesse.

Goiânia foi ainda trabalhada na perspectiva de integração de Goiás à Nação brasileira. Para Eliane M. C. M. Pereira:

> *Goiânia representou a concretização de um discurso e momento em que o símbolo se corporificou e se transformou em um marco de uma política nacionalista: o Brasil civilizado, a partir da integração de suas regiões, pretendia marchar, a passos largos, rumo ao progresso e à civilização, rompendo, definitivamente, com um passado de inferioridade diante do mundo civilizado.* (Pereira, 2002: 52)

Foi desse movimento que Goiânia surgiu como pensamento que se associava ao moderno, ao desenvolvimento e à integração da Nação. A construção da nova capital passou a representar para a Nação brasileira a integração de suas regiões, voltando-se para o seu interior. Era o momento de o Brasil se conhecer e se definir enquanto Estado-Nação. Pedro Ludovico considerava comuns os objetivos do Estado de Goiás e os da Nação brasileira. Regionalmente, Goiânia simbolizava o fim de uma herança colonial e de tradições européias, enquanto que nacionalmente representava o resultado de um ideal, a materialização concreta da ideologia desenvolvimentista do governo de Getúlio Vargas.

Essas correntes interpretativas sobre a cidade de Goiânia, abordagens histórico-historiográficas, são complementadas por outras como a sociológica e a geográfica, que se

ocupam mais do processo de urbanização e de seus impactos sócio-ambientais. Segundo Adão de Oliveira[8] (2005) há uma outra corrente que é aquela da Arquitetura e Urbanismo, cujos autores estão preocupados com o traçado da cidade planejada e da cidade aleatória.

Para Oliveira, a cidade Goiânia surgiu dentro da lógica de mercado e da reprodução do capital. Para tornar plausível essa afirmação, o autor discute as fases da formação do espaço urbano de Goiânia, trabalhando com uma bibliografia pautada nos aspectos sociológicos e geográficos e também nas discussões levantadas pela Arquitetura e pelo Urbanismo.

Observa-se, no conjunto de bibliografia revista, que a perspectiva foi avançar para além dos debates histórico-historiográficos e tratar a cidade de forma mais ampla, sem que com isso, é óbvio, se menosprezasse a dimensão histórica de todo o processo. Essa perspectiva ampliada consiste em fazer uma relação da cidade, após sua implantação, com o desenrolar do projeto político de seus idealizadores. Em certos momentos, nota-se a preocupação em verificar o cumprimento ou não do planejamento inicial.

Após tais abordagens, há uma tentativa de se compreender as implicações do fim da desobediência ao plano definido para o conjunto da cidade. É o momento da privatização do solo urbano de Goiânia pelos proprietários de terras e pelo capital imobiliário. Dependendo dos autores a que Oliveira recorre, a periodização varia em avanço e recuo em alguns anos.

Unanimemente, para os autores analisados por Oliveira é na década de 1970, que as macro-políticas dos militares privilegiam o capital financeiro e a indústria da construção civil. Esse foi o momento da verticalização habitacional demonstrada na fundação de condomínios verticais (um total de 28) em detrimento dos conjuntos habitacionais e dos loteamentos particulares. Mesmo tendo privilegiado o capital financeiro, é necessário dizer que isso não significou o fim da acumulação levada a cabo pelo capital imobiliário.

---

[8] Site www.ippur.ufrj.br/observatorio/textos.htm - go_cid_cap.pdf . Acesso em 18 de março de 2005.

Em linhas gerais, a bibliografia apresentada por Oliveira discute algumas etapas da formação do espaço urbano de Goiânia, baseando-se em aspectos econômicos e políticos nacionais: a ditadura, o êxodo rural e a expropriação, entre outros. Obviamente, essa outra perspectiva interpretativa enriquece o debate sobre o processo de conhecimento e construção da capital, pois procura compreendê-la em consonância aos projetos econômicos e políticos brasileiros.

A discussão a seguir também envereda por esse caminho, qual seja aquele de mostrar Goiânia em relação a um período nacional _ ditadura _ mas vista sob a perspectiva não da formação do espaço urbano e sim da condição do homem, de seu ser e estar em uma realidade repressora, alienada e com poucas esperanças. Para essa discussão, recorre-se ao conto "*Os cães e a rede"* [9] do escritor Braz José Coelho (1986), que se refere a Goiânia de duas maneiras: foi escrito no período da estadia do escritor na Capital e tem como ambiente a cidade.

Em 1975, elaborou-se a última versão deste conto que dá nome ao livro publicado em sua primeira edição no ano de 1975. A obra contém cinco contos, todos eles perpassando temáticas como as da alienação, da caminhada por um caminho ou estrada às vezes obscura e sem saída, do trajeto difícil e angustiante das pessoas ao longo de sua existência. É um livro que se preocupa com o ser humano na sua excelência, isto é, na tentativa de compreender a formação do espírito do homem, da formação ideológica e política do homem que vive o século XX perdido na sua individualidade e anonimato, seja frente às pessoas da cidade grande ou no aparente isolamento das cidades do interior.

Do livro, apenas o conto "Os cães e rede" se apresenta como mais pertinente para ser discutido neste momento, porque faz uma referência explícita ao período de vivência do autor na

[9] Para diferenciar o conto do livro, uma vez que ambos têm o mesmo nome, a partir desse momento, sempre que se referir ao conto, usar-se-ão letras não destacadas. Quando se remeter ao livro, usar-se-ão letras em itálico.

cidade de Goiânia e também porque nele o autor trata da questão política dos anos 1970, sob a perspectiva da alienação frente à sociedade que vivia os anos de chumbo da ditadura.

Neste sentido, a preocupação não é tentar ver a presença do contexto histórico no conto, embora isso seja flagrante: a ditadura é o pano de fundo da narrativa. Como lembrava Antônio Cândido, em *Literatura e Sociedade*:

> *De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependia de ela exprimir ou não certo aspecto de realidade, e que este aspecto construía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerando inoperante como elemento de compreensão. Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas...* (Cândido, 2000: 5).

Com isso, o objetivo da análise deste conto é trabalhar fontes diferentes das até então utilizadas, construindo uma outra possibilidade de interpretação da cidade de Goiânia, que não aquelas que valorizam e se preocupam apenas com os aspectos relacionados à obediência ao planejamento inicial da Capital, ou ainda, que se detêm sobre os desastres ecológicos e ambientais concretizados com o crescimento desordenado da cidade. De algum modo, essa visão procura se distanciar dos condicionamentos políticos e econômicos (embora não os negue como importantes) como únicos na configuração dos habitantes de Goiânia durante o período ditatorial do Brasil.

A preocupação, então, não é relacionar as decisões políticas e econômicas dos militares com a organização da cidade. Entende-se que as cidades, não são formadas apenas por casas, portanto, somente pela parte material, mas devem compreender principalmente os cidadãos. Neste sentido, a Goiânia aqui analisada é a do período da ditadura, mas o foco não é a parte material em si_ o que Oliveira denominou de verticalização _, e sim a relação do ser humano com essa conjuntura que, obviamente, inclui os aspectos econômicos, políticos e ideológicos. É o homem internamente envolvido nesses aspectos e não fora deles, como tende a aparecer nas discussões recentes, o objeto pesquisado.

Os cães e a rede é a obra literária mais conhecida do autor, seja por marcar uma reviravolta quanto à "evolução da narrativa curta em Goiás", como salienta Heleno Godói na 4ª edição do livro, seja por se sustentar em outras tematizações que não aquelas dos peões e caboclos goianos, referência que em *Peonagem e Cabroeira*, de 1971, o aproximava da corrente regionalista de Hugo de Carvalho Ramos voltada para o pitoresco e folclórico.

Naquilo que Antônio Cândido chama de *texto e contexto*, pode-se dizer que *Os cães e a rede* representa uma evolução da literatura do autor, uma abertura a outras estruturações e temáticas.

Outros aspectos também devem ser relevados, quais sejam aqueles do remetimento do conto aos aspectos sociais (elementos externos) e os aspectos internos de estruturação (fatores internos). Endossando o que afirma Cândido, entende-se que *"*a capacidade que os textos possuem de convencer depende mais da sua organização própria que da referência ao mundo exterior, pois este só ganha vida na obra literária se for devidamente reordenado pela fatura" (Cândido 2004: 10).

Enredos inseridos na realidade, reconhecíveis talvez em cada página de um livro não podem obscurecer o trabalho do autor que, sobretudo, elaborou recursos que seriam utilizados

para criar no leitor a impressão de verdade. Não resta dúvida que o autor está inserido ele também em uma realidade objetiva. Por isso mesmo, ela o influencia seja na formação ideológica ou literária. Entretanto, analisar esse "recado do escritor" e, ainda, reiterar sua geração de um novo mundo no terreno da fantasia (da representação literária) de modo que a realidade originária possa ser melhor compreendida, é o labor de que não pode se furtar qualquer análise crítica.

Dizer que o conto "Os cães e a rede" retrata o período da ditadura no Brasil, a partir de uma realidade específica que é aquela da cidade de Goiânia, não avança muito. Afirmar que há uma preocupação do autor para com o ambiente social da repressão, ou ainda, que o título do conto, bem como a capa do livro, seja uma metáfora da repressão, não parece sair do lugar comum.

Esses aspectos elencados saltam aos olhos e qualquer leitura mais atenta deles tomaria conhecimento. Integrar conteúdo à forma, de maneira que a obra não se reduza a apenas conteúdo é o desafio. Há uma tendência em se transformar a obra literária em documento na medida em que ela retrata uma realidade histórica. Nesse sentido, somente teria valor analítico as obras que contivessem vínculos com um fermento de crítica social.

Isso é perceptível no conto em questão. A ditadura, como já se disse, é o pano de fundo. Entretanto, para dizer da cidade e do homem goianiense desse período, o autor não faz um manual didático explicativo-descritivo. Antes, utiliza recursos outros para "instigar" no leitor a sensação de verdade. São esses recursos combinados com o conteúdo que Antônio Cândido quer que se apreendam ao analisar obras literárias. Reitera que o caminho é fundir:

> *Texto e contexto numa interpretação dialética íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo.* (Cândido, 2000: 06)

Posto isso, acredita-se que o conto "Os cães e a rede" possui aquilo que o próprio autor postulou em uma entrevista: "O escritor tem que ter duas coisas: ele tem que ter… vamos dizer assim,… ele tem que ter *o que contar* e ter o *como* contar, certo?" (Coelho, entrevista em maio de 2004).

Essas preocupações de Coelho se inserem dentro da perspectiva proposta por Cândido de *texto* [o que contar] e *contexto* [como contar] e não podem ser menosprezadas porque são indissociáveis. A Goiânia do período da ditadura a que o conto se remete é aquela que tem seus problemas de transporte, de falta de empregos e de misérias, entre outros. Sem se dar conta, o leitor do conto "Os cães e a rede" é colocado frente a uma representação da realidade que traz à tona situações vividas por muitos durante o regime repressor. Ressalta-se que a idéia da alienação a que os indivíduos se submetem durante o período do regime de ditadura e a repressão levada a cabo àqueles que procuram sair das amarras dessa "rede" são temas do conto.

Tudo isso se revela na história de um pai que, na espera do ônibus sob um sol do meio dia que parecia querer derreter as coisas, vê a atitude de homens, empregados da prefeitura, apreendendo em redes de malhas e depois arrastando e colocando na carroceria de uma camioneta preta cães vadios que perambulavam pelas ruas.

Os ganidos dos cães se debatendo dentro da carrocinha por falta de espaço livre fizeram com que o pai tentasse refletir sobre seu dia e sua vida. Nisso, lembrou das recomendações do filho que, doente, não podia sair de casa nem ir à escola com os colegas. Mesmo doente, recomendou ao pai uma caixa de lápis de cor para continuar seus desenhos. O pai pensou no futuro e viu no filho a esperança, mas compreende-se que era uma esperança doente e, ali mesmo, explicações confusas vieram à mente do pai. A sua "esperança" ficava todo dia presa em um

quarto de apartamento, limitado ao seu mundo, e limitando-se a desenhar. O pai não conseguia entender ou buscar explicações para a situação em que se encontrava junto com sua família.

Ao adentrar o ônibus, sempre superlotado, as coisas não melhoravam. Todos ali eram como os cães dentro da carrocinha. Na freada do ônibus, as pessoas tentavam se equilibrar segurando no teto e, espremidas, esbarravam-se, empurravam-se e também davam seus ganidos; xingavam-se.

A comparação que o autor faz das redes que aprisionam cães com as redes do sistema que alienam as pessoas se torna mais evidente:

> *Apenas os empurrões. Os cães latiam, brigavam procurando se firmarem nas pernas, a camioneta em movimento _ e sentiam a presença dos outros pelo incômodo de que era feita essa presença. Nos arrancos do ônibus as surpresas se faziam, concretizavam-se presenças não esperadas.* (Coelho, 1986: 60).

Assim como cães eram pegos de surpresa por homens em uma camioneta preta, também no ônibus, de surpresa, presenças não esperadas podiam aparecer. Pela identificação que se processa entre homens e cães, fica evidenciado que as redes que aprisionavam cães eram as que amealhavam os homens.

Depois de feito o percurso da periferia ao centro, ao descer do ônibus e entrar na loja para comprar o presente para o filho, acabou se decidindo por um bem mais caro, uma vez que o apelo comercial do balconista lhe convencera a levar aquele presente. Resolveu outras coisas e se pôs de volta para casa. No caminho de volta, ainda viu algumas crianças na rua sendo perseguidas por homens de preto que as arrastavam para uma camioneta de cor preta. No choro das crianças,

lembrou-se da criança que ainda no ponto de ônibus agarrava-se à avó e chorava com medo dos homens levarem o seu pequeno cachorro.

Ao voltar da rua para casa, passou logo pelo porteiro e começou a subir os degraus:

> *Sentia-se presa de grande tumulto; no alto estaria alguma coisa confusa que não chegava a atinar bem o que era, os pés batiam nos degraus levando-lhe o corpo e não tinha consciência de ser arrastado. Era como se a rede depois de tê-lo apanhado o arrastasse _ e não sabia para onde era arrastado, sendo levado vagarosamente, os pés nos degraus cada vez mais pesados.* (Coelho, 1986: 64).

É possível notar como o autor faz um jogo relacionando as prisões dos cães às redes que aprisionam os homens. Com a personagem do pai, o autor mostra esse indivíduo aprisionado, sem saber o que fazer, envolto nessa gama conflituosa. Ao mesmo tempo em que procura entender a realidade que o cerca, o pai deixa-se levar pelos apelos comerciais do balconista, tornando-se manipulável pelo capital que o faz ter necessidades. Da mesma maneira que a sociedade é contraditória, e porque não os homens, também os personagens são contraditórios.

Ainda nos degraus da escada em aspiral _ criação da verticalização dos anos de 1960 e 1970, que cria nas pessoas a sensação ou ilusão de não estar subindo, isto é, o formato em aspiral retira das pessoas a capacidade de perceber um esforço no subir, portanto, é comparada a um fruto do sistema que também aliena as pessoas _ o pai reviveu todo o seu dia:

> *E sentiu uma vontade enorme de chorar; o ônibus atrasava, os cães ganiam, o filho desenhava perdido num mundo de figuras sofridas e paisagens*

> *esqueléticas; linhas cruzavam-se criando uma humanidade presa nas malhas disformes de uma rede feita pelas próprias linhas que marcavam os contornos das figuras dos homens; os cães e as crianças numa superposição de imagens nas redes febris de seu cérebro – e não apenas as crianças, de mistura aos cães, todos eles; a humanidade inteira gania como cães perdidos sem coleira vagando pelas ruas, nas latas de lixo, se esbarrando, cada vez mais se comprimindo na busca de espaço, as malhas de uma rede invisível se contraindo e arrebanhando a todos, estreitando como uma jibóia, calma, lenta, apertando devagar a presa em seus anéis – a vida não fora criada à imagem e semelhança da compaixão humana*. (Coelho, 1986: 65).

As sensações de prisão vinham à mente do pai, mas não conseguia ter consciência de sua exaustão, tinha dificuldade em abstrair as forças invisíveis que causavam a sensação de estar sendo perseguido. Por isso, fugia e se escondia em si mesmo. A personagem do pai sente a realidade, mas não a compreende e, se não a compreende, não a questiona; apenas foge.

O pai percebia que algo o impedia de ir além: não conseguia, por exemplo, compreender as figuras desenhadas pelo filho, em que linhas cruzavam linhas no limite das folhas. Figuras retorcidas e esqueléticas, clamando vida e requisitando espaço nas folhas. Desnudava-se ali um mundo de opressão em que algumas figuras se sobrepunham a outras; linhas que se cruzavam formando redes. Tudo aquilo era confuso para o pai: tudo se resumia em uma mistura de linhas e cores.

Neste sentido, pode-se pensar que há uma identificação dos desenhos do filho com os "limites" a que a sociedade estava enredada. Os limites das folhas recriam os limites dos indivíduos e as perdas dos horizontes são reveladas nas figuras sem poderem se expandir. Neste

aspecto, os desenhos do filho seriam compreendidos enquanto arte e, por meio deles, se expressa um sentimento, uma identidade. A arte teve papel importante na contestação do regime e os desenhos do filho são maneiras de exprimir seus recalques e individualidade.

Seus desenhos eram formas de libertar-se da prisão do quarto e da doença. Era neles que se exprimiam os sentimentos e, através deles, fazia-se uma leitura do seu mundo. "Sem eles [os lápis de cor que pedira ao pai] não poderia libertar os demônios que se debatiam enredados em seu interior" (Coelho, 1986: 68-9). O pai não compreendia os desenhos do filho porque era um alienado e exemplo disso é que:

> *O mundo se interpunha entre ele e o filho criando um muro de cães, camioneta preta, homens de terno escuros e gravatas listradas e crianças atropeladas, a rede, a rede, a rede num entrançado de linhas das figuras do filho puxando peixes, puxando o filho que se debate sufocado como peixe* (Coelho, 1986: 69).

O muro de cães, representando as barreiras e os limites que o regime impunha, era preciso ser vencido e a maneira entendida pelo pai foi subir as escadas que o levavam mais para o alto de onde sentia que não havia mais perigo e que ninguém ou nada lhe poderia causar mal; ali não havia mais barreira. Da cobertura do prédio tinha uma visão da totalidade da cidade e se sentia seguro. Dali via a tarde cair e, encostado no parapeito do edifício, "levantou os braços, cruzou as mãos atrás da nuca _ e saltou; e saltou no vazio; no vazio _ talvez uma resposta. Bateu no chão como uma surpresa…" (Coelho, 1986: 69).

A alienação do pai o levou a fugir, sua derrota o levou ao suicídio. Instigante é o fato de ali no chão, junto ao pai, estar a caixa de madeira que abrigava os lápis de cor do menino, denotando que a possibilidade, ou o futuro que o filho representava, seja em termos de esperança,

ou através de seus desenhos como forma de procurar a liberdade, tudo isso estava perdido no meio da rua. O suicídio representa a abstenção da luta, a continuação e a submissão ao sistema.

Para além deste contexto social da cidade e da ditadura, isto é, da vivência agressiva da cidade que o conto revela, o autor, enfatiza que as metáforas do "bater no chão" indicam uma vivência na cidade de Goiânia enquanto lá morava na década de 1960 e 1970:

> Q*uer dizer, eu sentia isso naquele ambiente universitário, principalmente em que alguns colegas eram presos, uns sumiram, outros eram torturados… Quando soltava, a gente ficava sabendo da tortura que eles passavam. Tudo! Eles contavam para a gente. Então, esse medo que a gente tinha na época do terror, né?(...) E a idéia também era a da alienação. Quer dizer… aquela vida de cidade, a rede pegando todo mundo (...) essas relações da violência da cidade, da cidade violentando as pessoas. E as pessoas não percebem isso, que estão sendo alienadas.* (Coelho, entrevista maio de 2004.).

Os fatores externos, digam-se sociais, se apresentam. Resta discutir os recursos estilísticos a que remete o autor para que a obra saísse da descrição ou não passasse de uma reportagem. As análises ou inferências que aqui se faz aparecem no conto como sugestão, de modo que é o leitor quem vai tirar suas conclusões e sentir o que o narrador aponta. E esse *não contar declarado*, mas deixar sugerido, é o que faz do conto esse algo mágico que incita leituras diversas em quantos leitores tiver.

O conto, escrito em terceira pessoa permite a sensação de aperto e opressão ao recorrer ao tempo ambiente, na medida em que o sol parecia querer derreter as coisas. Aquele calor sufocava as pessoas e as deixava impacientes. A superlotação dos ônibus é também utilizada para

sugerir um clima de arrocho em todos os sentidos, seja aquele do AI – 5 ou ainda o do êxodo rural, que fazia as pessoas se apertarem nas cidades.

Os raríssimos diálogos, quando acontecem, como, por exemplo, entre a criança e a avó durante a estadia no ponto de ônibus, sugerem a idéia (ou a leitura) que a população teria dos "cães" que contestavam o regime. Ao responder para a criança que só os "cães" vadios seriam apreendidos, deixa transparecer o que certa parcela da sociedade pensava sobre os contestadores. Interessante também é a caracterização da velha: ela é uma senhora de cabeça branca. Isso sugere que ela, ao responder à neta, fosse a representação de uma opinião formada já há algum tempo. Sugere também, neste caso específico, que ela fosse a representação da boa e velha política, já velha e tradicional, mas sempre marcando espaço e emitindo posição.

A raridade dos diálogos também pode ser pensada no sentido de sugerir que as reuniões e os debates fossem sempre "vigiados" e, neste sentido, a narrativa em terceira pessoa responde a esta questão, isto é, de não se revelar pessoalmente no *eu* ou no *nós*.

Sobre a sensação de terror e opressão, os desenhos do filho são singulares. Eles são transfigurações da sociedade da época marcada pelas imposições de limites de expressão. As figuras que o filho desenhava careciam de espaço para se expandir e, por isso, as linhas se cruzavam formando um emaranhado no estilo de uma rede. Os seus sentimentos ficavam aprisionados sem possibilidade de expressão. Na rede tecida pelos seus desenhos, estava a representação das malhas que o prendiam. A sociedade era prisioneira das redes que o regime militar impunha.

Os lápis de cera que não chegaram a ser entregues ao filho são indicadores da continuidade da opressão. Através da sua arte de desenhar, o filho procurava e ao mesmo tempo inventava a liberdade porque, lápis e liberdade aparecem de maneira a indicar uma situação comumente posta em prática: a censura. "Cada vez mais alto; e quanto mais subia, mais sentia a

pressão do mundo sobre seus ombros, achatando-o a cada degrau. O filho queria uma caixa de **lap. _** o estojo era de madeira **trab,** uma paisagem em **alto rel"** (Coelho, 1986: 61. grifo nosso).

Pode-se perceber pelas palavras cortadas ao meio, isto é, retiradas de sua totalidade, que há uma referência ao controle, donde o lap.[lápis] entendido como instrumento na produção artística é assim colocado no texto pretendendo inferir sobre o controle desse segmento social. Entende-se que cortadas ao meio eram as manifestações artísticas; censuradas, neste caso, eram as produções que pusessem em cheque a política dos militares. O indicativo da censura na palavra lap.[lápis] ambiciona ir mais além e atingir as manifestações culturais e artísticas que foram tolhidas do público.

Também é o caso da palavra trab.[trabalho]. Numa referência aos movimentos dos trabalhadores, o controle que se procurava ter sobre eles é sugerido pelo corte da palavra. As idéias socialistas dos movimentos dos trabalhadores foram, sem dúvida, a parte mais controlada pelo regime e, por isso, o autor utiliza o recurso que a ficção permite e, assim, manifesta sua posição de repúdio.

Se se toma a palavra relevo como aquilo que *sobressai*; *distingue-se* ou ainda que ganha *importância* e *evidência*, compreende-se como há uma transposição do corte efetuado na palavra **alto rel.** [alto-relevo] para com tudo aquilo que se distinguisse ou tivesse importância. Há uma outra maneira de se entender **alto-rel**. A imagem acústica desta palavra pode sugerir a seqüência sonora "auto-réu", cujo significado aponta para réu de si mesmo. Este sentido, associado à idéia de alta distinção, importância conferida à caixa de lápis de cor, também sugere que o objeto que lhe pareceu de valor singular será seu aprisionamento. A um olhar rápido desta figuratividade da linguagem pela forma pode parecer, em um primeiro momento, uma contradição da escrita, mas quer dizer, ao contrário, o paradoxo em que vivia o personagem. Tem-se que qualquer ato de alta

relevância poderia se transformar em auto-rel.[auto réu], ainda que não tomar tal atitude significasse também a alienação, isto é, tornar-se réu de si mesmo.

Esse indicativo de censura, que por ora se analisa, irá aparecer cinco páginas depois de forma mais explícita, uma vez que a palavra "censurada" pelo autor é liberdade:

> *Ligeiro, as mãos no capô do carro que estava estacionado rente a calçada, deu uma pirueta e se projetou para a rua, na busca de* ***liberd*** *– os pneus ganiram como cães sendo açoitados, um ganido horrível de quem na surpresa encontra a desgraça.* (Coelho, 1986: 66. grifo nosso).

Interessante notar aqui que as ruas da capital goianiense também abrigavam crianças que "ficavam vadiando pelas ruas, maltrapilhas, pés descalços e sujos" (Coelho, 1986:65). Essas crianças vão ser perseguidas por seguranças que vestiam ternos pretos e, quando presas, levadas para uma camioneta também de cor preta. É significativo notar que a camioneta que aprisionava os cães e a que aprisionava as crianças tinham a mesma cor de luto: preta. É dessa cena que o autor retira elementos para tratar da liberdade. Na luta injusta e desigual da criança com o homem de terno preto, aconteceu de o mais frágil [no caso a criança] levar vantagem. Ao soltar-se das mãos que a aprisionavam, a criança saiu em disparada em busca da liberdade. A rua pela frente, que significava espaço livre, é também a que lhe faz prisioneira: *o ganido dos pneus do carro indica a morte por atropelamento.*

A liberd.[liberdade] incompleta não se faz apenas naquela criança morta por atropelamento. E quantos símbolos do futuro não foram atropelados no seu desejo de espaço livre, de liberdade? Atropelados pelo sistema capitalista que prefere um povo alienado a um

consciente e, pelo regime militar, estão todos que têm suas liberdades, em todos os seus níveis, cerceados por políticas de caráter repressor.

Outro ponto a destacar é sobre uma metáfora que perpassa todo o conto, do início ao fim. O conto começa com a metáfora "*bateu no chão* como uma surpresa" e fecha com essa mesma frase. A relação existente entre essas duas passagens é reveladora de traços da estrutura do texto. Começar o conto com uma frase que se refere a bater, portanto, uma frase forte para o ambiente da época, e com essa mesma frase fechar o conto, pode ser indicador da postura dos envolvidos diretamente com o regime. Pode também fundamentar a intenção do autor de conferir à sua produção a sensação de profunda opressão na qual viviam todos, principalmente aquelas pessoas que procuravam *ir além*, isto é, compreender as entranhas dessa rede que os aprisionava. Como salienta Cândido, ao tentar integrar o conteúdo à forma, é necessário que a forma também indicie a referência ao mundo exterior de que fala o escritor.

Neste caso, o autor não disse explicitamente que o ambiente era de contenção das liberdades individuais, mas deixou sugerido através da *forma como teceu seu texto* que se vivia um momento de extrema repressão.

Deste modo, a ditadura e o sistema capitalista que eram elementos externos, posto que identificáveis na sociedade, passam a fazer parte da estrutura do conto, tornando-se, portanto, elementos internos e, por conseguinte, indissociáveis. O fator social, identificável com a ditadura e o sistema capitalista, deixa de ser apenas ilustrativo, na medida em que servia para um enquadramento histórico da obra, para ser compreendido como fator interno do conto. (Cândido, 2000).

O que antes era um elemento que permitia a expressão de certa realidade passa a ser um dos muitos elementos que compõem o todo da obra, de modo que os fatores sociais já não explicam tudo.

Goiânia vista deste ângulo, lugar em que as coisas acontecem, onde homens têm suas histórias, algumas de sofrimento e lutas, outras de abnegação à vida, parece ser mais humana, senão destituída da aura de cidade de edifícios históricos, de avenidas e radiais que cruzam avenidas que cruzam ruas que levam a outras ruas que terminam em ruas sem homens. O homem faz a história, mas também é feito por ela.

O dogmatismo documental sempre tolhe outras análises que, por isso mesmo, não vêem as fontes literárias como indícios e vestígios, a seu modo, das quais o historiador pode se utilizar.

Ainda que algumas "cidades só cresçam dentro de nós", assim mesmo são cidades. O que diria Ítalo Calvino com suas "cidades invisíveis" senão aquelas que a memória e a subjetividade teceram ao longo do tempo? Enquanto fator humano, memória e subjetividade precisam ser investigadas e não é a presença destes aspectos que farão de algumas apenas *cidades-objetos*.

Todas as cidades têm seus guardiões da memória e seus lugares de memória. Com a capital Goiânia não é diferente e com as cidades do interior também não. As diferenças também existem, mas acredita-se que elas estejam menos na grandiosidade territorial do que no desejo de alguns.

Por se trabalhar com a noção de *aspectos modernizadores*, o que, sem dúvida, marca um limite nas semelhanças, busca-se agora compreender como imagens de uma cidade _ no caso, Catalão _ em vias de modernização, se confrontam. Essas análises de imagens alicerçam-se na mudança dos discursos políticos para a cidade. Essas mudanças nos discursos terão seu ponto máximo na década de 1950, mais especificamente em 1959 quando das comemorações do centenário, já que este foi utilizado pela elite política local, que se encontrava no poder, como marco delimitador de épocas. O centenário representa o momento de publicizar as idéias dessa classe de modo a tornar geral um projeto que é particular. A análise dos artigos presentes no

Jornal Gazeta do Triângulo e a delimitação de quem é esse grupo modernizador e progressista é o caminho percorrido para se dimensionar que imagem de cidade se constrói para Catalão.

Cabe ressaltar que essa imagem de cidade responde a certos anseios e opções políticas e, por isso mesmo, a mesma nasce do seio de um grupo de políticos locais que tem interesses reais em se manter no poder revestido agora de um discurso progressista e modernizador.

Capítulo II

Centenário de Catalão: de cidade "colonial" à transformação em cidade do progresso.

A cidade de Catalão, no final da década de 1950, quando ainda mantinha em sua área territorial os municípios de Ouvidor, Três Ranchos e Davinópolis, contava com uma população de 30.652 habitantes (IBGE). Evidente, esse número sofrerá um decréscimo quando, em 1953, os dois primeiros e, em 1963, o último município, conquistarem sua emancipação política.

Esse dado, associado à redução do número de habitantes, freqüentemente, aparece como a evidência de que, a partir de 1930 e perdurando até 1970, a cidade de Catalão experimentará "um sabor amargo, pouco conhecido na região: o desvio do progresso" (Chaul, 1994: 47).

Os anos de vasto crescimento, como de 1917 a 1921, em que a cidade foi a que mais rendeu aos cofres do Estado, ou até 1929, quando perdeu o primeiro lugar para Morrinhos, mas ainda se manteve entre as mais bem desenvolvidas _ não se repetiriam depois de 1930. O padrão mais utilizado para afirmar tal constatação é o de que Catalão já não mais ocupava o rol das cidades goianas em desenvolvimento, porque este era alavancado pelo *boom* do crescimento induzido pela Estrada de Ferro e, já nesta época, outras cidades haviam tomado seu posto.

Chaul refere-se a Catalão, neste momento, de forma enfática e afirma que:

> *Ao iniciar-se o tempo pós-30 que haveria de marcar um esforço considerável na modernização em Goiás, Catalão poderia ter recapitulado o passado e o futuro numa reflexão um tanto melancólica: ficavam pra trás os momentos de protagonismo, a cidade e o município entravam suavemente num desvio da corrente do progresso, sem que isso significasse decadência imediata, apenas*

> *diminuição da posição relativa dentro do Estado de Goiás. Aos poucos, porém, a cidade deixa de ser a região ponta do desenvolvimento do Estado para tornar-se uma das áreas periféricas na modernização em Goiás.* (Chaul 1994:47)

Se no âmbito econômico Catalão já não era o que fora outrora, as práticas políticas de mandonismo local persistiam. A família Sampaio continuava no domínio político local, inclusive mantendo os mesmos níveis de violência da Primeira República. Segundo Chaul, isso se revelará com mais ênfase na morte de um farmacêutico em plena ascensão política e econômica, Antero da Costa Carvalho[10].

Para os arautos da modernidade em 1930, principalmente Pedro Ludovico, crimes como o de Antero "vinham contra o discurso de progresso e modernidade, que implicava em civilidade e fim da violência em todos os níveis" (Chaul, 1994: 48). Ao lado do recuo econômico vinha o desprestígio político diante de tantos crimes.

Durante essas quatro décadas de recuo no desenvolvimento, Catalão experimentou vagas esperanças de se recompor e novamente entrar no ritmo do progresso de tempos atrás. Essa esperança foi alimentada em dois momentos: *primeiro* quando se tornou chefe de Catalão, em 1938, o tenente-coronel Públio de Souza. Marcadamente, seu governo foi voltado, segundo Chaul, para um desenvolvimento organizado e visionário do progresso. Em suas atitudes, vislumbram-se alguns dos traços que caracterizam uma política progressista para a historiografia de Goiás.

---

[10] Antero da Costa Carvalho foi um farmacêutico assassinado em um linchamento, em Catalão, no ano de 1936, acusado do assassinato de Albino Felipe. Pelas circunstâncias do crime, com requinte de crueldade, tais como ter seu corpo perfurado por facas e ser arrastado por cavalos em plena rua da cidade e, ainda, por ter passado pelo imaginário como inocente, ficaram sua história e imagem como a de um injustiçado. Daí para transformá-lo em santo não durou muito. Ainda hoje há uma capela em sua homenagem do bairro Santo Antônio (Antigo Bairro da Rua da Grota), lugar em que muitos fiéis vão para prestar-lhe homenagem e requisitar milagres.

> *Públio proibiu cadeiras nas calçadas, o plantio das tropicais e nacionalistas bananeiras nos quintais, como forma de obrigar a população da cidade a construir banheiros nas residências e, até mesmo, segundo alguns depoimentos, proibiu que se carregassem galinhas de cabeça para baixo pela cidade* (Chaul, 1994: 49).

Além disso, como um político com visão para o progresso da cidade, continua Chaul, Públio "cadastrou e organizou através de um minucioso questionário, as terras locais e promoveu uma verdadeira obra de saneamento básico na cidade" (Chaul, 1994: 49) naquilo que anos depois, em 1977, ficou conhecido como Plano Ordenador do Espaço Urbano de Catalão (P.O.E.U.) e que, em 1992, passaria a se chamar Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (P.D.D.U.).

Contudo, o governo de Públio foi ineficiente no sentido de inserir Catalão no ritmo de outrora. Em pleno Estado Novo, que nomeava interventores e indicava os prefeitos, a luta pelo poder tornou-se sem sentido, o que resultou, de acordo com Chaul, na redução dos índices de violência.

O que é colocado pelo historiador Nars Chaul evidencia que o responsável pela decadência econômica de Catalão não era a violência, pois quando a ditadura impôs sua ordem e possivelmente pôs fim à violência, o progresso não reavivou de seus últimos suspiros.

O *segundo* caso em que a esperança de retomada do progresso foi embalada se deu com o fim do Estado Novo de Getúlio Vargas e com as eleições em 1945. A restituição da democracia

elegeu o fazendeiro João Netto de Campos para prefeito em Catalão[11]. O "velho guerreiro", como ficou conhecido, era um sujeito excêntrico para os moldes da época. Era ele:

> *Ligado aos assentos agrários, com uma intensa visão política, que passava, através de sua atração pelas novidades tecnológicas, uma idéia de modernização, de pessoa afinada com o desenvolvimento técnico e tecnológico da vida urbana sem perder as raízes agrárias. Gostava de carros, aviões, viagens de comércio ao exterior e, principalmente, de ir ao encontro do povo nas suas aspirações populares e populistas* (Chaul, 1994: 49).

O tal espírito desenvolvimentista-progressista de João Netto se consolidava nas suas realizações, como: abertura de estradas, facilitando o fluxo entre as fazendas do município; instrumentalização da prefeitura com maquinários de modo a atender os fazendeiros; implantação do Posto Agropecuário, conforme Decreto Estadual nº 1.003 de 23/9/1949; início da construção do Hospital Santa Casa de Misericórdia; aeroporto; ponte sobre o rio São Marcos e, principalmente, a criação de escolas.

Todos esses ímpetos progressistas levados a cabo por Públio de Souza e por João Netto de Campos não conseguiram "frear o curso do trem da história de Catalão rumo aos desvios do progresso" (Chaul, 1994: 53).

Regionalmente, parece querer afirmar a historiografia que a preferência e maior atendimento de Pedro Ludovico aos grupos da região Sul e Sudeste de Goiás, concomitante à

---

[11] Historiadores locais, entre eles, Cornélio Ramos, afirmam ter sido a vitória de João Netto contra a família Sampaio, o primeiro milagre do "Santo" Antero. Os outros dois milagres do Santo Antero também se referem à política, a saber: em 1964 na eleição de Leovil Evangelista da Fonseca e, em 1988, na eleição de Aguinaldo Gonçalves de Mesquita (Ramos, 1997: 100 – 112).

pouca representatividade política catalana no cenário goiano, contribuíram para acelerar "a curva em direção contrária ao progresso".

A retomada do progresso perdido só seria possível a partir da década de 1970, quando foram instaladas em Catalão as primeiras empresas mineradoras. Com isso, parece lugar-comum afirmar que o período de 1930 a 1970 corresponde aos anos perdidos, à decadência.

É de grande importância ressaltar que foi entre estas quatro décadas que Catalão comemorou seu centenário, em 20 de agosto de 1959. Essa efeméride consistirá em um momento ímpar, pois será em torno deste acontecimento que haverá uma ênfase na reescrita do passado, com vistas às construções de expectativas futuras desta cidade. Mais uma vez é válida a afirmação de Habermas (1990: 24) para o qual "o horizonte de expectativas determinadas pelo presente, aberto ao futuro, orienta a forma como apoderamos do passado".

Do que se pode inferir, ocorreu justamente isso. Os articulistas do Jornal Gazeta do Triângulo, em 20/08/1959, bem como a historiografia, verão na violência e no recuo econômico momentos a serem superados. Os articulistas cronologicamente marcam esse *momento de retomada* (do progresso) quando Catalão completa 100 anos de emancipação política.

Evidentemente não são encontradas nos discursos dos articulistas referências à mineração. Não será esse elemento _ visto ter ele se tornado realidade em finais da década de 1960 e início de 1970 _, mas outros, também de ordem político-econômica, os representantes do progresso e modernização que Catalão experenciava quando do centenário. Esta assertiva era o tom dos articulistas que evidenciavam justamente o decréscimo no índice de violência, período que tratam como superação do atraso e da barbárie.

A construção da Ponte Wagner Estelita Campos, ligando Minas Gerais a Goiás, e a Lei Federal nº 3613, efetivando o projeto de construção do BR-106 (mais tarde denominada BR 050) ligando São Paulo a Brasília _ e que tinha Catalão como uma das cidades "beneficiadas", porque

cortava a cidade ao meio _ bem como a construção de quatro grupos escolares na cidade e alguns outros na zona rural, como parte da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, são alguns dos elementos eleitos para representar uma outra imagem de Catalão: *a imagem da retomada do progresso a partir do ano de 1959.*

Exaustivamente, tem-se insistido aqui na construção historiográfica acerca da cidade de Catalão a partir do ano de 1930. A pretensão é mostrar como tem sido representada a idéia de progresso e com que elementos ela tem se feito consolidar. Destaca-se que até 1930 a historiografia elege a Estrada de Ferro como símbolo e responsável pelo *boom* de desenvolvimento da cidade de Catalão. Contudo, para essa mesma historiografia, de 1930 a 1970, os desvios do progresso passariam a ser a tônica daquela cidade e que, somente com a implantação das empresas mineradoras, recompõem-se os trilhos do progresso. Pode-se notar que em relação à historiografia, os discursos políticos locais anteciparam essa retomada do progresso em duas décadas, pois já em 1959 afirmavam o retomar dos trilhos.

Entende-se que apenas o período delimitador se difere, não sendo possível fazer o mesmo com relação aos discursos legitimadores do progresso. Em 1970, haverá o acréscimo de outros elementos para a legimitação, como a mineração mas, assim como em 1959, estes estarão sendo usados para negar uma época ulterior. Em 1970, ocorre a reafirmação dos postulados identificados em 1959. Toda a historiografia que tratou da história da cidade de Catalão durante a década de 1970, tendo como suporte o avanço econômico, possibilitado por intermédio da instalação das empresas mineradoras, não fez mais do que legitimar e reafirmar, muitas vezes, por meio de um discurso acadêmico, as idéias estabelecidas pelos articulistas e pela elite política de 1959. A tônica era tomar o presente, simbolizando o avanço, como sinal de superação do passado, simbolizando o atraso.

No que tange a essas construções de progresso (até 1930) e decadência (de 1930 a 1970), procura-se apresentar algumas considerações no sentido de trazer à tona alguns aspectos relativos às narrativas legitimadoras dos processos de modernização.

No seu *Caminhos de Goiás* (1998) e em *Goiás: da decadência à modernidade* (1995), Chaul se preocupa em rever a historiografia de Goiás problematizando, sobretudo, os conceitos de decadência e modernidade que, segundo o autor, têm sido constantes nas análises sobre Goiás. Nestes trabalhos, o autor evidencia como viajantes e governadores, intelectuais e políticos e mesmo o senso-comum elegeram a precariedade das estradas, a falta de incentivo do governo real e o estado de extrema pobreza como símbolo da decadência que marcou Goiás na transição da fase mineradora para a agropecuária.

Este estigma, que identificava Goiás, seria substituído também por outro em 1930, quando procuraram reconstruir *a imagem de Goiás* e inserir a região na construção da Nação. A construção de Goiânia serviu, então, para a concretização da ideologia nacionalista e integracionista que pôs fim à idéia de decadência e atraso, como visto na primeira parte deste trabalho.

Assevera Chaul que as visões européias dos viajantes só enxergaram uma face do espelho e com essa face justificaram o estágio de decadência. Goiânia, quando da sua construção, teve recuperados os argumentos de decadência e atraso por Pedro Ludovico, para justificar e reforçar a necessidade do novo.

Quando se propõe entender Catalão, vê-se que estes mesmos argumentos são utilizados, embora em outros termos. Parece que os modelos interpretativos sobre Goiás servem como camisas-de-força a esta outra realidade. Vê-se isto quando a Estrada de Ferro é recuperada para designar uma época de exímio desenvolvimento e integração da economia local.

Isso perdura até 1930 quando, com uma outra situação política e numa outra configuração econômica, Catalão passa a não ocupar mais o lugar de destaque de outrora, sendo este ocupado por cidades como Morrinhos e Goiânia, comandados por grupos dominantes do Sul e Sudeste de Goiás.

Parece existir um vazio nos estudos historiográficos sobre Catalão, no período compreendido entre 1930 a 1970. Alguns, como o de Márcia Pereira do Santos (2001:51), que se preocupa em pensar as comunidades rurais e suas formas próprias para desenvolver sua produção _ *o mutirão* _, ainda fazem uma reconstituição histórica da cidade até 1936, mas daí em diante, afirma: "notamos que não há, em nossas fontes, dados outros em relação ao município e, especialmente, em relação à zona rural...". A delimitação de seu estudo, que compreende a década de 1950 a 1990, oferece, contudo, algumas observações importantes naquilo que se relacionam às empresas mineradoras.

Para o período compreendido entre 1930 e 1970, tem-se que Catalão entrou em um período de recuo de desenvolvimento porque perdeu o apoio do governo do Estado e porque:

> *A construção da ponte Afonso Pena sobre o Paranaíba tinha aberto novas perspectivas a esta via de comunicação que, passando por morrinhos e Santa Rita, ligando-se à Capital haveria de converter-se na principal artéria do tráfego rodoviário estadual, que já ensaiava seus primeiros passos. (...) As coisas começavam a mudar de rumo, de roteiro e de cidades* (Chaul, 1994: 46).

Essa representação de progresso e decadência é tão forte que o memorialista catalano Antônio Miguel J.Chaud (2000: 07) insiste: "Na metade do século, quando a área central de

Goiás enunciou o seu ritmo de progresso, Catalão entrou em estagnação e até experimentou a decadência econômica por um longo período".

Acredita-se que os esclarecimentos que Chaud oferece, através do livro *Memorial do Catalão* (2000), são importantes no sentido de ser uma primeira tentativa de reconstituição do que foi Catalão no período de 1930 a 1970. Em todo caso, não se está discutindo sua perspectiva historiográfica, nem os métodos utilizados. Concorda-se, porém, que suas perspectivas (afirmar que de 1930 a 1970 Catalão caminhou a passos moderados, para não dizer que sequer caminhou) são as mesmas utilizadas pelos articulistas do Jornal Gazeta do Triângulo em 1959 no sentido de instituir, forçosamente, mudanças no desenvolvimento da cidade.

Na edição n° 1964 do Jornal Gazeta do Triângulo de 20 de Agosto de 1959, constantemente, os articulistas referem-se ao centenário como um "marco na senda" do progresso de Catalão. Esse progresso requerido pode ser observado em diversos aspectos, tanto nas transformações da paisagem como na compilação de dados sobre o comércio e a indústria na cidade.

À luz do que se tem entendido por progresso, por meio da análise da historiografia sobre Goiás e Catalão, faz-se necessário aprofundar um pouco mais na concepção de progresso para, a partir daí, recorrer às análises das fontes.

O progresso enquanto idéia parece estar vinculado às concepções de liberdade, técnica e tempo linear, e, como categoria histórica "desenvolveu-se com a consolidação do processo de modernização na metade do século XVIII, quando das revoluções na América do Norte e França, e Inglaterra quando da revolução econômica" (Diehl, 2002: 07).

Para este autor, a idéia de progresso está presente "profundamente nas estruturas da psique ocidental e porque não oriental, atuando na consciência histórico-coletiva" (Diehl, 2002: 22). Desta concepção, tem-se que o futuro sempre irá superar o presente e as eras pretéritas, seja

em termos de chances de vida ou de possibilidades de felicidade. Contudo, o progresso precisa ser entendido à luz de outro elemento: *a memória*.

Assevera Diehl que a concepção iluminista de tempo, através de grandes narrativas legitimadoras, redirecionou os olhares dos homens, desviando-os do passado e concentrando-os no porvir. Com isso, os fundamentos da concepção clássica de história, que tinha no espaço de experiência sua base, serão separados do horizonte de expectativas do homem moderno.

A memória, associada a uma concepção de tempo definida em movimentos contínuos para frente, se perceberá "doente", pois, nessa perspectiva, o futuro parece "dispensar todo e qualquer ensinamento veiculado pela tradição". O que Diehl quer demonstrar é que, se prosseguir nessa direção, estar-se-á colaborando com esse projeto modernizador que tende a desativar a memória como fonte histórica e tornar o "passado um lugar sombrio e misterioso, quase esquecido" ou, quando não, transformar-se-á a "tradição em um amontoado de ruínas, restos de uma caminhada que agora só encontra o seu sentido na frente" (Diehl, 2002: 30).

Le Goff, em *História e Memória* (1994), discutindo sobre a idéia de progresso e reação, coloca que há duas condições essenciais na história da idéia de progresso: "a primeira é o papel desempenhado pelo progresso científico e tecnológico (…) A segunda é a ligação entre o progresso material e a idéia de progresso" (Le Goff, 1994: 238).

Le Goff quer evidenciar que há uma correlação entre a noção de progresso e a sua efetivação, posto que a crença no progresso depende de sua experiência, isto é, do papel que os avanços na ciência e a tecnologia desempenharão ao ser humano. Ainda, para este autor, o século XIX foi o grande século da idéia de progresso, porque a ciência e a tecnologia com seus sucessos na Revolução Industrial, as melhorias do conforto, bem-estar e segurança, alfabetização e democracia pareciam ser a solução para tudo e todos. Com o *boom* econômico e industrial do

Ocidente no século XIX, não restava dúvida de que a ideologia do progresso se disseminaria pelo mundo.

A mega expectativa no futuro e a certeza de que o processo tecnológico confirmaria de uma vez por todas a dominação do homem e de sua técnica sobre a natureza levaram à crença de progresso como eliminação de obstáculos e libertação do homem.

Entretanto, logo no início do século XX, algumas posições seriam revistas. Quando a Primeira Guerra estourou e a crise de 1929 finalizou o mito da prosperidade e, mais ainda, quando novas informações desnorteantes sobre os campos nazistas e práticas de torturas e execuções se espalharam, a ideologia do progresso sofreu duros e novos golpes.

Em Frankfurt, alguns teóricos se desdobravam na tentativa de formular respostas às questões que o mundo experenciava. Que rumo era aquele que o século XX tomava? Adorno e Hockheimer desenvolveram a noção de *Teoria Crítica da Razão.* Nessa perspectiva, trataram como *razão instrumental* o desenvolvimento do progresso usado para o aprisionamento do homem, da imposição do terror e do medo, da destruição, da falta de liberdade e emancipação humanas, tão comuns durante as Grandes Guerras da primeira metade do século XX.

Por outro lado, criou-se também a noção de *razão crítica*. De acordo com tais teóricos, esta seria usada exatamente para a análise e a interpretação dos limites e perigos de um tipo de racionalismo humano instrumental. Desta maneira, essa forma de uso da razão primaria pelo desenvolvimento das mudanças ocorridas na sociedade, sejam elas políticas, econômicas ou culturais. Além disso, houve a preocupação em se perceber que tais perspectivas só se realizariam quando tivessem como eixo básico de funcionamento a emancipação do ser humano e não idéias de controle técnico-científico sobre a natureza, a sociedade e a cultura de um povo (Chauí, 2004: 35).

Assim, *politicamente,* o progresso fora entendido como democratização (participação das minorias ou maiorias); *socialmente,* significava equalização, garantias individuais e, tendencialmente, chances sociais iguais e, *culturalmente,* o progresso perspectivava um processo de desenvolvimento, secularização e racionalização (Diehl, 2002).

Le Goff aprofunda mais do que Diehl no que seriam as premissas a que se apegaram os defensores do progresso. Além do recurso a novos métodos científicos e daqueles por Diehl apontados, Le Goff, através da análise da obra *Indices Numériques de la civilisation et du progrès,* do italiano Alfredo Niceforo, permite que se adentre pela noção de *civilização* que acompanha a concepção de progresso. Jacques Le Goff, ao analisar a obra do italiano, identifica nesta o quadro de superioridade e progresso de uma civilização, tendo como base os seguintes elementos ou sintomas: "a criminalidade, a mortalidade, a difusão da cultura, o nível de vida intelectual, o grau de altruísmo" (Le Goff, 1994: 266).

Pelos elementos que Le Goff analisa, antevê-se que as justificativas civilizatórias para uma sociedade progressista e superior, encontradas em Niceforo, não serão diferentes das apropriações dos articulistas do Jornal Gazeta do Triângulo na tentativa se reforçar, ou mesmo construir, uma Catalão voltada para o progresso. À historiografia também se estende essas justificativas no sentido de construção do conceito de decadência em oposição a um conceito de de progresso.

Uma das matérias veiculadas pelo Jornal Gazeta do Triângulo em 20 de agosto de 1959 fazia referência à CENIMEC[12]. Em uma análise mais aprofundada pôde se identificar como sendo uma tentativa de alguns "intelectuais" catalanos de elevarem o nível intelectual e moral dos estudantes catalanos por ocasião do centenário.

---

[12] Criada por ocasião das comemorações do Centenário da cidade de Catalão, a CENIMEC, organizada pelo Professor Agnaldo de Campos Netto, deveria atuar na **Campanha de Elevação do Nível Intelectual e Moral dos Estudantes Catalanos.**

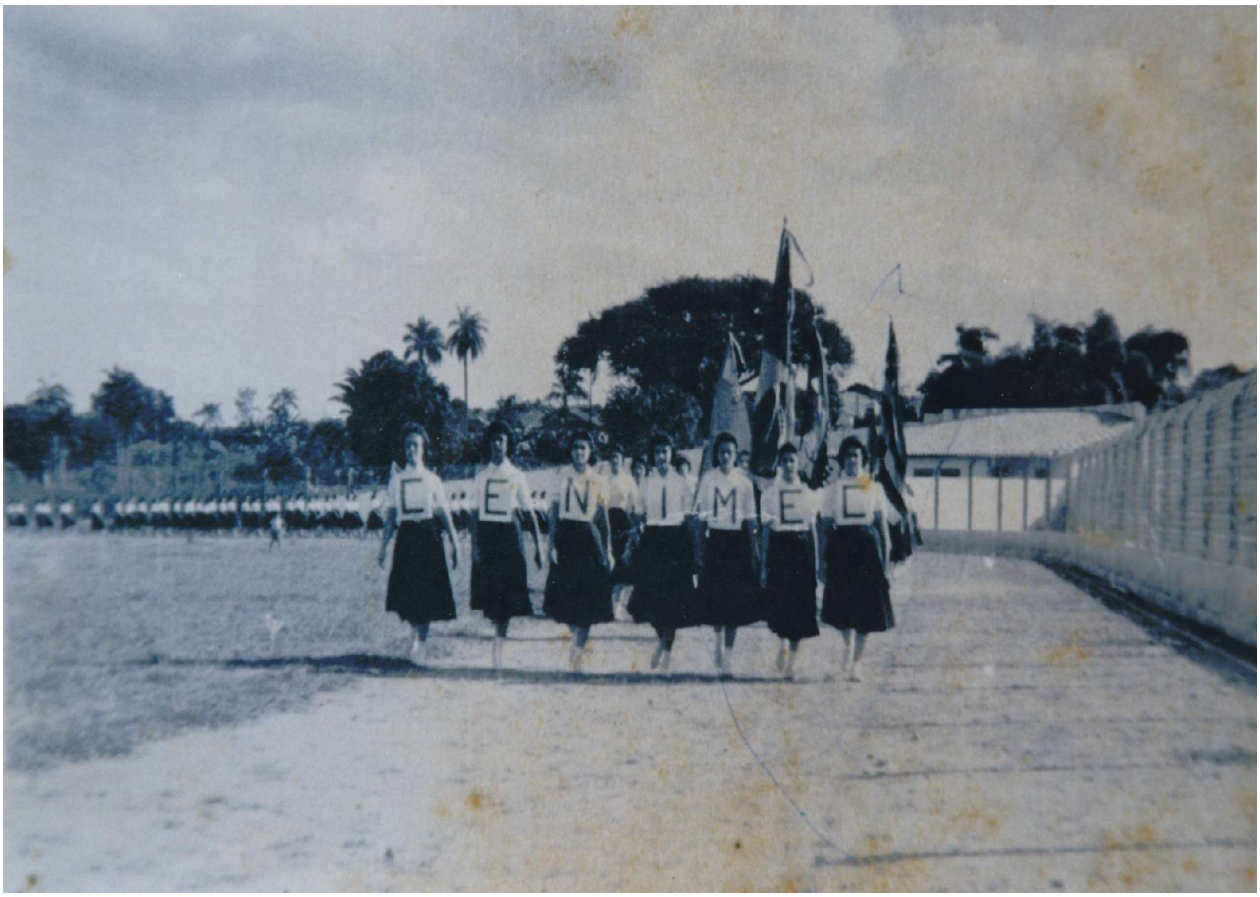

Figura 1. Desfile das alunas do Colégio Internato Mãe de Deus em 20 de agosto de 1959.

Levada a cabo e tendo por diretor Agnaldo de Campos Neto, a CENIMEC foi criada tendo como público alvo os jovens estudantes de Catalão. O desapego pela cultura, literatura e história local foi um dos argumentos requisitados pelos seus idealizadores que, com isso, esperavam dos jovens não as mesmas experiências truculentas de outrora, mas cidadãos preocupados com a cultura e história local.

A CENIMEC demonstra como havia uma preocupação em se ter o centenário como marco na transformação da cultura da população daquela cidade, através até mesmo de órgãos que preconizavam uma espécie de campanha pelos bons modos da juventude. A idéia era de que

uma cidade com bom nível intelectual entre seus moradores seria indício de um povo com pensamento moderno e os desfiles no dia do centenário trazem à tona a preocupação de que todos os segmentos se vissem envolvidos nas comemorações.

Ficam claros que os problemas, tanto de Niceforo identificados por Le Goff, quanto da história sobre Catalão e dos articulistas no seu projeto de construção de uma nova imagem para Catalão, residem em que se basearam apenas em medições quantitativas do progresso.

É frágil qualquer conclusão de progresso ou decadência que se quer construída a partir de dados puramente numéricos ou econômicos. Dizer que uma cidade desviou-se dos "trilhos do progresso" porque não tem arrecadação igual ou superior à que se observa em um período anterior é insustentável do ponto de vista da História Cultural.

Quaisquer avaliações que se bastem por índices de criminalidade ou nível intelectual, portanto, com caráter positivo ou negativo, serão questionadas, pois somente o índice econômico como é o caso de muitas análises, não responde a contento ao "sentimento de felicidade da sociedade". Afirmar que se experiencia um momento de progresso, tendo como suporte dados e cifras de quantias exportadas, de ganhos e lucros, parece ser uma opção por demais reducionista.

Não necessariamente, um momento em que se verifica um crescimento no nível de desenvolvimento econômico e seus correlatos, poderia ser tomado como uma época em que a população "progrediu". Tomemos como exemplo os anos de 1920 de Catalão, em que a ferrovia é o símbolo da dinamização e do progresso por que passava aquela cidade. Referenciando apenas as cifras alcançadas ou o fato de que a "prosperidade não era uma palavra de difícil compreensão na cidade de Catalão" (Chaul, 1994: 45), pode-se dizer que o progresso atingiu a todos?

Ou ainda, será que os 38 mil habitantes de Catalão, em 1920, se diriam participantes e beneficiários do progresso que os trilhos trouxeram? Que benefícios econômicos viam os *agregados* que moravam nas fazendas que exportavam bois para Uberaba e cidades de São Paulo

se deles nada tinham para ser levado? Tendo que dividir suas produções de economia de subsistência com os fazendeiros, os agregados pouco faziam e pouca parte tinham nesse progresso. Em outras palavras, aqueles personagens que no campo ou zona urbana se viam excluídos do direito à propriedade ou da possibilidade dela usufruírem, poucas expectativas depositaram na Estrada de Ferro.

Apontar alguns coronéis da política local como os maiores beneficiários da implantação dos trilhos e ressaltar seus impulsos progressistas é, novamente, contribuir para que a História de Catalão seja vista sob duas faces: "a da violência e do progresso".

Entretanto, depois disto posto, não é difícil entender porque estas perguntas nunca são feitas. Elas trazem às claras uma ferida que o projeto modernizador pelo qual passaria Goiás nos anos de 1930 preferiu substituir. A modernização não quer que seja exposta sua contradição: progresso e miséria certamente conviviam lado a lado.

Tendo percorrido, mesmo que resumidamente, as premissas básicas a que se ativeram a historiografia e os articulistas do jornal Gazeta do Triângulo, sobre os anos precedentes a 1959, partir-se-á agora para as análises das representações de progresso presentes na edição especial do jornal Gazeta do Triângulo.

2.1 Centenário de Catalão a partir do Jornal Gazeta do Triângulo: a imagem tradicional construída

As comemorações do centenário da cidade de Catalão, ocorrido em 20 de agosto, foram o grande acontecimento do ano de 1959, por toda ênfase dada a esta efeméride e por toda preocupação dos dirigentes políticos para que tudo saísse conforme o programado. As festividades começaram dias antes e se estenderam até o dia 20 de agosto:

Recital do Programa da Saüdade

Realizado pelo Comissão Artística do 1º Centenário de Catalão no Salão do CRAC - às 20,00 horas do dia 18-8-59

Direção do Maestro - FREDERICO CAMPOS
e do Prof. AGUINALDO DE CAMPOS NETTO

PROGRAMA

Apresentação pelo Prof. ANTONIO MIGUEL JORGE CHAUD

1 - HINO NACIONAL - piano por Da. Odete F. Sebba e cantado pelos presentes.
2 - HINO OFICIAL DO 1º CENTENÁRIO - Música do maestro Frederico Campos e Letra do prof. Aguinaldo de Campos Netto. - Piano, violino e canto
3 - EXTREMA VERBA - Poesia de Alceu Victor Rodrigues interpretada por Coracy Fidelis
4 - MARCHINHA DO CENTENÁRIO - Música de Danaé Ramos e Letra de Cornélio Ramos - Piano, violino e canto.
5 - POESIA de Randolfo Campos interpretada por Maria Aparecida Pires Campos
6 - VALSA DOS CEM ANOS - música do prof. João Martins Teixeira
Letra de Cornélio Ramos
Piano por Márcia e Acordeon por Danaé. Canto por M. Augusta
7 - NÚMERO DE DECLAMAÇÃO - por Dr. Luís Alcântara de Oliveira
8 - DEL FRETE - Tango - Composição de Frederico Campos
Piano - D. Odete Fayad Sebba
e ao violino: Dr. René E, Deckers, Nicolas Alleprandini e João Abrão
9 - CANTILENA DA CIDADE - poesia de Regina Lacarda
Interpretado por Norma Simão Adad
10 - HINO DO COLÉGIO - executado pelo conjunto rítmico das normalistas do Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus
11 - NOITES GOIANAS - pelo conjunto rítmico das normalistas
12 - MARCHINHA «RAINHA DO CENTENÁRIO» composição de João Abrão
13 - GEORGINA - Valsa de Frederico Campos - executada por Marise Rocha
14 - BARCAROLA - Piano e violino - Da. Odete e Nicolas
15 - DESPEDIDA DE CATALÃO - poesia de Ricardo Paranhos
música de Esmeralda Paranhos
piano, violino e canto por M. Augusta Netto

Figura 2. Cartaz contendo a programação das festividades do centenário, no dia 18 de agosto de 1959. Museu Municipal Cornélio Ramos. Vale lembrar que as festividades duraram uma semana, encerrando-se no dia 20 de agosto.

A utilização de eventos culturais como musicais, declamações de poesias, teatro, atividades esportivas, inaugurações, entre outros, direciona a vertente discursiva ao qual se aterão os ideólogos envolvidos nas comemorações. A programação tem a finalidade de canalizar o rumo de cidade que se quer ver construída a partir daquele momento. Neste sentido, o que se procura é

tecer considerações acerca das imagens construídas, pois a celebração das comemorações do centenário se transforma em momento de pensar o passado, mas, sobretudo, de idealizar o futuro.

Essa preocupação com o futuro não se dá de forma independente. Ela se projeta sobre os ecos do passado daquela cidade e o futuro só se realizará se se fizer diferente do que já se foi outrora. Neste caso, faz sentido dizer que todo esse simbolismo se edifica sobre as ruínas dos edifícios simbólicos precedentes. Esse jogo entre passado-presente-futuro é interessante porque se torna revelador das disputas sobre a memória, a identidade e a recriação do passado de um povo.

Essas disputas se revelam lutas políticas de onde será o crédito concedido (ou recusado) às representações que propõem de si mesmos que dependerá a autoridade de um poder ou o poderio de um grupo (Chartier, 2002). Em outras palavras, no terreno acidentado das representações ou das identidades sociais ou culturais, a capacidade de se fazer crer _ que é uma história das relações simbólicas de força _ traz à tona os mecanismos, os limites e os usos do consentimento no funcionamento de um sistema de poder, seja ele cultural e/ou simbólico.

Nesse campo, é possível identificar ideologias e concepções de mundo que visam a "moldar" a forma de agir e pensar das pessoas. Mesmo entendendo que cada pessoa retém essas "imposições" de maneira própria, o controle dos meios de formação das mentalidades coletivas pode significar o controle da sociedade e do exercício do poder. Na base desta disputa está o que Baczko (1984: 309) denominou de "uma das forças reguladoras da vida cotidiana": o imaginário social.

As mensagens veiculadas pelas páginas do Jornal Gazeta do Triângulo por meio de poesias, músicas, imagens (fotografias), artigos entre outros, apresentam-se como enunciadoras de imaginários e representações; por outro lado, são capazes de dizer, expressar e registrar traços e manifestações de uma história oficializada, bem como de uma memória desejada.

De acordo com Michael Pollak (1989), o direcionamento e o controle da memória nas sociedades nacionais em construção se fazem imprescindíveis. A construção de uma memória nacional requer uma organização dos discursos, de modo que determinados acontecimentos e personalidades superem as efemeridades e as rupturas que não constroem um passado conjunto. O trabalho de Noé Freire Sandes (2000), acerca do centenário da Independência do Brasil em 1922, revela como se operara todo um aparato institucional com o objetivo de transformar as comemorações em momento de concretização da memória nacional.

Agora, trazer todas essas discussões para o ambiente das cidades é uma tarefa não muito fácil, pois, embora o passado político e histórico de algumas cidades do interior de Goiás tenha sido objeto de investigação dentro do espaço acadêmico, essas mentes dedicaram seus estudos quase que exclusivamente ao ambiente político e econômico. Assim, este estudo procura pensar a cidade de Catalão segundo a dimensão da cidade *como imagens*, conforme aponta Menezes (1996). O objetivo é compreender como são diferentes as imagens construídas para aquela cidade de 1959 a 1970.

Tomando por base essas indicações, tem-se, então, que um estudo que tenha por tema *cidades* não pode se furtar a entendê-las como historicamente produzidas. É necessário atentar ao fato de que com sua complexa "fabricação", as cidades estão envoltas em inúmeras disputas, sejam elas econômicas, culturais, políticas. É nesse campo de forças que se vê como a cidade é também uma representação, *uma imagem*. As intervenções e decisões no espaço urbano, ou mesmo as imagens construídas sobre as cidades são orientadas pelos valores ideológicos e pelas expectativas daqueles que detêm o poder.

Nesse caso, torna-se ímpar historicizar as cidades e fazer isto é perceber como as pessoas *as definem* ao longo do tempo (Noronha, 1999). É pensá-las como ser social e como espaço

construído por homens que pensam e agem dentro de uma rede de decisões, que nunca são estanques, não podendo, por isso mesmo, haver critérios definitivos para se entender tal objeto.

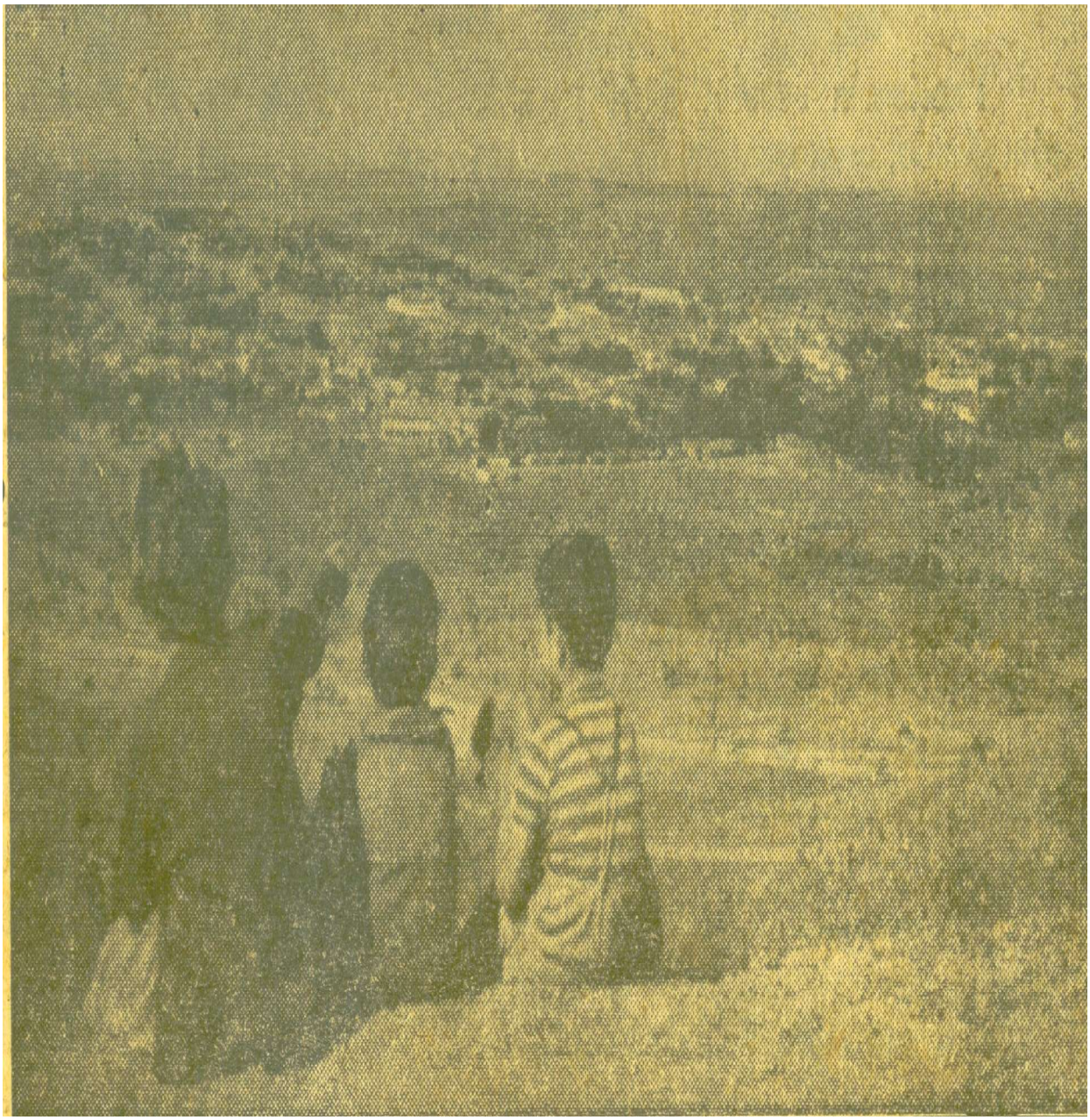

Figura 3. Foto publicada no Jornal Gazeta do Triângulo do dia 20 de agosto de 1959. Foto de Antônio Gebhardt. Arquivo Municipal de Araguari - MG.

"O futuro contempla o presente" é a legenda colocada abaixo desta fotografia[13] com vista panorâmica da cidade de Catalão. Essa é a frase com a qual se deparará o leitor do Jornal Gazeta do Triângulo de 20 de agosto de 1959.

Sentadas no alto de uma elevação cheia de arbustos ao redor, três crianças observam de longe a cidade que se revela lá no vale. De costas para o leitor do Jornal, as crianças não roubam a cena mesmo estando no primeiro plano da imagem fotográfica. O centro das atenções é a cidade, tomada de uma vista superior, panorâmica.

A posição das crianças é reveladora. Assim como elas, que contemplam a cidade que agora precisa ser vista do alto, de uma vista panorâmica, esta também é a visão que terá o leitor. O objetivo é que também ele contemple aquela cidade. A frase que acompanha a imagem direciona o olhar que o leitor deverá ter logo na primeira página do jornal. Juntas, fotografia e escrita, através da "educação do olhar", ajudam a moldar a imagem que se pretende formar.

O uso de imagens (fotografias) nesta edição especial do Gazeta do Triângulo com a intenção de desvendar a cidade aos leitores é, sem dúvida, uma atitude política da classe dirigente que àquele momento se encontrava no poder. Junto com as matérias dos articulistas, as imagens objetivam formar um todo do que seria (ou ao menos que se desejaria que fosse) a Catalão centenária.

Especificamente na foto de Antônio Gebhardt, o que se percebe é uma visão romanceada da cidade, pois a visão panorâmica traz mesclada, numa conjuntura só, a figuras de três jovens e um ambiente natural. A natureza e a juventude se unem para contemplar a cidade que se revela no vale do ribeirão Pirapitinga. Essa união do homem com a natureza, que se revela harmônica, só

---

[13] Imagem registrada por Foto Antônio Gebhardt - Araguari - MG. *Jornal Gazeta do Triângulo.* Agosto de 1959. edição nº 1964: 1.

foi possível porque se fez um esforço, tanto dos jovens quanto do fotógrafo, em se deslocar até o cume do morro e ali construírem a cena.

Este morro, que na fotografia se revela, será eternizado na cultura local através do poema de Ricardo Paranhos que faz uma homenagem àquele que seria lembrado, geograficamente, como o Morrinho de São João e, simbolicamente, como o Morrinho da Saudade. Na sessão "Página Literária" pode se encontrar alusão à Igreja de São João. Lê-se o seguinte:

> *A Igrejinha de São João, situada no Morro da Saudade tem sido motivo de muita inspiração para os poetas e de muita evocação histórica e religiosa para os catalanos, que nela vêm* [sic] *o vigor das tradições do passado e a certeza de um futuro sempre brilhante.* (Gazeta do Triângulo, 1959, ed. nº 1964: 5).

Neste mesmo sentido, encontra-se o poema de Monsenhor Primo Vieira intitulado "O Morro de São João", também publicado pelo Gazeta do Triângulo, nesta mesma edição especial para o centenário de Catalão.

> *O morro de São João! Tenho-o de frente, /Lembra o velho labor da Palestina. / E a capelinha é uma hóstia alvinitente/ Sobre o místico altar desta colina. / Coroando a paisagem da campina/ O seu vulto de longe se pressente, / E daí desce a proteção divina/ Por sobre Catalão e sua gente. / Para quem chega, a capelinha branca/ Toda vestida e de alma franca/ É uma benção de paz e contrita/ Para quem parte à despedida chora; / Vista de longe a mesma ermida, agora,/ É um lenço branco que a Saudade agita* (Gazeta do Triângulo, 1959. Edição nº 1964: 05).

As referências aos aspectos históricos presentes na mensagem que acompanha a fotografia do morro de São João fazem sentido quando se percebe que há uma tentativa de se comparar o papel dos bandeirantes, que se orientavam a partir das elevações, com o papel que teriam os cidadãos catalanos que era o de "civilizar" (entende-se por construir uma outra cidade) uma nova população.

Ao colocarem as crianças observando a cidade e se referirem aos sentimentos de bandeirantes[14] que a população catalana possui, pretende-se afirmar no consciente deste povo não o espírito de truculência, mas aquele de pioneirismo, de desbravador e de progressista. Seriam as crianças estes novos bandeirantes ou seriam as mesmas representantes desse novo espírito bandeirante?

É fácil perceber que toda a edição nº 1964 do Jornal Gazeta, dedicada aos cem anos da cidade, e os artigos ali publicados estejam engajados no "projeto" de construção de uma nova imagem para a cidade. Assim, se tal projeto passa pela criação de uma outra imagem, evidentemente, uma antiga pretende ser esquecida.

Deste modo, por intermédio das análises de alguns dos artigos publicados no Jornal Gazeta do Triângulo, procura-se mostrar como este "apagamento de uma história" e o "recriar de uma outra" se efetiva. Em artigo intitulado "Alvorada", Jamil Sebba[15] deixa claro o que há de ser esquecido e o que deve ser lembrado. Para ele, o centenário representa o "desponta[r] [de uma] nova era; é o alvor de um novo dia para Catalão". Acrescenta, ainda, que "Catalão está substituindo o seu passado cheio de truculências, de tocaias por um presente de paz, tranqüilidade, de progresso e de instrução" (Sebba, 1959. Ed. nº 1964:10).

[14] Sebastião de Sant`ana e Silva, em artigo denominado "O centenário de Catalão" , tentando definir as características do povo catalano por ocasião do centenário, afirma: " …o pequeno burgo edificado nas margens do Pirapetinga tem também suas características próprias. …o seu povo conserva muito das características dos bandeirantes e pioneiros que desbravaram os nossos sertões…" (Gazeta do Triângulo, 1959. Ed nº 1964: 06).
[15] SEBBA, Jamil. Alvorada. In: *Gazeta do Triângulo*. Agosto de 1959. Ed. nº 1964: 10.

A comemoração assume nesse momento um significado mais amplo do que aquele de sessões solenes. Conforme aponta Sandes (2000), as comemorações geralmente se transformam em momento de reflexão e é nesse momento que uma nova imagem para Catalão estará sendo construída. Não mais aquela de tempos idos em que a truculência imperava _ conforme diz Jamil Sebba _ mas uma outra, aquela em que o progresso e a tranqüilidade estejam presentes.

Ainda Sebba, num poema intitulado "Catalão de minha Infância[16]", transitando por diferentes temporalidades, enfatiza sua proposta de idealização. O poema começa se referindo à Catalão de sua infância e de como, com o passar dos anos, esta tem se transformado, o que o tem estranhado muito. Apesar de longo, vale a pena acompanhar este poema de Jamil Sebba:

> *Como tenho estranhado a minha terra, / meu Catalão dos tempos de moleque; / Catalão do poço do Zé Maria, / da Rua da Grota, / da Cabeceira do Brejo; / Catalão do tempo quente da política, / Papo Roxo, / Papo Amarelo; / dono de Goiandira e Cumari; / do tempo do Operário e do Catalão, / do tempo do Cabeleira e do Olimpão; / como estou estranhando hoje minha terra! As telhas francesas substituem, / aos poucos, as velhas coloniais, / onde a lua brincava de serenata… / em noites calmas pelos beirais. / Capela nova no morro de São João; / como está ficando esquisito / o meu Catalão! / Só estão faltando novas luzes, / novo cruzeiro no morro das três Cruzes! / Está escrevendo livro, / ficando granfino! / Apagando, como esponja, / letras esculpidas a formão, / nas suas ruas nas suas praças… / Será progresso? / ou estará criando jaças?* (Sebba, 1959. Ed. 1964: 01)

---

[16] SEBBA, Jamil. Catalão de minha Infância. In: *Gazeta do Triângulo.* Agosto de 1959. Ed. nº 1964: 1.

Jamil Sebba não faz algo muito inovador em termos de forma e temas em seu poema. Este lamento tristonho, amargo, ufanista sempre foi tema da poesia. O que é interessante pensar é que a cidade de antes pertencia às pessoas que, como ele, tinham a liberdade de brincar nos poços de água, conheciam os limites da cidade e do município, entre outros. Agora, toda essa modificação tem uma direção *a priori* e que o autor deixa transparecer numa suposta dúvida: "Será progresso?".

Apesar dessas reclamações, o autor é enfático: Catalão está muito diferente e isto pode ser visto sob o ponto de vista cultural, pois agora "está escrevendo livro…"; está "ficando granfino". Aquelas "letras esculpidas a formão / nas suas ruas nas suas praças" estão sendo reescritas, quando não apagadas "com esponja" neste Catalão de agora. No lugar da cidade do tempo quente da política, tem-se a Catalão das letras _ é o que pretende afirmar o autor. Sem dúvida, a Catalão da infância do autor está completamente diferente _ ele não a reconhece, ou não quer que a reconheçam.

A imagem da cidade que substitui um tempo e uma história por outra cidade é evidente. Aqueles tempos e histórias coloniais, expressos sobretudo pelas telhas das casas, são momentos superados, segundo Jamil Sebba. A imagem da cidade que o autor quer transmitir é aquela que Paulo Fayad Sebba[17] quer tornar concreta. A "Catalão de fama ruim, da gente má e das mortes sucessivas de outrora" foi superada pela "Catalão de progresso, de povo ordeiro, pacato, hospitaleiro dos dias de hoje" (Sebba, 1959. Ed. nº1964: 22).

A imagem da cidade de Catalão que se quer transmitir não é aquela em que violência e progresso são apresentados como faces de uma mesma moeda. Como irmãs siamesas estão não mais violência e progresso, mas civilização e cultura, progresso e desenvolvimento.

---

[17] SEBBA, Paulo Fayad. Significado de um Acontecimento. In: *Gazeta do Triângulo*. Agosto de 1959. Ed. nº 1964:22.

Bastante elucidativa também é a crônica do médico Jamil Sebba publicada no ano de 1988, mas escrita em 1965, de onde se lê:

> *O fato é o seguinte: até 1935, ou seja, até trinta anos atrás, tanto Catalão como Goiás inteiro se arrastavam numa vida sem tropeço, mas também sem vibração sem entusiasmo. Goiânia estava recém fundada e o Estado inteiro, no afã de construir sua capital nos moldes de uma cidade moderna, era absorvido com quase totalidade de sua renda em benefício de Goiânia – Goiânia crescia, florescia e o resto do Estado minguava, afinava as pernas, ficava anêmico, quase caquético. A impressão é que Goiânia era um tumor maligno no corpo do Estado de Goiás.*
>
> *Mas parece que agora, de uns anos para cá, liberamos do progresso de Goiânia – Fizemos uma espécie de cirurgia saneadora afastando de nós e do resto do Estado as preocupações da construção da capital caçula* (Sebba, 1988:44 -5).

Escrita seis anos após o centenário, essa crônica permite visualizar como o discurso de que a cidade de Catalão vivia outro momento de sua história ainda estava em curso no ano de 1965. Com um discurso sanitarista, próprio da sua profissão de médico, Jamil Sebba demonstra uma outra perspectiva sobre a construção de Goiânia. A construção da capital, responsável pelo marasmo do interior de Estado de Goiás, pois requisitava toda a riqueza produzida, era vista como uma parasita, pois sua sobrevivência dependia de outros municípios.

Essa é uma outra explicação para os "anos de decadência" que Catalão viveu após 1930. Até então, Goiânia fora vista como o "passo adiante" na modernização do Estado, mas segundo a visão do cronista, o período da sua construção é visto como aquele em que todo o interior do

Estado se sacrificou para que a "caçula das capitais" fosse construída. A construção da capital "adoeceu" o interior que, "afinava as pernas, ficava anêmico, quase caquético". Goiânia representava, naquele momento, "um tumor maligno no corpo do Estado" (Sebba, 1988:44).

De certa forma, pode se dizer que este é um dos argumentos locais utilizados para justificar o período de "estagnação" econômica vivido por Catalão. A cirurgia saneadora que libertou a cidade desta moléstia, segundo Jamil Sebba, foi o fim das preocupações para com as obras da capital que demandava tudo o que o município arrecadava. Sem dúvida, essa é uma interessante perspectiva de estudo, qual seja aquela que se preocupa em abordar a visão das elites interioranas quando da construção da Capital.

Mas o foco central não é Goiânia e, sim, Catalão. A libertação do progresso de Goiânia fez com a cidade retomasse o ritmo do progresso. Nas palavras de Sebba (1988:45) "é a vida atribulada e agitada que o interior leva" que exemplifica a distinção de progresso e evolução que se vive. Reitera Jamil Sebba:

> *Acabou-se a paz bucólica de suavidade melancólica "de antanho". Aquilo que muitos acham que era atraso. Aquele sossego, aquele modus vivendi pacato, característica nossa, dos interioranos, ou se quiserem dos provincianos, está completo ou quase completamente desaparecido. Estamos vivendo a era espacial, a era da televisão e do radar, e o contágio dessa agitação está se fazendo ate no JECA que anda substituindo suas modas de viola pelo Rali-Gali ou Roques buliçosos.* (Sebba, 1988: 45)

Estes aspectos modernizadores por que passava a cidade de Catalão são elencados por Jamil Sebba, para responder aos ouvintes do seu programa diário na Rádio Cultura AM, a seguinte pergunta:

> *Meus amigos, depois de julho, naturalmente virá agosto e com agosto as festas do aniversário de nosso Catalão – 106 anos vividos na condição de cidade. Vocês acham que Catalão tem melhorado? Ou você acha que para essa idade temos progredido pouco?* (Sebba, 1988:44).

Considerando os aspectos enumerados por Jamil Sebba, Catalão experimentou durante a década de 1960 uma transformação rumo ao progresso. O próprio Jamil Sebba, que em 1959 escreveu para o Jornal Gazeta do Triângulo, mostrando como a sua cidade estava diferente, e de certa forma, vangloriando de não se ver *construções coloniais e nem atitudes truculentas*, deixa transparecer aqui sua posição:

> *Não querendo subestimar o gosto da rapaziada nem censurar seus atos, (...), pois eu ainda prefiro a maneira antiga _ gosto das valsas tipo vienenses, dos samba canções e das marchinhas rancho em tom menor _ prefiro Catalão com serões e reuniões em casas de família. Enfim, sou fã das varandas e dos coronéis...* (Sebba, 1988:45).

A posição de dualidade de Jamil Sebba é a mesma de muitas outras pessoas (principalmente políticos) da cidade que vêem as mudanças como algo real, mas, que assinalam os tempos anteriores com ufanismo, ou que meditam sobre os paradoxos que envolvem a

experiência da modernização. A modernização material ocorrida na cidade de Catalão, indicada por Jamil Sebba, instigou transformações no cotidiano e no modo de vida das pessoas. A modernização da cidade "inspirou e forçou a modernização das almas dos seus cidadãos". (Berman, 2003:168)

Mudanças nas atitudes de violência e o crescimento material e econômico da cidade são colocados pelo cronista como acontecimentos simultâneos e repletos de afinidades. Progresso nas atitudes das pessoas (modernização espiritual) e progresso político e econômico da cidade (modernização material) permitem entender a noção de progresso para aquela realidade, isto é, o momento em que mudanças econômicas e culturais se combinariam de forma indissociável, construindo, assim, uma cidade em harmonia.

O que se pode vislumbrar é que essa imagem de cidade voltada para o progresso, explicitada enquanto projeto de uma classe política, necessita de uma outra imagem antecessora para, negando-a, obter validade da outra imagem que se pretende construir. Por ocasião do centenário, duas imagens estavam em jogo: uma, da cidade de Catalão enquanto cidade colonial, tanto na parte arquitetônica (representada pelas telhas envelhecidas) quanto nas posturas (valores, cultura) das pessoas que supostamente seriam violentas e, a outra, representada por indícios de desenvolvimento e civilização, como na produção de livros e substituição de antigas referências (Bairro da Grota, tempo quente da política, etc.).

Desse modo, devem-se analisar quais elementos são elencados na construção dessa nova imagem, dessa nova Catalão. Para tal, faz-se uma reflexão sobre o conteúdo de outros artigos do Jornal Gazeta, que funcionam como vitrines desse projeto.

Catalão é representado como uma terra abençoada e isso é caracterizado pelas suas belezas naturais. Para Hélio Vaz[18](1959), aquela cidade em sua centenaridade é "*guardada* [pelas]

[18] VAZ, Hélio. A meus conterrâneos. In: *Gazeta do Triângulo.* Agosto de 1959. Ed. nº 1964: 2.

duas sentinelas geográficas, culminadas com sinais cristãos...". Locais religiosos[19] (embora hoje outras *tribos* se apropriaram do espaço para outras utilidades) a marcarem os pontos extremos da cidade, estes morros são tomados como sinais da bênção do *Supremo* para com aquele povo e cidade. Daí advém que "*extasia-se qualquer pessoa por mais insensível que seja deante* [sic] *dos grandes espetáculos da natureza e do convite sedutor das suas terras*..." [20]. (Amorin, 1959: 02)

Um tom mais proverbial que os já citados é encontrado em "Paisagens Catalanas" [21] de Antônio Chaud (1959: 02). Romanceando as descrições, tem-se que "as zonas urbanas e suburbanas [de Catalão] estão localizadas nas suaves encostas do vale atravessado pelo Ribeirão Pirapetinga". Se Hélio Vaz tratava como sentinelas geográficas cristãs a vigiar a cidade, Chaud toma aquelas elevações "como dois altares naturais" com significativas colunas que limitam a cidade de norte a sul.

O destaque às paisagens naturais e um vocabulário bucólico é o tom de Chaud em seu artigo e o mesmo pode ser dito de Jamil Sebba em seu "Catalão de minha infância". Entre o passado e o presente da cidade, o "saudosismo romântico" também ocupa seu lugar. Na realidade, a imagem que o jornal quer transmitir, essa do progresso, mescla-se com uma imagem romântica, bucólica da cidade.

O que se pode depreender das informações analisadas é que os autores dos artigos transformaram a comemoração do centenário num marco: seria o início de uma *segunda etapa*[22] na vida daquela cidade. Com o centenário, aquela cidade só teria um rosto, e este rosto deveria ser

---

[19] É sabido que, historicamente, os morros e os ribeirões eram decisivos para que os bandeirantes não perdessem as rotas. Em Catalão_ que era Pouso _ esses marcos geográficos eram fundamentais. Por outro lado, a presença da cruz é mais que um dado, ela era a marca das bandeiras. Esse fato histórico foi ignorado pela imagem mitificadora.

[20] AMORIN, Adalcino de. Catalão - economia e cultura. In: *Gazeta do Triângulo.* Agosto de 1959. Ed. nº 1964:2.

[21] CHAUD, Antônio. Paisagens Catalanas. In: *Gazeta do Triângulo.* Agosto de 1959. Ed. nº 1964: 2.

[22] Agnaldo Campos Netto, em seu artigo "Homenageando", publicado na edição nº 1964 de 20 de agosto de 1959 do Gazeta do Triângulo, evidencia **"***Que todos êsses nomes de nossas vitórias recebam o nosso aprêço, nesta magna data que marcará* ***segunda etapa*** [grifo nosso] *de nossas conquistas*".

o do progresso, do desenvolvimento, da satisfação de seus moradores e de uma infindável perspectiva de sucesso.

Empunham tanto essa bandeira que Catalão tem suas características comparadas às das maiores metrópoles do mundo: Londres, Paris, Nova York e Roma. Sebastião Santana e Silva[23] não esgota em aspectos materiais seu sectarismo quanto às características daquela cidade. Lê-se neste que:

> *... Nova York é... demonstração eloqüente da moderna técnica e da civilização capitalista. Londres... espelha... a grandeza de um império que dominou o mundo. Roma... traduz... a força espiritual da religião cristã... Paris... é a capital ocidental... Tal como essas... o pequeno burgo edificado nas margens do Pirapetinga tem também suas características próprias... Seu povo conserva muitas das características dos bandeirantes e pioneiros que desbravaram os nossos sertões...* (Santana e Silva, 1959. Ed. 1964: 06)

Santana e Silva sublinha o espírito empreendedor da população daquela cidade, ressalta a civilidade de seus filhos que não fogem à luta e atribui tudo isso à conservação das características dos bandeirantes. Se há nesse povo catalano algo que lembre aquele espírito bravio, este é direcionado não para as truculências _ que fazem parte de um outro tempo _ , mas para o pioneirismo e para o progresso, modulando o presente e o futuro.

Esse recorrer às imagens construídas em torno da figura dos bandeirantes estabelece um fio de continuidade desde os tempos mais remotos, "uma espécie de mito fundador" (Bresciane,

---

[23] SANTANA e Silva Sebastião de. Saudade. In: *Gazeta do Triângulo*. (Página Literária) Agosto de 1959. Ed. nº 1964: 6.

1999: 42) até os dias de hoje, haja visto o poder municipal atual, quando da construção do Museu Municipal Cornélio Ramos, ter afixado uma réplica da cruz do Anhangüera em frente ao referido prédio. Essas discussões sobre a memória e sobre os mitos fundadores são importantes, mas escapam aos limites desse trabalho, ficando, de todo modo, registrada sua pertinência.

Num artigo de Frederico Campos[24], a evidência de que já há algum tempo estes autores faziam uso do jornal Gazeta do Triângulo para fazer uma publicidade da cidade fica mais clara. É certo que tinham consciência de que "vendiam" a imagem da cidade bela e culturalmente desenvolvida. Tanto que afirma:

> *... lembrado que fui a mandar algumas linhas à valorosa GAZETA DO TRIÂNGULO,* ***grande propagandista*** [grifo nosso] *de nossa cidade, destas linhas lanço aos catalanos o meu grito de fé e bom êxito com a ajuda de Deus, nos grandiosos festejos do Centenário de Catalão*. (Campos, 1959. Ed. nº 1964:17).

Essa passagem revela como se fundiu nas comemorações o anseio de que uma imagem nova para a cidade de Catalão se firmasse e o jornal, como já se disse anteriormente, foi apenas um dos meios de que se serviram para que esse projeto fosse adiante.

No editorial do Jornal Gazeta, podemos ver quais são os elementos escolhidos em 1959 para pronunciarem o progresso daquela cidade:

> *A terra que hoje completa seu primeiro século de existência, na categoria de cidade, marcha, de maneira agradável, no caminho do progresso; realmente,*

[24] CAMPOS, Frederico. Duas palavras ao Centenário. In: *Gazeta do Triângulo.* Agosto de 1959. Ed. n º 1964:17.

> *quem analisa os últimos anos de sua existência, verifica profundamente modificações em todos os setores, que a vão tornando moderna e a elevando aos olhos de outras comunas de Goiás e do Brasil. A* ***pecuária*** *também se mostra de suas principais fontes de riqueza, ao lado da* ***agricultura****, que se desdobra, na exploração de diversas espécies.* (Gazeta do Triângulo, 1959. Ed. nº 1964: 01).

Vê-se que é na *pecuária* e na *agricultura* que esse município entoa seu canto de progresso. Nada mudou, então, desde que a Ferrovia – em 1913 – pelos domínios territoriais adentrara. Mais do que isso, percebe-se a não referência às minerações, posto que somente *a posteriori* serão elas as responsáveis pela referenciação ao progresso.

No centenário, ainda não se sabia das reais possibilidades de exploração dos minerais naquelas terras. Diante disso, é discutível a afirmação de Santos de que:

> *A partir de 1950, mais especificamente, do final desta década e início do seguinte, [Catalão] estará vivenciando uma nova realidade. O centro das atenções da vida econômica do lugar deixa de ser, exclusivamente, a agricultura. A confirmação da viabilidade de exploração mineral no município vem trazer novo ânimo aos propagadores do ideário do progresso*. (Santos, 2001: 53)

Neste momento, a possibilidade de um município industrializado faz mais próxima a vontade de ver "Catalão, orgulho do Brasil". (Santos, 2001:53).

Em uma edição especialmente dedicada à exaltação das potencialidades da cidade, a mineração não deixaria de ser contada se dela os articulistas tivessem clareza. A primeira empresa mineradora a operar industrialmente em Catalão foi a Mineração Catalão, em 1976; a Goiásfértil só iniciaria suas atividades em 1978 e a Copebrás em 1977. A confusão parece instalada, porque, em 1961, o governo estadual criou a METAGO[25] para estudo das potencialidades de exploração, mas as atividades exploratórias só se deram anos depois.

Desfeito esse equívoco, parece difícil aceitar que, conforme aparece na citação feita de Santos, a possibilidade de Catalão ser orgulho do Brasil se faz próxima. O engano parece ser mesmo de datas, pois, se ainda não havia respostas da METAGO sobre a viabilidade econômica da exploração, de que maneira o Hino da cidade vislumbraria nesse elemento a realização de uma esperança? Vale a pena acompanhar o Hino oficial do 1º Centenário de Catalão, aprovado pelo decreto nº 11, de 18 de julho de 1959, com Música de Frederico Campos e Letra do professor Aguinaldo Campos Netto:

> *De um passado glorioso desperta, / Catalão, vem viver o esplendor! / Tua história, teus filhos em festa / Querem hoje cantar com ardor. /*
> *Terra altiva de encantos e escóis / Na lembrança dos teus viverás, / Foste terra de doutos e heróis, / Catalão, Atenas de Goiás.*
> *Bis) De Goiás, de Goiás.*
> *)Catalão é símbolo de Paz.*
> *Quando em sonhos partiu Anhanguera, / No afã bandeirante de então, / Como marco deixou nesta terra, / Uma cruz a brilhar na amplidão.*

[25] METAGO - Empresa responsável pela pesquisa de Metais em Goiás durante a década de 1960 e, que no ano de1967, confirmou a presença de nióbio de ferro no município de Catalão.

E da luz dêsses raios vivemos, / numa fé mais ardente e viril, / Esperando que um dia veremos, / Catalão, orgulho do Brasil.

Bis) Do Brasil, do Brasil,

)Catalão é terra varonil.

(Gazeta do Triângulo. 1959. Ed. nº1964: 04. Notas coligidas por Antônio Chaud).

Pode-se notar a tentativa de combinar o passado e o presente da Cidade de modo que fiquem na lembrança apenas nomes de "doutos e heróis", bem como a referência aos bandeirantes. A preocupação de que seus filhos conheçam sua história e cantem a mesma, preocupação exposta pela CENIMEC, está presente também no Hino Oficial do Centenário. Uma cidade composta de poetas, doutos e intelectuais estaria entre as mais avançadas culturalmente no Estado de Goiás e, por isso, que é criado o slogan "Catalão, Atenas de Goiás[26]".

Sendo a METAGO criada em 1961, depreende-se que esse orgulho demonstrado haveria de se fundamentar em outros elementos que não os minerais. As afirmações dos memorialistas – fontes em que se basearam Santos e Chaul – sobre o progresso sustentado pelas minerações datam da década de 1970 e, portanto, configuram-se em escritas sobre o passado, tendo em vista as expectativas do futuro, que no caso era a ainda incipiente exploração mineral.

Fechado esse parêntese, volta-se ao Gazeta. No artigo denominado de *Catalão – economia e cultura*, o doutor Adalcino de Amorim faz um balanço sobre as fontes de riquezas daquele município e destaca, sobretudo, a fertilidade das terras. Bem mais consistente é o artigo "A meus Conterrâneos" [27] de Helio Vaz que, para demarcar elementos do progresso, destaca ser preciso percorrer:

[26] O historiador Cornélio Ramos no seu livro *Colina dos Poetas* (1998) afirma que este slogan foi "criado e lançado na imprensa goiana pelo professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, no início de nosso século [XX]. Na época, alguns intelectuais fizeram uma avaliação do nível cultural dos municípios goianos e verificaram que Catalão se destacava dentre os demais" (Ramos, 1998:90).

[27] VAZ, Hélio. A meus conterrâneos. In: *Gazeta do Triângulo.* Agosto de 1959. Ed. nº 1964: 2.

> *A lenta sedimentação da cultura, a evolução do pensamento e da atitude da massa do povo, o esforço econômico no desenvolvimento das riquezas, o aprimoramento do ensino, o progresso do urbanismo e até a modificação de hábitos e adaptação à vida moderna*. (Vaz, 1959. Ed. nº 1964: 02).

Tem-se, então, que os elementos aos quais se apegavam os articulistas do Jornal Gazeta do Triângulo eram ligados à pecuária ou à agricultura. Esses dois elementos são elencados no editorial do jornal e revestidos de atenção quando se exaltam as características da cidade.

Em uma análise dos anúncios publicitários desta edição especial do Jornal Gazeta do Triângulo, notou-se que, de 15 anunciantes, seis deles faziam referência direta aos elementos acima mencionados. A *Cerealista Moreira Pires*, a *Indústria de Laticínios Farid M. Safatle,* a *Sociedade Auto Peças Ltda* (que trabalha com artigos relacionados a máquinas agrícolas, tratores, motores estacionários, oficinas, geladeiras, rádios e outros aparelhos domésticos, bem como tintas, vernizes, ferragens, máquinas para escritório e de costuras), *José Aires Araújo* (fazendeiro, criador e negociante de gado), *Iraci Ribeiro* (indústria e Comércio de laticínios) e a *Casa de Comércio Miguel João e Filhos* (comércio e importação, mas que acentua o progresso da cidade na área da indústria de cana-de-açúcar, laticínios, comércio, lavoura e pecuária) permitem que se destaque o peso das atividades ligadas à pecuária e à agricultura.

Cerealistas, indústrias de laticínios e casas de peças de máquinas agrícolas aparecem ao lado de anúncios de *Casa Bancária D. D. Sampaio, Casa de Saúde Nars Faiad, Companhia de Eletricidade Prada, Casas Pernambucanas* (ênfase nos artigos têxteis), *Cartório do José Sebba, Bar do Zé Pedro, Tipografia e Papelaria Progresso* e *A Construtora* (materiais de construção).

Esse levantamento dos anunciantes ganha mais espaço quando aliadas aos números apresentados pelo professor Antônio Chaud[28], especialmente para esta edição nº 1964. São eles:

> *O comércio catalano é relativamente desenvolvido, de vez que poucos são os municípios que com ele mantém contato.* (…) *Os 250 estabelecimentos que de u`a* (sic) *maneira ou de outra, estão intimamente ligados ao comércio, dentro do perímetro urbano, são distribuídos da seguinte maneira: 22 casas comerciais de tecidos, 65 de secos e molhados, 7 farmácias, 13 bares e sorveterias, 7 açougues, 3 padarias, 6 tipografias, livrarias e papelarias, 12 hotéis e pensões, 18 selarias e sapatarias, 9 alfaiatarias, 14 barbearias, 5 postos de gazolina, 11 marcenarias, carpintarias e serrarias, 30 oficinas em geral, 4 bancos e casa bancária, 4 auto-peças e 20 de outros ramos.* (Chaud, 1959. Ed. nº 1964: 04).

É um número que apresenta como maioria de comerciantes as casas de secos e molhados (65) e que, por isso mesmo, precisa ser pensado. Esses estabelecimentos denominados Casas de Secos e Molhados são melhor entendidos quando analisados à luz de quem viveu e trabalhou em um destes estabelecimentos comerciais da época:

> *Aliás, com dez anos eu tive um emprego fixo, foi numa loja… Era do Joaquim Pato… era uma loja, naquele tempo a gente chamava venda. Quando a gente falava loja, era um estabelecimento que vendesse panos para fazer roupas; ai*

[28] CHAUD, Antônio. Comércio Catalano. In: *Gazeta do Triângulo*. Agosto de 1959. Edição nº 1964: 04.

> *era loja. Agora,* ***venda*** *vendia de tudo. Vendia cachaça, fósforo, querosene, tudo o que você pensar. Ferramenta para o trabalho, principalmente em roça. Enxada, enxadão, machado, foice e... o famoso chapéu Ramezoni ou chapéu Prado. Então isso era a* ***venda.*** *Eu trabalhava numa venda que era venda e loja ao mesmo tempo. Ela tinha a parte de secos e molhados que seria a venda e tinha essa parte de vender panos para fazer roupas* (a loja). (Coelho. Entrevista concedida em 15 de maio de 2004).

Isso possibilita pensar que havia um grande número de casas ofertando produtos destinados à agricultura e à agropecuária porque havia uma grande demanda por estes produtos. As riquezas produzidas vinham do campo e era para estes trabalhadores que os estabelecimentos comerciais se destinavam.

Se secos e molhados significam venda de produtos variados como machados, foices, enxadas, querosene e, principalmente, produtos destinados "à roça", tem-se que a cidade de Catalão continua a depender das atividades ligadas ao campo para o seu desenvolvimento. As dezoito casas de selarias e sapatarias, se contrapostas às quatro de auto peças e aos cinco postos de gasolina, dão a dimensão da demanda por estes produtos.

Com relação ao espaço urbano, verifica-se que as ruas da cidade apresentavam pequeno número de pessoas e carros.

Figura 4. Foto da Rua da Cooperativa em direção à Igreja do Rosário. Foto tirada do centro com vistas para o bairro São João. Década de 1960. Museu Municipal Cornélio Ramos.

Na imagem retratada acima, além de as ruas não serem pavimentadas e estarem sujas com detritos, não apresentam nenhum sinal do desenvolvimento alardeado pelos articulistas do Gazeta do Triângulo. Nesta mesma figura, ao longe, nota-se um segundo veículo (Kombi) que está em sentido contrário do veículo que está em primeiro plano na figura e que está estacionado. Os quintais das casas desta rua contêm muitas plantações como bananeiras, mamoeiros e outras árvores mais. Estes mesmos quintais, na década de 1940, foram condenados pelo então prefeito Públio de Souza, que ordenou, entre outras coisas, que se arrancassem dos quintais todos os pés de bananeiras, pois, como estes serviam de latrinas, acabavam por contaminar a cidade.

Percebe-se, ainda, que a rua transpõe um veio de água que é o Ribeirão Pirapitinga por meio de uma ponte. Do outro lado da ponte é possível distinguir uma carroça que se encontra

parada e, de dentro dela, uma pessoa conversa com outra que está sentada na calçada, em frente à sua casa. Instigante pensar que também essa prática de ficar sentado em frente às portas das casas foi proibida por Públio de Souza, quando prefeito. De costas para quem observa a foto e encostada no muro, que se encerra no leito do veio de água, está uma pessoa que, pela posição em que se encontra, parece pescar ou observar o leito do ribeirão. Em uma cidade sem serviço sanitário, se esta realmente for a atitude da pessoa que aparece na foto, pode se depreender qual seria a "modificação dos hábitos e adaptação à vida moderna" de que falava o presidente da Emprêsa [sic] Mercantil Gazeta do Triângulo.

Helio Vaz, médico catalano que morava em Araguari, faz aos catalanos na ocasião do Centenário, um convite. A comemoração é, então, vista como o momento de se refletir sobre o passado e o sentido da comemoração para Helio Vaz é aquele da reconstrução do passado, pois deste:

> *Pode-se utilizar até, como fator de aprimoramento, a reconsideração de atitudes, verdadeira projeção no interior de cada um, dos acontecimentos grandes ou pequenos, incidentes ou acidentes, tristezas ou alegrias, lutas morais ou políticas, decadências ou progressos, que ao fundirem todos pela força do tempo compõem a história de um povo*. (Vaz, 1959. Ed. nº 1964: 02).

Sem dúvida, Helio Vaz está imbuído na tarefa de construção de uma imagem para a cidade. Ex-prefeito e na época Presidente da Sociedade Amigos de Araguari, ele reconhece que essa outra imagem está na vangloriação da cultura e do pensamento e, passando pelo aspecto urbanístico da cidade, chega à reescrita do futuro.

Figura 5. Foto da Avenida João XXIII durante a década de 1960. Ao fundo, nota-se o antigo prédio do Colégio Presidente Roosevelt, atual Colégio São Bernadino de Siena. Museu Municipal Cornélio Ramos.

Viu-se na figura quatro que o aspecto urbanístico a que se remetiam os articulistas não parecia se cumprir. Nem todas as ruas estavam pavimentadas (possivelmente, apenas as do centro), a cidade não dispunha de serviço de coleta de lixo e sanitária, havia detritos espalhados em frente às casas e por toda a rua. Nesta foto, o que se percebe é o que os articulistas denominam de progresso no aspecto urbanístico, isto é, a abertura de algumas tímidas avenidas que não contarão com pavimentação nem serviço de coleta sanitária, apenas encascalhamento.

A avenida que se apresenta não se estende muito. Logo adiante, apenas algumas quadras à frente, ela se encerra limitada pelo perímetro urbano e já adentrando na área rural.

Por ocasião do centenário, é desejoso que se utilize o passado como espelho do que não ser ou ainda como fatos de aprimoramento e, assim, reescrever as expectativas do futuro é

imperativo. Em *Paisagens Catalanas*[29], Antônio Chaud, após fazer um enlevo dos aspectos naturais e geográficos da cidade, aponta à risca o que Hélio Vaz exigia que os catalanos fizessem. É a revelação da vontade do novo frente à existência do velho: "Da cidade antiga, pouco resta. Meia dúzia de casas enfrentando os anos e o progresso" (Chaud, 1959: 02).

Após dizer que aos poucos a tradição sucumbe ao progresso, afirma: "Suas ruas, em geral bem traçadas, seguem a tendência humana de se aproximarem das estradas de ferro e de rodagem" (Chaud, 1959: 02). Ruas bem traçadas sugerem planejamentos e refutam a desordem das casas em ruas sem asfalto.

Na Catalão de 1959, economicamente pecuarista e agricultora, "o comércio não se localiza em ruas típicas: espalha-se pelos quatro cantos da cidade". Ainda incipiente, "a indústria desponta aqui e acolá". Mas, insinua Chaud, Catalão vai além desses empreendimentos, tendo "muitos prédios importantes e muitas casas bonitas".

Neste ponto, é preciso que se detenha mais um pouco. No tocante à indústria, é possível destacar do Jornal Gazeta do Triângulo, no artigo "Indústrias em Catalão" [30], os seguintes números:

> *Assim, mesmo dentro da frágil estrutura financeira da região, como soe a ser a de Catalão, pode-se anotar número razoável de indústria, fruto mais da ânsia de progredir. Na cidade temos: 1 fábrica de macarrão, 1 de cadernos (a única do Brasil Central), 1 de camisas, 1 de peças para automóveis e caminhões (uma das poucas do interior brasileiro), 1 de cerâmica, 2 de charqueada, 2 fábrica de aguardente, 1 de ladrilhos, 1 curtume a vapor, 1 destilaria, 1 fábrica de manilha, 4 torrefações de café, 5 máquinas de beneficiar arroz, 2 de*

[29] CHAUD, Antônio Miguel Jorge. Paisagem Catalana. In: *Gazeta do Triângulo.* Agosto de 1959. Edição nº 1964:2.
[30] CHAUD, Antônio Miguel Jorge. Indústrias em Catalão. In: *Gazeta do Triângulo.* Agosto de 1959. Edição nº 1964:4.

> *café e 1 de algodão, 3 fábricas de manteiga, 7 moinho de fubá e 1 fábrica de caseína, e 2 fábrica de caxilhos.*
>
> *Na zona rural temos: 1 usina de açúcar cristal, 17 olarias, 84 pequenos engenhos de cana, 8 fábrica de aguardente e 248 desnatadeira.*(Chaud, 1959. Ed. nº 1964: 04)

Note-se que o grande número do que se entende por indústria na época se encontrava na zona rural ou, quando se encontrava na cidade, estava de algum modo vinculado às atividades rurais, como é o caso do curtume, da charqueada, das fábricas de manteiga, da cerâmica, das beneficiadoras de arroz, engenhos de aguardente e torrefações. Na zona rural, está o maior número das fábricas e indústrias do município de Catalão, com destaque para as desnatadeiras de leite.

Este é o ambiente que Chaud desenha para Catalão em 1959. A harmonia do desenvolvimento das indústrias e do comércio com o traçado das ruas da cidade é para este um aspecto de modernização a ser ressaltado. As ruas são bem traçadas e há muitos prédios importantes e muitas casas bonitas. Este também é um dos pontos que as fotografias da época não confirmam, principalmente se se toma a cidade de uma vista panorâmica do início da década de 60:

Figura 6. Foto da cidade de Catalão do início da década de 1960. Museu Cornélio Ramos.

Longe do que propunha Chaud, o que se percebe são casas desalinhadas e feitas com madeira e barro servindo como tijolos, paredes sem reboco, ruas sem asfalto e sem nenhum traçado planejado, água sendo retirada de cisternas e a inexistência de serviço de coleta sanitária. Certamente, essa não seria a cidade que estaria estampada nas páginas dos jornais por ocasião do centenário. Não que ela não existisse, pelo contrário, a literatura de Braz José Coelho vai revelar esses aspectos e mostrar como miséria e ostentação conviviam simultaneamente.

Se na imagem que abria o Jornal Gazeta do Triângulo tem-se uma vista panorâmica que harmoniza homem e natureza, nesta de número seis é justamente o contrário o que se encontra.

Aqui o homem avança sobre a natureza que sobe a encosta do morro. Casas que beiram a casebres avançam sobre a vegetação de cerrado desarmoniosamente. Ruas empoeiradas e sem pavimentação servem de itinerário aos moradores destas encostas. Mas 1959 não é momento para se ater aos problemas, afinal não se comemoram misérias e problemas.

Assim, a exaltação dos aspectos de modernização atinge seu ápice quando Chaud afirma: "Mais a leste, a natureza se entrosa com as ruas movimentadas e a oeste, na zona mais antiga da cidade, até onde quase chega o casario, como referência da linde urbana, o Córrego do Almoço" (Chaud, 1959: 02)

Não é explicado se o movimento é de carros ou pessoas, mas não é difícil imaginar que nenhuma das coisas ali se fizesse presente a tal ponto. O mesmo autor, em "Notas Históricas" [31], embora não confirme o total de carros existentes, dá outras preciosas informações. Falando sobre o comércio da cidade em 1959, afirma haver 250 estabelecimentos em toda a cidade, dos quais quatro são de autopeças e dezoito são de selarias e sapatarias. Pelo número de casas comerciais dá para se ter uma idéia sobre qual meio de transporte era predominante e qual deles poderia movimentar as ruas.

Dados relativos aos anos anteriores a 1959 são fornecidos por Zoroastro Artiaga[32] no artigo denominado "Catalão" em que, depois de tecer inferências sobre a "origem da cidade", afirma que esta não deixou de ser a sala de visita de Goiás e exemplifica, dizendo que Catalão:

> *Seguiu o seu ritmo de progresso sem perturbar a sua economia. Para uma exemplificação desta assertiva, basta dizer que Catalão produziu, em 1956, 45.000 sacas de arroz, no valor de Cr$ 10.000.000,00. Em 1957, produziu*

[31] CAHUD, Antônio Miguel Jorge. Notas Históricas. In: *Gazeta do Triângulo.* Agosto de 1959. 4ª página. Edição nº 1964.
[32] ARTIAGA, Zoroastro. Catalão. In: *Gazeta do Triângulo.* Agosto de 1959. Edição nº 1964:7.

> *81.750 no valor de Cr$ 32.700.000,00. Em 1958, produziu 61.000 sacas, com o valor venal de Cr$ 39.880.000,00.*
>
> *A produção de café foi, em três anos, de 13.460 sacas de 60 quilos, no valor de Cr$ 7.065.000,00. A de feijão atingiu a cifra de 74.644.000,00. A de milho a casa dos Cr$ 33.912.000,00.* (Artiaga, 1959. Ed. nº 1964: 07)

Essas anotações de Zoroastro Artiaga confirmam mais uma vez como a economia de Catalão era ainda movida e sustentada pela agricultura. Nesse ínterim, é fácil ver, então, alguns articulistas enaltecendo a qualidade de seus solos e a fertilidade de suas terras.

O incremento fundamental para essa terra tão fértil se daria com a construção da nova capital federal e, por conseguinte, a construção da BR 106. Para os articulistas, esses elementos definitivamente colocariam Catalão no *roll* do desenvolvimento e progresso.

Jamil Sebba[33] em "Alvorada" destaca que:

> *Nesse último lustro, Catalão andou mais que nos 19 restantes de sua vida de cidade. Situada em cotovelo de estrada, a velha cidade sempre foi um 'ramal', um mero ramal; agora, faremos parte da estrada mestre; da linha tronco e a BR 106 (Limeira a Brasília) cortará o município de fova*[sic] *a fora e dará 270 Kms de economia de estrada aos que da Paulicéia demandam a futura Capital da República.*(Sebba, 1959. Ed. nº 1964: 10)

Esses elementos são, indubitavelmente, os mais explorados pelos articulistas nessa perspectiva de afirmarem viver Catalão um novo ritmo de desenvolvimento. O ano de 1959

[33] SEBBA, Jamil. Alvorada. In: *Gazeta do* Triângulo. Agosto de 1959. Ed. nº 1964:1.

significa o despontar de uma nova era e isso "não porque faz cem anos; os 36.500 dias de cidade não são fator principal para o acordar de um povo que práticamente [sic] e pacatamente dormia" (Sebba, 1959:10).

Nos dizeres de Jamil Sebba, a Catalão Centenária é praticamente uma outra cidade; é aquela em que "o bafejo da futura capital da República está sendo aufetamina[sic] de efeito duradouro para Catalão _ parece que vai manter acordada nossa estimada terra e não deixá-la dormir jamais" (Sebba, 1959: 10).

Sebba vai, aos poucos, tecendo a Catalão que ele idealiza em contraposição àquela que se esmorece frente aos ventos do progresso. Esse sopro acorda o povo catalano que "deitado eternamente em cama de pau, com colchão de palha, (…) desperta de um sono de noventa anos" (Sebba, 1959: 10). Vive-se, portanto, uma *alvorada* com os benefícios que Brasília e a BR 106 (hoje BR 050) trouxeram. Esses benefícios podem ser sentidos como "seiva nova em tronco velho" ou "sangue oxigenado nas esclerosadas artérias de terras que Anhanguera descobriu" (Sebba, 1959: 10).

Os sinais mais evidentes de que se vive um novo tempo de ordem e progresso está na certeza propagada de que "Catalão está substituindo seu passado cheio de truculências e de tocaias" (Sebba, 1959: 10). Ainda, para Jamil Sebba, a Catalão de antes é agora dominada pelas novas perspectivas "de um presente de paz, de tranqüilidade, de progresso e instrução".

A partir de apontamentos como os de Jamil Sebba e, mais ainda, como os de Santanna e Silva (1959: 06) para quem "O progresso e a civilização eliminaram as manifestações truculentas desse espírito bravio (…) A devoção à liberdade é outra dominante na personalidade do catalano… O espírito de aventura está no sangue da gente da terra", fica cada vez mais válida a crítica de Le Goff (1994) em que alerta sobre o problema que há nos discursos que apregoam a

redução de criminalidade e a difusão de cultura como justificativas para a exaltação da superioridade e progresso de uma sociedade.

Enquanto projeto de uma elite que chega ao poder, deixando para traz João Netto de Campos, o último dos representantes dos coronéis a estar no governo, a construção de uma imagem de modernização será feita por outras famílias, entre elas, a de origem árabe. Já em 1954, Antônio Miguel Jorge Chaud era eleito prefeito de Catalão e com ele, até os dias atuais, o poder municipal sempre se reveza entre os políticos de famílias tradicionais.

Geralmente formados em medicina ou áreas afins, os políticos dessa famílias dominam as cenas políticas e culturais de Catalão desde o início da década de 1950. Para se ter uma noção desta afirmação, basta ver como famílias de assinatura Sebba, Chaud, Azzi, Democh, Safatle, Faiad, Elias e outros como os Ulhôa, Netto, Paschoal, Margon Vaz, Aires etc., são maioria dentre os chefes políticos e articulistas do Jornal Gazeta do Triângulo. O prefeito da época do centenário, para se ter uma idéia do domínio exercido por estas famílias, era o senhor Jacy de Campos Netto.

Machado (1990), ao tratar de qual classe responde melhor à ideologia dominante do movimento de 1930 no Estado de Goiás, afirma que:

> *Devido às características sócio-econômicas do Estado que não conhece àquela época o desenvolvimento de um proletariado e de um campesinato com expressão político, somente a classe média (advogados, comerciantes, funcionários, pequenos proprietários e profissionais liberais), ainda que incipiente, responde á ideologia dominante agindo como agente defensor de suas propostas, uma vez que o discurso revolucionário, fundamentado no*

> *liberalismo, vai de encontro aos anseios daquela classe, historicamente acoplada a ideologias que não lhe são próprias.* (Machado, 1990:179)

Com a abertura política de Vargas na década de 1940, João Netto de Campos, filho do Coronel Mário de Cerqueira Netto, assume a prefeitura de Catalão. Com uma história política centrada na dominação via carisma, João Netto de Campos faz parte de uma família que, durante a Primeira República, não teve tantas chances, mas, agora que chegou ao Poder derrotando a tradicional família Sampaio, fez de tudo para se manter-se nele.

Nos pleitos que se seguiram ao de João Netto de Campos, pode se ver como um grupo que assume o poder procura identificar-se como diferente dos anteriores _ visto que utilizam de todos os meios disponíveis, entre eles o carisma e o saber científico _ para que sua imagem seja a do progresso e modernização.

Quadro 1. Alguns dos principais articulistas do Jornal Gazeta em 1959 [34].

Professores	**Formados em Direito**	**Médicos**	**Outros**
• Agnaldo de Campos Netto • Monsenhor Primo Vieira • Antonio Chaud • Zoroastro Artiaga • Rosentina de Santana e Silva (D.Iaiá) • Maria das Dores Campos	• Sebastião Sant´ana e Silva. • Paulo Fayad Sebba • Wagner Estelita Campos • Galeno Paranhos • Antônio Chaud • Mario Campos	• Jamil Sebba • Helio Vaz • Jacy Campos Netto • Adalcino Amorin	• Frederico Campos (maestro) • José Sebba (proprietário de cartório) • Francisco Cassiano (industriário)

[34] Os nomes expostos no quadro referem-se apenas aos presentes na edição nº 1964 do jornal Gazeta do Triângulo de 20 de agosto de 1959 e não à composição geral da elite política de 1959.

Alguns dos articulistas identificados pelo quadro em uma atividade normalmente ocupavam outras funções, como por exemplo, a de escritores, poetas e memorialistas. Cornélio Ramos, um dos principais escritores da cidade, também escreveu poesias e contos quase todos destacando "excentricidades e histórias pitorescas da Catalão".

Esse grupo político que se faz presente no Centenário utiliza seus discursos científicos como instrumento político, tanto como estratégia para se chegar ao poder, como para nele se manter. Esses campos, como medicina, a educação, o direito e arte (música ou poesia) são utilizados como pilares na constituição de uma imagem da modernização da cidade.

Herschman (1996:16) identifica essa união do mundo literário (educação) e do médico durante os anos de 1920/1930, quando, segundo ele, esses "poetas do progresso" fundaram "modelos, condutas, uma imagem do país", emfim, elaboraram o 'paradigma moderno'_ 'inventaram' o Brasil, o 'Brasil moderno'.

Não é objetivo desse trabalho analisar o discurso médico, judiciário, educacional ou artístico presente na política da cidade de Catalão. Este já seria um outro trabalho _ mas, de alguma forma, eles aparecem enquanto imagem de progresso que se construiu.

O "marco" que o centenário representa para a cidade se fundamentaria nas atitudes dessas pessoas que teriam como preocupação o "moldar" de uma população. A CENIMEC é um exemplo no campo educacional e artístico, bem como a medicina e o direito promoveriam a "medicalização" política da cidade e garantiriam a respeitabilidade à justiça, respectivamente. Os médicos estão presentes na política da cidade até hoje. Um exemplo disso é o quadro abaixo:

Quadro 2. Políticos médicos que atuaram na política de Catalão de 1959 a 2005.

Médicos	**Cargo Político**	**Período de Autuação**
Jacy Netto de Campos	Prefeito	1959 a 1962

Sílvio Paschoal	Vereador	1969 a 1972
	Prefeito	1973 a 1976
	Deputado Estadual	1983 a 1986 1987 a 1990
João Sebba	Vereador	1983 a 1988 1989 a 1992
	Vice-prefeito	2001 a 2004 2005 a 2008 (em exercício)
Agnaldo Gonçalves de Mesquita	Prefeito	1989 a 1992
Antônio Abadio da Silva	Vereador	1993 a 1996
	Vereador	1997 a 2000
Fernando Antônio Aires	Vereador	1993 a 1996
José de Fátimo Moreira	Prefeito	1993 a 1996
Adib Elias	Deputado Estadual	1994 a 1997
	Deputado Estadual	1998 a 2000
	Prefeito Prefeito	2001 a 2004 2005 a 2008 (em exercício)
Jardel Sebba	Deputado Estadual	1998 a 2002
	Deputado Estadual	Reeleito em 2002. Mandato em exercício.

Quadro adaptado. SILVA, Silvia Aparecida Davi. *Discurso Médico e Prática Política na cidade de Catalão*. UFG/CAC, 1999. (monografia).

Retomando as idéias de Machado (1990), pode se dizer que, em Catalão é essa a classe que, na década de 1950, age como defensora de uma ideologia modernizadora e progressista para manter-se no poder político local.

Os políticos catalanos de 1959 _ e, neste caso, entende-se por políticos não necessariamente quem esteja no poder, mas os que de fato detêm o poder de decidir sobre a vida de outros, seja no comando de uma prefeitura, no legislativo ou em canais de comunicação, como o rádio, em que era exemplo Jamil Sebba com suas crônicas diárias _através das representações que fazem, transformam em geral um discurso que é particular.

A imagem de cidade que se constrói é algo que não é, mas que pelo menos se deseja que seja e, é assim que ela (a imagem e/ou a cidade) deve ser vista e entendida.

Do veículo de comunicação que é o jornal e que, por isso mesmo, se transforma em um potencializador de imaginário e representações, tem-se que a imagem mais tradicional da cidade de Catalão é a que a historiografia de Nars Chaul categorizou como sendo a das irmãs siamesas. Violência e atraso justificavam-se posto que valores como honra e bravura faziam questão de serem apresentados como sinônimo de prestígio e de poder na cultura local.

A partir de 1950, várias serão as tentativas de se apagar da cidade essa imagem que em nada representava o ideário capitalista de desenvolvimento e progresso. A elite que agora se encontra no poder trará outro discurso na bagagem e, mais do que nunca, se utilizará do centenário para a divulgação deste projeto político. Essa nova elite se colocará como a mensageira e portadora dos valores progressistas.

O centenário reúne essa possibilidade: é o momento da presença e do espaço para a divulgação da cultura (livros como *Vultos Catalanos,* escrito justamente para esta ocasião e a encenação da peça *O Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna são exemplares); para confraternização e volta às origens (jogo de futebol entre o time do Clube Recreativo Atlético Catalano [CRAC] e o time do São Paulo, local de onde originariamente se deslocaram os bandeirantes); de mostrar civismo e ordem através dos desfiles escolares; da preocupação com a juventude e valoração da cultura e história local, bastando ver a CENIMEC, as marchinhas, valsas e hinos entoados nas comemorações, conforme a programação descrita.

Por outro lado, conforme apenas se enunciou anteriormente, essa imagem, que se publiciza em 1959 e que tem por finalidade suplantar a anterior, pode ser encontrada e entendida em duas vertentes: a primeira é a de que ela obteve sucesso no seu objetivo, pois a cidade de Catalão tem sido lembrada atualmente mais por seu desenvolvimento econômico e por manifestações culturais de cunho popular (caso da Festa do Rosário) do que pelas suas desigualdades sociais e alto índice de criminalidade registrado ao longo das últimas décadas.

Em um esforço grandioso, políticos de diferentes legendas partidárias vão e vêm do poder e o empenho em solidificar uma imagem da cidade como pioneira e pólo comercial e industrial do sudeste goiano, portanto, uma imagem de cidade progressista e de alto desenvolvimento político-econômico, continua sendo a bandeira publicitária de todos os políticos que dizem representar a cidade de Catalão, não importando o nível ou esfera da política pública.

Outra vertente de que se fala é justamente um desdobramento dessa; não que as duas se refiram às mesmas coisas, embora não existam separadamente. É conveniente lembrar que uma imagem só se projeta em comparação (em oposição, em alguns casos) a outra já existente, ou que nasça com o objetivo de negar ou reafirmar um discurso presente na cultura ou no imaginário popular.

No caso específico da cidade de Catalão, a tentativa de se construir uma imagem positiva *da* e *para* a cidade se faz no encontro de uma outra imagem da qual não se pode (ou não se deseja) fugir, uma vez que desta depende o sucesso daquela. Quer se dizer que para a legitimação de uma imagem positiva é necessário tornar a anterior negativa e, nesse caso, a imagem a ser esquecida é a da cidade que só se preocupava com a política e se esquecia da industrialização e do progresso; que tinha nos seus governos líderes partidários e não lideranças políticas.

Acontece, porém, que para que a imagem positivada tenha plausibilidade e se reconheça, a imagem primeira não poderá ser de toda esquecida, pois é dela que depende a afirmação desta outra. Em resumo, quer-se a qualquer custo que a imagem de uma Catalão colonial e coronelista seja esquecida, entretanto, para que isso ocorra no âmbito do imaginário, depende-se de que aquela a que tanto se deseja esquecer seja sempre lembrada.

Jô Gondar (1996: 37-8) afirma que essa necessidade de esquecer ou de apagar algo revela, na verdade, um desejo de "ocultar tudo aquilo que pode revelar seus paradoxos, suas falhas, enfim, tudo aquilo que poderia comprometer a imagem _ a ficção _ que ela pretende

fornecer de si". É desta assertiva que ela pensa esquecimento como ato social, como um *fazer sócio-histórico*. Será esta desnaturalização do esquecimento que possibilitará pensar que "o que está em jogo é a manutenção de uma imagem ou representação de si mesmo" (Gondar, 1996:38).

Tanto o esquecimento quanto o lembrar precisam ser pensados como atos sociais que atingem uma dimensão aparentemente paradoxal, qual seja a de que a legitimação de uma imagem positiva de cidade se faz se a esta contrapuser uma negativa; em outras palavras, se deseja lembrar do passado para, em seguida, esquecê-lo. A cidade do passado simbolizaria um sentimento que, por colocar em risco o presente, é constantemente afastado, mas que nem por isso, pode ser de todo esquecido.

Enquanto discurso tenta-se que esta imagem negativa seja suplantada, esquecida, enquanto que na realidade é mais do que necessário que a população não a perca de vista, ou melhor, não perca do imaginário e da memória o que foi a Catalão da violência e o que será [é] a Catalão do progresso.

Numa espécie de dupla face, faz-se então necessário que ambas as imagens convivam simultaneamente, uma negando a outra, posto que da primeira depende o sucesso da segunda. Aparentemente contraditórios são esses aspectos do conceito que aqui se usa que configura à imagem seu teor dialético, posto que se trata de uma cidade que não vive nem de modernidade nem de atraso, mas que se assemelha ao *modernismo do subdesenvolvimento* de que falava Marshall Berman em sua Petersburgo czarista. Análogo à cidade através da qual se fundiu, o conceito de imagem também se mostra contraditório.

Corroborando Berman (2003:260), as cidades que assim se constituem são forçadas a se contentarem com fantasias e:

> *Sonhos de modernidade, a se nutrir de uma intimidade e luta contra miragens e fantasmas. (...) Ele* [o modernismo do subdesenvolvimento] *se dobra sobre si mesmo e se tortura por sua incapacidade de sozinho, fazer a história, ou se lança a tentativas extravagantes de tomar para si toda a carga de história.* (Berman, 2003: 260)

A cidade de Catalão viveu os anos de 1959 a 1970 com miragens e fantasia. O sonho de se tornar cidade moderna e progressista alimentou os dias de muitas pessoas, instigadas a pensar e agir assim. Deste modo, essa modernização é fantástica porque não se nutriu, conforme se pôde acompanhar ao longo deste capítulo, de uma realidade social que as fotografias insistentemente mostraram, mas de sonhos e desejos de uma elite política que almejava, por meio destes discursos, se manter no poder.

Como estratégia metodológica, parte-se agora para a discussão de outras fontes sobre o mesmo período abordado e que, de alguma forma, também elaboram imagens para esse mesmo acontecimento. Ao se discutir a Crônica de Jamil Sebba, indícios e vestígios sobre uma determinada realidade, isto é, os elementos caracterizadores da visão pastoral do progresso podem ser delineados. As fotografias encontradas no Museu Cornélio Ramos já davam pistas de que uma outra imagem era possível ser encontrada e tomando a literatura de Braz José Coelho como mais uma das *muitas vozes* que dizem sobre Catalão, uma leitura crítica sobre a Catalão Centenária se revela, diferente da construída pelos articulistas do Jornal Gazeta do Triângulo.

Capítulo III

Leituras da cidade: dos aspectos da modernização em Catalão ao entusiasmo desencantado.

Georg Simmel (1978) capta com inigualável leveza os traços da vivência do homem na grande metrópole. Segundo o autor, a exposição a essa nova experiência traduz-se nas novas relações construídas e em novas atitudes, pois, estando em uma metrópole, o homem moderno experimenta novas sensações e estilos que podem levá-lo às correntes, às ameaças, às discrepâncias e ao desenraizamento cultural.

O contato com novos sons e ritmos e novas experiências na relação de trabalho e convívio, enfim, uma outra maneira de se situar no mundo e pensá-lo faz com que o homem da metrópole passe a agir com indiferença perante as situações desesperadoras de seu semelhante. O homem moderno não tem mais "responsabilidade" em ter que reservar um pouco de seu escasso tempo para se condoer com as misérias de seu igual.

Simmel denomina essa indiferença de atitude como sendo *blasé* e será essa postura que identificará esse homem moderno, uma vez que o mesmo percebe "o seu eu como o único ponto fixo da diversidade que o cerca" (Vilhena, 1998: 12).

Percebe-se que a modernidade ou aspectos ligados à modernização têm sido discutidos por intermédio de vários elementos, dentre os quais se destacam questões ligadas à vivência do homem no meio urbano. A cidade tem sido, como disse Berman e, bem antes, Baudelaire, o *locus* da modernidade. Agora, nem sempre esses *aspectos* se apresentam da mesma forma em todas as realidades. Em uma cidade de pequeno porte como Catalão, evidentemente, o que se denomina por modernidade (seja material ou espiritual) precisa ser interpretado ao sabor das possibilidades

e limitações que este fato exige. Uma maneira encontrada para se operar tal perspectiva foi trabalhar com fontes que permitissem a "sintonia fina" para com aquilo que se concebia e desejava de moderno dentro do período de delimitação temporal com que se trabalha. No sentido de captar esta "sintonia fina", percebeu-se que a idéia de cidade em crescimento, de cidade que supera o passado entre outras, era uma das muitas imagens que se faziam notar na versão da história oficial desta cidade.

Com isso, resolveu-se, então, trabalhar neste capítulo com fontes um pouco diversas das oficiais, como a crônica de Jamil Sebba[35], a novela do escritor Braz José Coelho e uma entrevista com o mesmo por entender que estas, além de se apresentarem com outros elementos que a historiografia até então não privilegiara, foram produzidas (exceto a entrevista) durante o período de 1959 a 1970 e estão voltadas a discutir as questões colocadas na época. A imagem de cidade que se moderniza é retomada apologeticamente por Jamil Sebba em suas crônicas da década de 1960 e tratada de maneira diferente pelo escritor Braz José Coelho, tanto no conto *Um homem, sua mulher, seus filhos – a vida*, de 1971, como na novela *Um homem e sua família*, reescritura do referido conto, em 1997.

Vale dizer que esses autores não são aqui tomados como paradigmas para se pensar ou discutir a problemática que envolve modernidade e modernização, nem tampouco se pretende afirmar que os mesmos sejam os únicos a terem *visões pastorais* e *antipastorais* frente a essas experiências.

Enquanto formadores do *corpus* documental, foram escolhidos porque representam uma realidade vivida e olham por outro ângulo algo que todos acreditavam poder ser visto apenas pelo

---

[35] O Livro "Deus é mesmo Goiano" do médico Jamil Sebba contém, além de alguns contos e dados biográficos, crônicas que foram escritas durante sua carreira e vida médica em Catalão, das quais nos interessa, por ora, apenas as escritas durante a década de 1960. No ano de 1988, estes escritos foram reunidos e publicados em forma de livro, de onde, portanto, se extrai tal material documental.

viés acadêmico e científico. O intuito é deslocar a perspectiva de análise sem, contudo, desviar do problema posto, qual seja aquele de compreender as cidades dentro das expectativas de seus moradores e das imagens construídas pelos mesmos.

3.1 O cronista Jamil Sebba.

Jamil Sebba, nascido no Distrito de Santo Antônio do Rio Verde, no município de Catalão, em julho de 1913, passou a primeira meia década de vida naquela localidade até que sua família se decidisse mudar para Catalão. O futuro "médico-escritor" era descendente de libaneses e, após fazer o Curso Primário em Catalão e o Secundário em Uberaba, foi para a cidade do Rio de Janeiro fazer cursinho pré-vestibular. Em 1932, começou a cursar medicina e em 1938 já estava de volta a Catalão, medicando como obstetra.

A estadia de Jamil Sebba no Rio de Janeiro, durante a década de 1930, segundo Sílvio Célio Felício (2003), teria influenciado sua forma de escrita, pois houve contato do estudante de medicina com autores, estilos, tendências e, principalmente, com idéias modernistas na Capital da República. No que tange ao seu gênero de escrita, *a crônica*, Jamil Sebba, devido à sua formação acadêmica, trabalha com temas cotidianos e populares de forma culta, aplicando seu "saber médico" nos escritos sobre a cidade. Não são de se estranhar que em algumas crônicas utilizem uma linguagem médica e tão pouco sua ligação ao prefeito Públio de Souza que o nomeou médico do município em 1938.

Públio de Souza foi um prefeito que, no final da década de 1940, ficou marcado pelas ações "excêntricas", dentre as quais notas-se a proibição de entrada de "carreiros na cidade que estivessem portando facão na cintura" e o "carregamento de galinhas na manguara" (Sebba,

1988:158), além de ordenar o saneamento da cidade via destruição dos bananais que existissem nos quintais das casas da cidade.

Para uma população que encontrava dificuldades em se alfabetizar, as crônicas de Jamil Sebba se fizeram públicas não por meio da imprensa escrita, mas utilizando as ondas do rádio, um veículo de abrangência mais ampla e que não necessitava de uma população alfabetizada.

Escritas para ir ao ar em programa matutino pela Rádio Cultura AM, as crônicas eram dedicadas a vários personagens da cidade, desde trabalhadores, professores, estudantes, desportistas, famílias conhecidas da população, médicos, políticos, moradores do campo (roceiros, no dizer do cronista) e outros segmentos mais. Desta maneira, a crônica atingia um público (ouvintes) maior, já que "massificava" seus destinatários.

No campo intelectual, a crônica tem suscitado debates acalorados quanto à sua acepção de ficção ou relato histórico, principalmente a partir do século XIX, quando a atmosfera da modernidade ofereceu novas relações e possibilidades de "temas" para o cronista. Se, por um lado, a modernidade trouxe possibilidade de expansão da informação, por outro, para a crônica, isto significou também uma variedade entre a linguagem literária e a jornalística (Pereira, 1994).

Esse hibridismo de linguagem da crônica requererá do cronista uma marca de subjetividade quando, ao enunciar sua posição diante dos acontecimentos do mundo, possa proporcionar uma compreensão maior ao seu leitor que agora tem um "turbilhão" de dados e informação diante de si. Nem ligada estritamente à linguagem jornalística e nem desvinculada do gênero literário, a crônica moderna tem na figura do "cronista do século XX uma espécie de narrador que, acima de tudo, pensa o espaço de veiculação das informações" (Pereira, 1994: 107).

Trabalhando com a dimensão do vivido cotidianamente e as relações sociais, a crônica pode ser utilizada pelos historiadores que, atentando-se às dimensões ficcionais envoltas na produção, podem localizar nas entrelinhas outros elementos não tão explícitos em outros

documentos da época. Como a crônica não se prende a uma discussão, podendo passar rapidamente de um assunto para outro, essa *liberdade* faz com que comporte uma variedade grande de informações.

No caso de Jamil Sebba, essa liberdade se faz presente porque o assunto das crônicas não está restrito a uma linha de pensamento (política, economia, cultura, entre outras), o que permite a este médico-cronista estabelecer uma proximidade com seu público-ouvinte. De qualquer maneira, Jamil Sebba, ao dedicar suas crônicas a diversos personagens da cidade, está elaborando seu olhar sobre o seu próprio espaço de atuação, seja ele material (rua, bairro, cidade, Estado) ou não (política, projetos culturais, economia etc.). Esse "conteúdo" vem, então, filtrado pelo olhar do cronista que tem suas preferências tanto pelos temas e formas de exposição, quanto pela ideologia com que nutre sua crônica.

3.1.1 *Deus é mesmo Goiano:* elementos modernizadores em Catalão sob os olhares do cronista.

Jamil Sebba foi, como ele mesmo se intitulava, "um médico metido a escritor". E dessa simbiose, surgem crônicas que retratam a dualidade de suas atividades. O campo médico não é, para o mesmo, apenas um trabalho; ele utiliza o saber científico para emitir opiniões acerca do cotidiano em que vive. Assim é que se pode ver como as mudanças no calçamento e a construção da rede de esgoto da cidade, em sua crônica do dia 7 de julho de 1965, endereçada ao prefeito Paulo Humel, remetem ao saber médico por ele professado:

> *Ontem cumprimentamos os homens que sob sua batuta constroem o calçamento e a rede de esgoto da cidade; o sonho que acalantava há mais de*

> *30 anos o povo catalano... Muita gente está sendo beneficiada pelo esgoto sanitário e pelo calçamento que pouco a pouco vai cobrindo as nossas ruas num ritmo até meio acelerado. E o P.H* [os bloquetes continham a P.H- Paulo Humel] *está tapando nossas tortuosas ruas, cobrindo sua poeira, apagando a característica principal de nosso atraso*.(Sebba, 1988:42)

No decorrer de sua crônica, verifica-se como o cronista justifica as obras da prefeitura por intermédio de seu conhecimento científico:

> *Foram preciso, cento e seis anos de idade para que os nossos dirigentes enxergassem que precisávamos [de] calçamento e rede de esgoto? (...) E não se iluda meu amigo Paulo, que mal você saia daí da prefeitura vão surgir substitutos e que achem que o calçamento não é tão indispensável.* (Sebba, 1988:43)

Cinco dias depois, Sebba retoma seu elogio ao progresso na crônica do dia 12 de julho de 1965, após relembrar aos ouvintes que no mês de agosto Catalão fará 106 anos. O cronista afirma que a cidade vive o mais acentuado progresso, uma vez que já não se encontra aquela vida pacata e sossegada de tempos atrás. Os gostos musicais da mocidade se diferem do de outras pessoas; ele mesmo se sente meio confuso, pois ao mesmo tempo em que vê com bons olhos a transformação da cidade, prefere a "Catalão com serões e reuniões em casa de família". (Sebba, 1988:45). O "progresso material" parecia, aos olhos do cronista, apagar também referências e valores e ele prefere a "maneira antiga" (Sebba, 1988:45). Pode se perceber como tradição e modernização convivem na cidade, chegando ao ponto de o próprio cronista se contradizer em

seu propósito de apologia ao progresso, pois é em nome de um apagar da história "política passada" que 1959 simboliza um marco.

Na crônica do dia 16 de agosto de 1965, Jamil Sebba comenta sobre os preparativos para o 106° aniversario e oferece uma idéia da cidade:

> *Você Catalão amigo é bem roceiro e como tal só de algum tempo para cá, depois que ficou velho é que está resolvido a festejar o aniversário. Antes dos seus cem anos, ninguém ouvia falar do seu natalício. (...) Só soubemos isso em 1959. (...) Você, Catalão - Levanta e vai tratar da sua maquilagem, dos preparativos para sua festa - Vem gente que não lhe vê há muito tempo - Vem gente que nunca lhe viu* (Sebba, 1988:62).

O cronista acrescenta ainda:

> *Para os primeiros* [que há muito não lhe vêem] *você é um retrato amarelado sem muita virtude. Lugares guardados na memória, que já desapareceram da sua topografia, serão procurados e não mais encontrados. (...) Aos que lhe visitam pela primeira vez então você precisa ficar de fato bonita, enfeitada, aspecto juvenil e lêdo para causar boa impressão*. (Sebba, 1988:62/63).

Mostrando como a idéia de comemorar é também momento para tentar "orientar o seu passado, tentar orientar os novos sobre sua história, sobre sua tradição" (Sebba, 1988:58), o cronista confirma a idéia de que as comemorações _ momentos em que se "enfeitam" _ são usadas como forma de se causar boa impressão. A maquiagem para receber os convidados-

visitantes é para "esconder" que a cidade é "bem roceira e velha". No entanto, para não se deixar a imagem de uma velha em todos os aspectos, assevera o cronista ao terminar sua crônica: "Para você que está envelhecendo na idade, remoçando nos costumes e aparência, nós lhe desejamos um bom dia" (Sebba, 1988: 63).

Na semana do aniversário de 106 anos, Jamil Sebba dedicou boa parte de suas crônicas a falar sobre a cidade. Convidou, por exemplo, o "roceiro velho, morador antigo do nosso município [a] (…) ajudar-nos a festejar o Catalão velho, que vai enterar era no dia 20" (Sebba, 1988: 64). Convidou também, por meio de carta, pessoas moradoras em outras localidades, como frei João Batista, que estava em Manaus.

Em tom bucólico, o cronista pergunta: se viessem à Catalão de 1965 as pessoas que há 40 anos partiram, "qual impressão que eles nos dariam, da mudança que apresentamos, do retrato que eles tinham na memória, da cidade triste, escura, esburacada, sem água, sem distrações, sem nada" (Sebba, 1988: 66)?

Haveria reclamações e procura por lugares de antes, mas, em 1965, estes existiriam apenas na memória. Certamente _ afirma o cronista baseando-se em Lobato _ estes que há muito partiram diriam: "progresso amigo, tu és cômodo, és delicioso, mas feio" (Sebba, 1988: 67). Ao criar esse sentimento em pessoas que, se viessem a Catalão depois de 40 anos, ficariam a questionar as mudanças _ chegando mesmo a "condenar" o progresso _ Jamil Sebba está reafirmando que a cidade se transformou e o responsável por isso seria o progresso.

Um dos exemplos mais visíveis desse progresso que tudo transforma é o que se discute na crônica do dia 27 de agosto de 1959. Homenageando os médicos da cidade, Sebba lembra: "houve época em que os facultativos da terra dispunhamos [sic] de dois preciosíssimos aparelhos de diagnóstico o olhômetro e o palpitômetro. Só existiam esses dois: isto é, a gente olhava o doente e dava um palpite no diagnóstico _ as vezes a gente até acertava" (Sebba, 1988:71).

O cumprimento do cronista ia para o médico que, em 1965, não andava mais a cavalo ou a pé, mas para aquele que "anda[va] de automóvel e que só atend[ia] em hospital". Os médicos de Catalão já não precisavam "cheirar o seu doente", pois contavam com exames de raio X e provas funcionais" (Sebba, 1988: 71-2). Para completar a lista de modernização da medicina, os médicos contavam também com "cesariana, anestesia geral sempre com sangue e oxigênio a mão para lhe dar segurança" (Sebba, 1988:72).

No campo da medicina, sua área, Jamil Sebba poderia ter citado _ como fizeram alguns dos articulistas_ a criação recente do Hospital Santa Casa de Misericórdia de 1959, ou também o Hospital Nars Fayad, que também ele ajudou a fundar.

Ao escrever suas crônicas, Jamil Sebba acaba por dimensionar os acontecimentos cotidianos da cidade e seus apegos aos elementos que transformaram a cidade de outrora em uma "rejuvenescida cidade do presente" fornecem um quadro de quais eram as mudanças em curso na cidade.

Nas ruas da cidade, podiam se ver o calçamento e o trabalho de homens construindo a rede de esgoto. Mas as transformações não são apenas materiais. Sebba vai além e diz que os costumes também estão mudando, pois os gostos musicais já não são os mesmos e a vida na cidade não segue o ritmo pacato e sossegado de outros tempos, dando a entender que espiritualmente também havia mudanças. Aquela "paz bucólica e luar valorizado pela má iluminação, de costumes roceiros, hospitaleiros e desinteressados" já não existem na cidade de Catalão após 1959 (Sebba, 1989:63).

Daquela cidade colonial _ nas telhas e nos costumes _ restam lugares guardados na memória, retratos de uma cidade triste, escura, esburacada, sem água e sem distração _ afirma Jamil Sebba. Em seguida, aconselha a quem conheceu Catalão desta forma e quiser revê-la que é melhor que não o faça, pois ela já não existe: "Não venha, madre Lúcia, guarde bem na memória

o nosso Catalão de 1920. (…) não volte aqui para não sentir as emoções dos velhos encontros" (Sebba, 1988: 67).

As mudanças a que se refere Jamil Sebba se avolumam e podem ser vistas por todos os lugares:

> *Onde estará a casa da velha Periquita? Onde será que foi parar o Beco dos Aflitos com a Madalena fazedeira de colchões que nele morava? E o casarão do correio com a escola da Dona Yayá ao lado… Onde estará o largo da igreja com sua grama verde e o seu coreto de leilões?*(Sebba, 1988:63)

Esses são os elementos modernizadores de que se nutriram, na década de 1960, os apologistas do progresso e da modernização. Antigos lugares e pessoas já não existem e não são, também, lembrados. A cidade respira outros ares e a televisão, o radar e o "roque" mudam os gostos dos mais jovens. Longe foi o tempo em que a violência e a cidade velha faziam frente ao progresso. Esses traços aos poucos se apagam e novos horizontes surgem, ditando assim, que caminho devem seguir a cidade e seu povo.

O que se percebe é que o discurso é de superação, dinamismo, otimismo e unidade. A cidade caminha a passos largos em direção a um futuro sem misérias e desencontros. Definitivamente, para esse grupo o progresso é a marca da cidade que, embora centenária, se renova nos costumes e atitudes. Catalão já não é o mesmo de outros tempos _ diriam todos os que vissem no progresso o meio de construírem sua base de sustentação política.

São essas mensagens do cronista Jamil Sebba que, juntamente com aquelas dos articulistas do Jornal Gazeta do Triângulo, formam o quadro de progresso e modernização que compõe a imagem de cidade moderna. Mas este discurso e essa imagem de cidade eram os

mesmos para toda população? Se não, qual era a outra cidade por detrás *daquela maquiagem para causar boa impressão*? Quais são os elementos que questionam essa euforia progressista? Essas são questões levantadas e debatidas a seguir.

3.2 Braz José Coelho: o literato.

Braz José Coelho[36], literato e acadêmico de Letras, nasceu em Goiânia e, aos dois meses, mudou-se para o município de Silvânia - GO. Com seus pais e irmãos ali permaneceu até a idade de dois anos, quando então se mudou para uma fazenda denominada Duas Pontes, que hoje fica no município de Ipameri-Go. Alfabetizado pelos pais, veio ainda criança para Catalão, onde iniciou seus estudos no Externato São Sebastião para se transferir logo para outro colégio, o internato Presidente Roosevelt.

Já nessa época, aluno do Curso Ginasial, fazia suas primeiras leituras e fundava, junto com os demais alunos do internato Presidente Roosevelt, o jornal "Voz do Estudante" que, organizado pelos próprios alunos, servia também para publicação de suas primeiras produções. Dando seqüência à sua formação intelectual, auxiliou seu trabalho como vendedor de jornais e revistas, como *O Cruzeiro*, *Seleções* e *X* 9, pois, quase sempre, fazia a leitura antes de levá-las aos assinantes-compradores.

Aos dezesseis anos, logo após ter trabalhado como auxiliar numa loja que comercializava produtos rurais, conseguiu emprego na Biblioteca Municipal. Segundo suas informações, foi neste momento que ele tomou contato com as novelas francesas e clássicos russos, como as obras de Dostoiévski. Como trabalhava à noite e quase ninguém necessitava de

[36] Coelho (2004). Entrevista realizada com o escritor em sua residência, no dia 15 de maio de 2004.

seus préstimos naquele período, passava o tempo lendo coleções de história, romances, novelas e livros de contos.

Terminado o curso ginasial, foi para a cidade de Agudos (SP) ser seminarista. Desistiu do curso antes de seu término e, de volta a Catalão, desempregado, fez um curso profissionalizante em Contabilidade, exercendo esta atividade por longos anos em Catalão. Neste tempo, concilia o trabalho como contador e as tentativas incertas de estudos quando se matricula no curso de Direito na Universidade Federal de Uberlândia sem, contudo, concluir o que seria seu primeiro Curso Superior. O trabalho e os quatro anos de Direito em Uberlândia não fizeram com que perdesse o contato com a leitura e o gosto pela literatura. Junto a outros antigos colegas da época do Ginásio e Contabilidade, formaram o grupo de estudo "Águia de Haia", que se reunia todos os domingos para discutir as produções de contos, poesias e apresentações teatrais.

No início dos anos 60, Braz José Coelho deixa Catalão e muda-se para Goiânia onde, após abandonar todas as outras áreas de estudo já iniciadas e seguindo um prenúncio manifestado desde a infância, cursa Letras Vernáculas pela UCG, ingressando rapidamente na carreira de professor de cursos pré-vestibulares e universitários. A Pós-graduação, também na mesma área, viria logo depois pela UFG, onde também se dedicou à docência.

Antes de cursar o ensino superior, portanto morador da cidade de Catalão, já escrevia seus primeiros contos e poesias, todos ambientados no contexto rural e sob influência de Hugo de Carvalho Ramos. Já em Goiânia, congregando estudo, trabalho e produção artística, dedica-se às temáticas urbanas. É desse momento um de seus mais conhecidos livros, *Os cães e a Rede*, que tem Goiânia e o contexto da ditadura militar como ambiente, conforme se pode notar.

Sua trajetória acadêmica, ao se considerar as dificuldades de publicação no Centro-Oeste do país, é bastante interessante. Com publicações[37] na área de literatura (dois livros de contos e

[37] Do escritor Braz José Coelho ainda podem se encontrar as seguintes produções: *Peonagem e Cabroeira*, prêmio Departamento Estadual de Cultura (DEC) da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Goiás, Goiânia: Oriente,

uma novela) e alguns outros mais na área de lingüística, o seu pensamento desperta admiradores e críticos continuamente.

Sua estréia foi com *Peonagem e Cabroeira* (1971), premiado pelo Departamento Estadual de Cultura (DEC) da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Goiás. Seu primeiro livro traz 11(onze) contos e um conto-novela. Esse conto-novela intitulado *Um Homem, sua mulher, seus filhos – a vida*, publicado em 1971, será aquele que dará sustentação à publicação da novela *Um Homem e sua Família,* em 1997.

Outro livro de contos e que lhe rendeu maior destaque foi *Os cães e a rede*, de 1978. Esse livro já teve sete edições e foi indicado por dois anos consecutivos (1986 e 1987) como leitura obrigatória aos vestibulandos da UFG. Outras publicações suas também já tiveram reedições, algo que fez com que seu nome figurasse em seis antologias literárias.

Também para este pesquisador, a novela *Um Homem e sua Família* despertou um interesse especial, já que composto de uma temática relacionada à cidade de Catalão, mas também voltada ao entendimento de um ambiente mais amplo, qual seja, a realidade goiana e, porque não, brasileira _ se se pensar nos problemas em que o êxodo rural se transformou e nos problemas sociais que com ele se fizeram notar.

Definitivamente, a escolha dessa obra para esta parte do trabalho se deu por se tratar de um livro que consegue abarcar a dimensão da vida cultural e mental do homem frente à "moderna vida na cidade" _ mesmo que seu autor esteja distante geograficamente dos grandes centros urbanos e acadêmicos do país.

1971; *Guia Curricular de Comunicação e Expressão* _ Língua Portuguesa, co-autoria, Goiânia: Editado pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Goiás, Caderno nº 24, 1974; *Processo de Estruturação Lingüística*_ Dissertação de Mestrado, mimeografado, Goiânia: UFG, 1974; *Licenciatura parcelada Experimental*_ uma proposta de melhoria no ensino de 1º grau, co-autoria, Goiânia: imprensa da UFG, 1977; *Os cães e a rede, 7* edições. Cultura Goiana, 1987; *A Comunicação Verbal e suas implicações didático-pedagógicas* _ ensaio. Goiânia: ed.da UCG/ Cultura Goiana, 1985; *Educação e Linguagem – reflexões ligeiras* _ ensaios, Goiânia: Cultura Goiana, 1991; *Linguagem: conceitos básicos*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005. *A Comunicação Verbal e suas implicações didático-pedagógicas* _ ensaio. 2ª edição. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

Segundo Miguel Jorge, no prefácio que elabora para *Peonagem e Cabroeira* (1971), o conto-novela *Um homem, sua mulher, seus filhos - a vida* traz contribuições pessoais do autor para dentro da questão regional, "demonstrando o desejo de renovar o gênero" e libertando-se do esquema do contador de causos.

O fato de o autor ter dispensado atenção à *reescrita* de um conto e tê-lo publicado em separado e em forma de novela já é um ponto a se considerar. Isto pode revelar desde a importância com que o tema se apresenta ao autor, como a influência da distância temporal entre uma publicação e outra na sua obra geral.

3.2.1 *Um Homem e sua família*: a desconstrução da imagem oficial.

Vários teóricos têm se dedicado ao estudo da relação entre História e Literatura. Nicolau Sevcenko (1999), por exemplo, ajuda na discussão que se quer aqui apresentar e que compreende a literatura como documento. Para ele, a literatura ocupa-se *também* do que não ocorreu, das possibilidades que não se transformaram em sucesso, e por isso mesmo, possibilita o contato com traços e resquícios tidos como menores.

O cotidiano e as frustrações, os devaneios e os projetos de um povo não são, geralmente, identificados em fontes que se preocupam em demasia com a parte econômica e política. As divergências simbólicas e ideológicas, tão importantes para a investigação histórica, precisam ser recuperadas e a literatura, como afirma Backzo (1984), por se transformar em um veículo de difusão de imaginário, de concepções e ideologias que traz expressas as vontades e as esperanças de uma coletividade, não pode passar despercebida pelos estudiosos.

O crítico literário Wendel Santos (1983) diz que a literatura tem voz e sua mensagem se manifesta através dos devaneios ou frustrações. As mensagens contidas nos livros podem

expressar os sentimentos de grupos e, enquanto arte, a literatura necessita ser pensada também na dimensão da forma. Conteúdo e forma, como aspectos indissociáveis da literatura, constituem-se em "*uma saída para a investigação de novos problemas com instrumentos não tradicionais*" (Borges, 1996: 36).

Ao se tomar a literatura como documento que, conforme aponta Chartier (1985), traz em si representações sociais de modo que uma sociedade se deixe ler através destes, não se está negando ou reduzindo a mesma a objeto destituído de estética. Pelo contrário, ao tratar conteúdo e forma como elementos indissociáveis, entende-se que os mesmos constituem-se em construções de significados sobre o real, uma vez que a *maneira como se* diz está diretamente ligada *àquilo* que se diz. Esses significados que, no caso da novela, se formam sob a perspectiva específica que é a do olhar do literato, não são isentos da realidade exterior e, por isso mesmo, podem revelar as divergências ideológicas e simbólicas de que se falou anteriormente.

Pensando nisso, procura-se demonstrar que a novela de Coelho, *Um Homem e sua família* (1997), oferece a possibilidade de se vislumbrar a mesma realidade sob um outro prisma, posto que:

> *A diferença entre a ciência e a arte* [entenda história e literatura] *não consiste em tratarem objetos diferentes, mas sim em tratarem o mesmo objeto de diferentes maneiras. A ciência dá-nos um conhecimento conceptual de uma situação; a arte dá-nos a experiência desta situação*... (Eagleton, apud: Bacega, 2003:80).

A linguagem científica que Coelho vai usar na novela, no sentido de que faz dela instrumento de sua comunicação, matéria de composição de seus personagens, diferencia-se do

uso que fazem dela os autores dos artigos publicados no jornal Gazeta do Triângulo e Jamil Sebba em "Deus é mesmo Goiano". "*Meus personagens são feitos e apresentados com o material lingüístico*", essas são palavras que Miguel Jorge, no prefácio de *Peonagem e Cabroeira* (1971), apresenta como sendo de Coelho. A objetividade buscada pelo autor e certo descrédito para com as possíveis "vantagens" trazidas pela modernização se destacarão ao longo de sua obra, algo em que se diferencia dos demais.

Aquela família de migrantes que saiu de Porto Nacional, movida pelas histórias de riquezas do Sul e que acaba por ficar em Catalão, rapidamente conheceria os problemas *daquele* que outros pintaram como paraíso. Saberia logo como se desmancham feito pó ao vento os sonhos de uma vida inteira. Ali, na procura por algo que haveria de ser tão abundante _ o emprego _ tinha:

> *Pela frente as mesmas ruas, as mesmas esquinas: buracos e irregularidades nas calçadas antigas prejudicando passos, uma poeira fina que o sol tentava dourar sem muito sucesso, postes de madeira lavrada numa fila mal feita beirando as casas de fachadas sujas e espichando velhos fios emendados, pedaços de muros de taipa quebrados e latas abertas entulhadas por uma macega seca emaranhada ao lixo acumulado. Mais adiante, bem adiante, aproximando-se do Largo da Igreja, casas com grades, jardins bem cuidados, alpendres onde vasos de plantas caseiras e xaxins de samambaia esverdeiam o ambiente limpo e sadio; ruas com meio-fios, calçadas largas, postes de cimento e uma que outra pavimentada por paralelepípedo* (Coelho, 1997:11).

É possível visualizar duas imagens de cidade totalmente diferentes. Uma que no jornal se apresenta cheia de belezas, limpa e bela. Outra, porém, na periferia, vista a partir da ponta da rua, é a imagem a que não se referiam _ uma cidade pobre e desmantelada onde a divisão de classes se torna visível pela arquitetura e pelos ornamentos das casas, bem como pela pavimentação das ruas.

Aquelas ruas contendo as histórias dos homens, carregando rastros dos tempos, mostrando os desgastes dos anos e as vontades e idéias dos homens pobres, não é a cidade publicada pelo jornal. Há na novela o revelar de um outro urbano. Tem-se uma imagem das ruas em seus pormenores. Ruas que testemunham um tempo e uma história; marcas de um povo, de uma política. Os bairros e ruas contam a história da constituição da cidade. São rastros de tempos passados, de encontros e desencontros, namoros, conversações e informações:

> *Nas missas aos domingos*[38] *as famílias se encontravam, cumprimentando, dando e pedindo notícias, os homens falando dos atos do governo, do preço dos produtos agrícolas e do gado (...) mulheres trocando receita e novidades* (Coelho, 1997: 47).

Se os articulistas do Jornal Gazeta do Triângulo partem para a exploração de uma imagem unificadora e homogênea, Coelho parte para a diferenciação. Ele explora algo pelo qual dificilmente o poder público quer que sua gestão seja lembrada: *recorre à miséria, à pobreza do ser humano numa época em que as promessas do progresso favorecem uma visão alienante*.

É na cidade que as contradições saltam aos olhos. Numa passagem em que a mãe retorna do centro da cidade para sua casa com uma mala de roupas para lavar, a descrição dos tipos de

[38] Acredita-se que a Igreja em que tais missas se realizavam seja a Velha Matriz, já que à época a Igreja Nova Matriz ainda estava em construção.

trabalho e de trabalhadores encontrados neste percurso é bastante notável. O escritor transporta sua percepção para a ficção de modo que a própria paisagem diga sobre as desigualdades sociais. À medida que saía do centro, a paisagem modificava-se. A mãe:

> *Descia a ladeira fraca, antes de chegar a primeira grota, trouxa de roupa na cabeça (...) Dois quarteirões abaixo, um trator de esteira revolvia o chão cascalhento da rua(...) Na altura da Cruz-do-Antero, logo depois da segunda grota, uma turma de empregados da Prefeitura limpava, a golpes de foices e enxadas, o capinzal que crescera alto nos dois lados da rua sem meio-fio* (Coelho, 1997: 53-4).

A representação espacial presente na obra é a metáfora da vida daquela família que sentia as dificuldades e as contradições sociais através do calçamento das ruas, nos trabalhadores e no lugar que lhes restou para que fixassem moradia. Neste aspecto, a cidade enquanto produção espacial é a expressão das contradições da sociedade, as quais aparecem através da paisagem e pela justaposição de riqueza e pobreza, beleza e fealdade (Carlos: 1997).

Na viagem, na "descida" do Norte para a cidade de Catalão, desde o início, as dificuldades davam prova de que estariam acompanhando aquelas vidas. Ao chegarem a Anápolis, já estavam esgotados, já haviam andado a pé, de carroça, de carona em meio a latões de leite etc. Mas ainda:

> *Restavam alguns trocados. E a novidade de um vagão de terceira classe, a locomotiva soltando seu apito enfumaçado, reavivou o interesse inicial (...) Mas a dureza dos bancos de madeira, o cheiro azedo do mictório, o calor, a*

> *poeira e a fumaça misturada a fagulhas queimando pele dos braços, furando roupas foram colocando impaciência e irritação em todos* (Coelho, 1997: 75).

Ao chegarem a Catalão, já sem dinheiro suficiente para continuarem a viagem, se viram ali na estação sem agasalhos, sem rumo, sem destino. "A aurora veio e não trazia esperanças _ só mais uma ameaça de mais um dia sem rumo e desconhecido" (Coelho, 1997: 75). Chegou um novo dia e eles ali no chão: o sul não era tão hospitaleiro.

Os casebres das pontas de ruas que se mostram na novela em nada lembravam os palacetes que aparecem descritos nos jornais. Aquelas casinhas rústicas, mal acabadas, com paredes sem reboco e cobertura de folhas de palmeiras e buritis, representavam tudo que tinha aquela família. Indubitavelmente não era essa a imagem que se vendia nos jornais. Essa duplicidade de imagens faz com que se perceba que, conforme Menezes (1996) afirma, as cidades são artefatos, campos de força, mas sobretudo imagens.

Este repertório de imagens, que as fontes oferecem quando se dispõem a pensar as cidades, remete a uma perspectiva interessante. É preciso ter claro que essas imagens representam uma síntese do que vem a ser aquela cidade. A primeira imagem discutida aqui aparece enquanto síntese de uma Catalão ideal, onde a exaltação dos traços bucólicos e postais da cidade reporta a uma supervalorização dos aspectos agradáveis. Por sua vez, a segunda também é uma síntese da cidade. O abandono do discurso das imagens positivas e a colocação em primeiro plano das relações sociais diferenciam-na daquela impregnada da idéia de progresso e desenvolvimento. Esta segunda imagem resulta da vivência cotidiana e real, construída a partir das incertezas, dores e esperanças de seus moradores. Coelho representa sob esse prisma a resistência, a crítica e a desconstrução _ ou ao menos uma visão antipastoral_ dos pressupostos da modernidade alardeados por aqueles outros.

As imagens que a literatura oferece são diferentes na medida em que se tem por objeto o marginalizado dos centros urbanos e se detém no cotidiano de pobres e desvalidos. Ao percorrer a geografia da cidade sua literatura informa sobre a história dos bairros[39] e dos prédios. O já tão cantado ribeirão que corta a cidade e que teria sido parte da fazenda do Catalão (integrante da Bandeira de Anhangüera Filho) recebe tratamento diferenciado. Não serviu ele apenas para contar a história das usinas elétricas ou das indústrias de charque: ali, era o *locus* de convivência das mulheres lavadeiras de roupas que conversavam e trocavam experiência de vida, que diziam de seus problemas diários e compartilhavam as angústias. Em outras palavras, o centro urbano era o lugar onde várias pessoas se *encontravam*, mas o ribeirão é que era o *lugar dos encontros*. Ao cruzar estas imagens, têm-se uma cidade e suas contradições e pluralidades (Matos, 2003). A defesa de uma perspectiva do jornal e o reverso feito pela literatura demonstram como diversos podem ser os olhares.

A cidade, como quer Souza (1996: 191) precisa ser entendida "como espaço visual e imaginário, onde se projetam as imagens e idealizações". A perspectiva encontrada no jornal é a de idealizar uma cidade que se quer em detrimento de outra, elaborando, deste modo, uma imagem para si. Ao traçar a imagem daquela cidade sob a perspectiva de uma família de migrantes, a novela propicia a visualização a partir de uma outra ótica: a do estrangeiro. Esse estrangeiro muito ouvira falar sobre o sul:

> *Na mente do marido uma idéia ia se formando todas as vezes que encontrava um que outro conhecido mais viajado _ para o sul, a terra não era tão quente, as cidades se espichavam em ruas calçadas, casas e palacetes de perder de*

[39] Para Bosi (2003: 74-5), "o bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que se vai percebendo pouco a pouco, e que nos traz um sentido de identidade". O ponto de destaque da autora é o de como as intervenções no arranjamento dos bairros sem a consulta popular acabam por destruir laços de amizades, tão essenciais para a manutenção da memória.

> *vistas, serviço era o que não faltava, dinheiro correndo para todo mundo* (Coelho, 1997: 64).

Assim, o percurso da viagem até Catalão "demarca um momento de transição, que situa entre a expectativa frente ao que vai ser visto e a sensação de não se ter ainda abandonado o lugar do qual se veio" (Souza, 1996:193). Às vezes, o olhar externo que não está acostumado ao cotidiano se revela em uma saída viável para se descobrirem possíveis acomodações. Quando Coelho recupera a experiência humana de um estrangeiro intenciona saber como a propaganda sobre a cidade está sendo recebida e, desconstruindo-a, questiona até que ponto ela tem validade.

A sensação de não se ter abandonado por completo o lugar do qual se veio é visível quando se tomam as manifestações religiosas. Ao se assentar na cidade de Catalão, a família trouxe da terra de origem crenças e costumes um tanto diferentes daqueles praticados na nova cidade e Coelho, retrata esta experiência num diálogo entre a mãe, que lavava roupas no córrego, e uma mulata que iria sair de bandeirinha na frente da congada:

> *_ Você já viu congada?*
>
> *_ Uma vez só. De onde venho parece que não tem muito disso.*
>
> *_ Mas vocês não têm festa de santo, por lá?*
>
> *_ Tem. Tem sim - será que este povo acha que a gente é herege, pensou - Mas não é a mesma coisa que se vê por aqui. A gente tem é folia de Divino, de Santos Reis, dança da Sussa… Congada e moçambique, por lá, parece que não vigora direito.* (Coelho, 1997: 69-70).

A personagem da mãe será exemplar para que se perceba o quão importante se torna a questão da identidade. Trazendo consigo uma bagagem cultural própria da região de onde viera, ao se encontrar noutras terras, há a incorporação de outros traços e valores culturais. Novamente a mulata que brinca no terno de Congo é utilizada por Coelho para dimensionar essa questão. Em um diálogo em que a mãe lavadeira conversa sobre a possibilidade de toda a família ir visitar os ensaios dos congos que se fazem ouvir em outros bairros, nota-se como, aos poucos, todos da família vão se inteirando da rotina da cidade e das manifestações culturais ali existentes:

> *_Pois vá. Faça uma forcinha. Assim vocês ficam conhecendo muita gente. Já estiveram por aqueles lados?*
>
> *_Ainda não. A gente conhece muito pouco ainda da cidade.*
>
> *_Então? É aproveitar a oportunidade_ tomou um lençol de casal e ficou estendendo-o por sobre os ramos de uma moita de capim, para que quarasse ao sol ainda fraco da manhã.*
>
> *_ O caçula vive dizendo pro pai fazer uma caixa pra ele. Pois não é que o porqueirinha quer ser congo também. Vê se pode!*
>
> *_ E por que não. Ele pode entrar pro nosso terno.*
>
> *(...).*
>
> *A mulher ficou meditando na conversa. Bem que o caçula iria gostar, se tivesse escutado a moça falando. (...)* (Coelho, 1997:70).

Todo esse arranjo intricado de imagens constitui-se em uma luta de representações que se desdobrará na questão da valorização dos traços identitários daquela população. No caso dos articulistas, como fazem uma idealização da cidade, algumas questões serão privilegiadas, quais

sejam aquelas que demonstram o progresso conseguido pela população branca. Coelho, por outro lado, preocupa-se em retratar a presença da cultura negra e de uma religião não católica, de pobres desvalidos que não moram em palacetes e tampouco fazem parte desse grupo que detém o poder.

Por muito tempo, os escritos deste autor não foram utilizados quando se procurou pensar Catalão. Talvez sua perspectiva não fosse a que mais atendia às demandas político-ideológicas dos 30 anos que separam o presente de sua primeira publicação. Mas o que mais interessa, e que foi critério para reunir tal *corpus* documental, foi o fato de existir dentro de um mesmo tempo e espaço, maneiras tão diversas de se tratar um mesmo problema, embora a primeira perspectiva tenha "sufocado" e ganhado terreno frente a outras que se posicionassem diferentemente daquela. São justamente essas diferenças que permitem uma melhor compreensão das especificidades e descrições daquela cidade.

Difusas, quase não encontráveis no caso do jornal, e pouco problematizadas, estas fontes comportam uma importante densidade histórica. Não somente porque dizem do Centenário da cidade e apontam alguns elementos da modernização, mas porque revelam os desejos e o imaginário de um povo e de uma sociedade muito heterogênea. Na leitura que Luis S. D. Silva (1997: 61) faz do imaginário em Baczko e que aqui é apropriada, várias seriam as utopias, "as idéias e as imagens de representação coletiva" encarregadas de "fabricar" as imagens daquela cidade.

Em um artigo publicado na Revista do Instituto de Ciências Humanas e Letras, Chaul (1994) (re)constrói[40] uma imagem para a cidade de Catalão. Sua abordagem se sustenta na afirmação de que violência e progresso formaram, até os anos 40 do século passado, a imagem

[40] O termo reconstrução é utilizado aqui no sentido de que o discurso acadêmico de Chaul, escrito em 1994, transveste de "objetividade e clareza" um discurso que em 1959 já estava estruturado. De certa forma, Chaul pouco avançou nas críticas e fundamentações desse modo de encarar a "história dita oficial".

daquela cidade. Em suas palavras, "juntas, como irmãs siamesas, [violência e progresso] pareciam incapazes de viver em separado…" chegando a que o "culto à violência" se solidificasse "na mentalidade coletiva da cidade…" (Chaul, 1994: 41- 43).

A abordagem de Chaul, não foi além daquilo que os artigos publicados no Gazeta do Triângulo em 1959 empunhavam como bandeira: Catalão viveu anos de "barbárie", mas agora é hora de recomeçar, marcar um novo momento na sua história.

A imagem que se pretendeu construir para Catalão (expressa nas páginas de jornal da época das comemorações) _ uma imagem centrada, sobretudo em *fetichizar* (Menezes, 1996) aquela cidade _ contrasta com a imagem que a literatura produziu, não desejando afirmar, contudo, que esta última seja a única maneira de se entender aquela cidade.

Em *Um Homem e sua família*, o que se percebeu foi o olhar introspectivo da cidade. Nesta novela, há uma espécie de *textualização* (Lucas: 2001) da relação entre aquela família e o espaço urbano da cidade de Catalão. Estes personagens, em alguns casos, se submetem às regras de exclusão da cidade; procuram, porém, entendê-las, uma vez que sentem suas conseqüências.

O debate entre cidade idealizada e cidade experenciada produz diferentes sentidos para o espaço urbano. As imagens que essas perspectivas produzem é que garante pensar a cidade como realização humana, sujeita às contradições e disputas dos homens _ o que, no dizer de Menezes (1996: 154), seria pensar a "imagem não só como instituída historicamente, mas também como instituinte". Todas essas imagens são, por via de regra, formas de representar a cidade. Quando o traçado das ruas, os costumes, os prédios, os "atos heróicos", as lutas e os sonhos são trazidos à tona por estes documentos, acabam por formar um conjunto de imagens e opiniões sobre a cidade.

Este conjunto exerce a atividade de suporte de uma memória para a cidade e a literatura, assim como o jornal, desvela a possibilidade, um tanto desprezada, de compreender essa sensibilidade para com o urbano, trabalhando com diversos tipos de linguagem.

A sensibilidade sempre foi um traço característico da Literatura na medida em que consegue transmitir sua mensagem não como um conhecimento conceitual, mas trazendo à tona as experiências humanas que, se não se realizaram, poderiam ter se realizado. É esse algo a mais, como denominou Sandra J. Pesavento (2002), que Coelho traz ao discorrer sobre a família de migrantes e a aventura de se encontrar o *eldorado*. Contrariando muitos que viam nas regiões sul do Estado de Goiás e do Brasil o lugar ideal para se construir sua vida, Coelho faz uma leitura crítica da forma como isso foi pensado em Goiás. Elaborando outras perspectivas e elementos, Coelho recupera a dimensão humana e não pensa a modernização destas localidades deslocada do homem.

Ao intrigar-se com a força que no imaginário historiográfico goiano tais elementos ocupam foi que surgiu o interesse pela leitura da obra de Coelho. Tal obra converte-se na possibilidade de uma outra natureza de fonte das até aqui utilizadas e na releitura de um autor que preza pelo método da inversão e da desconstrução em suas produções literárias. Por último, o que não quer dizer menos importante, trata-se de um autor _ apesar de suas publicações literárias e carreira universitária já consolidadas _ pouco conhecido, mas claramente consciente do problema que há no dogma, preferindo, ele mesmo, a controvérsia.

O anonimato de Coelho nos círculos da intelectualidade goiana ao contrário do que pode ser indicativo, não levou ao recuo desta pesquisa, mas à aceitação do desafio e à possibilidade de contrapor uma versão dada como oficial e única; de apontar a possibilidade de uma outra interpretação para a modernização em Goiás, por intermédio da literatura.

3.2.2 **Invertendo o método e o conteúdo.**

A escrita de Coelho prima pela inversão da forma de apresentar alguns temas. Preocupado com a forma como a literatura em Goiás trata os temas comuns do cotidiano, Coelho abandona o esquema do "contador de causo" nos seus contos. Sua abordagem literária renova temas já gastos pela capacidade de também renovar a forma estilística de como trabalhar estes temas.

Esse não é um fato tão novo assim, dirão os mais apressados. É sabido que o conto no Brasil ganhou expressão com Machado de Assis, Coelho Netto, entre outros, que trouxeram mais do que a "cor local e um artesanato técnico e estético"; trouxeram, na verdade, a capacidade de vencer o localismo sem ter que abandoná-lo (Teles, 1995:35).

Fazendo esse mesmo percurso, os temas de Coelho, até então gastos, ganham vitalidade quando se relacionam com a realidade nacional. Quer se dizer que suas temáticas ainda mantêm o cheiro e a cor do regional, mas esse regional pode ser transportado para uma realidade maior sem perder a consistência estilística literária. O regional em Coelho é uma das faces de uma realidade maior sem perder sua autonomia. Em outras palavras, não caiu "na forma do provincianismo" (Teles, 1995: 35). É a universalidade da obra literária que, embora assentada em motes tidos como regionais, traz à baila problemáticas que podem perpassar quaisquer pessoas em lugares outros que não apenas o regional.

Nessa perspectiva, Coelho inverte a seleção dos temas. Para pensar os símbolos da modernidade em Goiás, este autor não elege Goiânia ou Brasília, nem tampouco as análises de cunho político e ideológico. Ele preocupa-se com o cotidiano cultural e mental dos homens que vivem estes "tempos modernos", bem no estilo de Simmel. Não é a modernidade em si que

preocupa o autor, mas o significado das transformações que esta acarreta ao universo simbólico e cultural do homem que vive em Catalão no período de 1959 a 1970.

Assim, não é a grande cidade, mas a relação do homem com todo o aparato oferecido por esta o objeto da literatura de Coelho. Aliás, na busca pela desconstrução temática, as cidades a que Coelho recorre nem são tão grandes assim. Trata-se de duas cidades de porte médio: Porto Nacional_ hoje no Estado do Tocantins_ e Catalão _ , em Goiás.

Estas duas cidades têm suas fundações ligadas às primeiras bandeiras que adentraram Goiás no século XVIII. Segundo Oliveira (1997), Porto Nacional teve sua origem ligada à existência de dois núcleos mineratórios _ Bom Jesus do Pontal (1738) e Nossa Senhora do Carmo (1746) _ sendo ponto de intercâmbio entre esses dois povoados. Já Catalão, tem sua origem vinculada aos tempos do Anhangüera. Cidade pouso dos viajantes que iam a Vila Boa ou outras regiões mineradoras, já por volta de 1732 se tem notícias do sítio de um tal de Catalão, espanhol que entre o Córrego do Almoço e o Ribeirão Pirapitinga fincou pé (Ramos, 1984).

Falando da década de 60 e não do início do século XX, como faz Robert Musil em *O homem sem qualidades* (1989), Coelho consegue, mesmo através das cidades de médio porte, tratar dos choques e desenraizamentos que a vida urbana causa ao homem. Esse desenraizamento se traduz na perda dos laços afetivos e culturais, na indiferença e no isolamento, mesmo que se esteja em meio a milhares de pessoas.

Musil encontrará no homem sem qualidades, pois que não se deixa ligar a nada e a ninguém, a essência e o exemplo do homem moderno. Esse homem sem qualidades é alguém que se anulou inteiramente como sujeito, vivendo na mais completa indecisão e indiferença. O homem moderno é o homem que convive com os medos possíveis, onde fazer escolhas torna-se algo completamente doloroso. Ele próprio, Robert Musil, ao escrever sua obra (apesar de

incompleta) composta de mais de duas mil páginas, mas que na versão brasileira aparece com pouco mais de oitocentas, será um exímio homem moderno.

A intenção não é comparar Musil a Coelho, embora os títulos de suas obras insistam. O objetivo é apontar que questões pertinentes à obra de Musil são também reconhecidas como importantes para um escritor do interior de Goiás, na segunda metade do século XX.

Em alguns aspectos é possível aproximá-los: a saber, como acontece com as personagens do cânone alemão, também as personagens de Coelho estão sempre em trânsito. De início, mudam da zona rural _onde eram lavradores e moravam no regime de agregação _ para a cidade de Porto Nacional; desta cidade procuram o Sul do Brasil. Até chegarem à cidade de Catalão, vários foram os locais percorridos sem, contudo, fixar moradia e estabelecer, assim, novos laços. Quando desembarcam na Estação Ferroviária daquela cidade, lugar de onde sempre ouviram as melhores recomendações, começa novamente a peregrinação por um local de referência.

Entretanto, nada parece animador. Com parcos recursos, resta àquela família construir seu rancho à margem dos trilhos que ficavam no final da rua _ limite entre a cidade e a zona rural. Ali, na margem dos trilhos, ninguém os impediria de morar, já que era um terreno que não tinha dono civil e de propriedade da empresa operadora dos trilhos. A metáfora a que recorre Coelho é bastante pertinente pelo fato de indicar que a família ao só encontrar abrigo à margem da cidade (espaço onde se pode fazer sua moradia), está, em verdade, à margem do que se convencionou chamar de modernidade. Se os trilhos representam a modernização naquele interior de Goiás no final da década de 50, aquela família está à margem desta; seja porque mora à margem dos trilhos, ou porque não faz dela o uso que outros fazem.

Essas dificuldades que a família encontra na cidade precisam ser pensadas em consonância à sua saída do meio rural. As condições de sobrevivência neste último estão em transformação, indicando que um outro modo de vida parece estar se formando. Os personagens

de Coelho lidam com este mundo em transformação. A modernização, neste sentido, lida com o sentimento de perda, seja ela do local de origem ou de identidade, ou de crença em um futuro melhor. O alemão Robert Musil, que começa a escrever no período da Primeira Guerra e, exilado, continua a escrever no momento da Segunda Guerra, também àquela época denunciava um mundo em transformação, seja pela indústria da guerra, seja pelas necessidades impostas pelo capitalismo.

Se em Musil as qualidades do homem moderno ou a ausência de qualidades deste se fazem perante sua falta de sensibilidade ou ainda no sentido de não se deixar prender a nenhum valor, ética, verdade, essência ou substância (Vilhena, 1998), as qualidades do homem de Coelho estão ligadas à sua vivência no campo, por isso, sua identidade é o seu trabalho.

Ecléa Bosi destaca, sobre a noção de desenraizamento, que:

> *O arrozal em Goiás despojou o pequeno lavrador. Avançando destruiu sua roça, derrubou a mata, extinguiu a caça e a lenha, secou o olho d`água, invadiu seu cercado de galinhas e criações... formas de vida incompatíveis com a monotonia exclusiva do arroz* (Bosi, 2003: 176).

Em um outro cenário, essas qualidades do homem de Coelho se perdem, uma vez que "nestas terras do sul do Estado por onde viera parar, tais sabenças não contavam…" (Coelho, 1997: 16-17). Suas qualidades estão ligadas à sua identidade e quando esta se encontra em crise, vê-se como um "homem sem qualidades". Coelho reflete sobre isso quando expressa o pensamento da personagem do *padrinho* que, conhecedor do Sul devido a suas viagens como tropeiro, sabe do engano que está a cometer aquela família. O padrinho, um velho experimentado,

sabia que não só a saudade o incomodaria: "Os filhos [da família] sentiriam sua falta, à distância fazendo morrer os traços queridos" (Coelho, 1997: 66).

Uma pergunta pode (e precisa) ser feita tendo em vista a distância temporal existente entre Musil e Coelho: quais os parâmetros para que o homem moderno *daquele* assemelhe-se ao homem que *Coelho* resgata? A resposta precisa novamente se vincular às sensações e relações dessa experiência moderna. Com Berman é que se chega a uma solução, qual seja aquela que enfatiza o fato de seus enredos e suas personagens:

> *Encontrar[em-se] em ambientes que promete[m] aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor _ mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos* (Berman, 2003: 15).

Outro aspecto da modernidade que se apresenta é aquela do desenraizamento e do alijar dos homens frente às inovações, que a cada dia se apresentam. Coelho o faz a partir da crítica a verdades "quase intocáveis", uma delas é a que toma a Estrada de Ferro como objeto de análise.

A desconstrução em Coelho prossegue e a inversão do modo como se vê a Estrada de Ferro é notável. Enquanto muitos tomam somente os primeiros anos (1913-1920) como parâmetro para localizar os princípios da modernidade, Coelho toma os anos finais (década de 1960) e percorre o caminho inverso, fazendo ver que o imaginário em torno da Estrada de Ferro não pode ser tomado num sentido único em que se pese a idéia de progresso e aceitação, por parte de todos. Ao invés de tomar o auge, ele recupera um período em que se inicia uma possível crise.

O que Coelho faz é pôr este "símbolo da modernidade" (Arruda, 2000) na sua relação com os homens (passageiros) e, então, outra face se desvela. O encontro dos personagens que

moravam no Norte de Goiás, em Porto Nacional, com a região Sudeste, deu-se via migração que fizeram devido às poucas condições de sobrevivência naquela cidade e às esperanças de riqueza das terras do Sul do país. A propaganda desse eldorado que era o Sul corria rápida entre os moradores de outras regiões. Foi depois de ter sido despedida da fazenda em que morava e ter que ir para Porto Nacional, que a família decide pela "descida".

É neste percurso difícil e às vezes desolador que a família faz pela primeira vez uma viagem de trem de ferro:

> *No começo tudo fora novidade, não só para os meninos, mas também para eles, adultos. (...) Mas sem maiores explicações e não dando vazão aos temores, jogava o seu receio na conta do medo natural de quem nunca viajara, nunca saíra de sua terra. Assim mesmo, aquele princípio de desconfiança minava um pouco o seu entusiasmo (...) Quando chegaram a Anápolis, ainda restavam alguns trocados. E a novidade de um vagão de terceira classe, a locomotiva soltando seu apito enfumaçado, reavivou o interesse inicial* (Coelho, 1997: 74-5).

No momento em que a locomotiva, em um contexto mais geral, está perdendo espaço para os caminhões e carros, ela é recuperada por Coelho para demonstrar como pessoas do Norte de Goiás sequer tinham experienciado tal meio de transporte. As diferenças de oportunidades e de investimentos para com aquela região influenciam também na concepção que fazem da locomotiva.

Nos dizeres de Coelho, um misto de novidade e medo, com a necessidade de buscar melhorias para sua família, fez "O marido, puxando lá no fundo uns restos de entusiasmo,

dizendo que já haviam deixado o sertão, que de agora em diante cada cidade era maior do que a outra, que não demoraria muito e se assentariam de vez" (Coelho, 1999: 75).

A visão de que a locomotiva é a representação, o marco divisor entre o sofrimento e a felicidade, o sertão e a modernidade, o Norte e o Sul do Estado não é a que Coelho congrega. Nos recursos que a ficção lhe concede, transpôs esse imaginário construído em torno da Estrada de Ferro para seus personagens. De alguma maneira, ao contrário de nos conceder um conhecimento conceitual da situação, Coelho dá-nos a experiência desta situação por meio da representação dos pensamentos das personagens.

Os escritos de Coelho traduzem o estilo dos romances de citação _ do qual o próprio Musil é exemplo _ isto é, suas personagens encarnam pensamentos de uma época, fazendo um jogo entre a realidade e a ficção. Deste modo, entre as falas concedidas às personagens, há uma digressão do pensamento que pode ser reveladora das disputas políticas e simbólicas vigentes em tal período da escrita. No romance de Musil, através de suas personagens, vê-se a tensão existente entre os artistas e os interesses dos burgueses. Em uma possível aproximação na forma entre o romance do cânone alemão e a novela de Coelho, poder-se-ia dizer que também o escritor goiano faz uso do mesmo recurso através de uma de suas personagens. O pai representaria o pensamento de uma parcela da sociedade goiana que, por anos a fio, viu a região Sul do Estado de Goiás como a que melhor qualidade de vida oferecia à sua população.

Coelho é rápido na crítica. Após apontar o pensamento da personagem pai, ironiza:

> *A intenção do marido de chegar a São Paulo já não mais existia. O único desejo era de quietar com aquela peleja, arranjar um canto onde pudessem morar, conseguir trabalho e cuidar da vida. (...) A medida em que a viagem prosseguia, as dificuldades aumentavam, e o encanto buscado na magia de*

> *outras terras, fruto da inocência e da ingenuidade de quem não conhecia o mundo, ia se transformando em desilusão, nervosismo e desespero* (Coelho, 1997:74-5).

A locomotiva não cumpriu com aquilo que dela se esperava, isto é, trazer aquela família a uma terra encantada, mágica e rica. Para aquela família, o sul revelou não ser nada daquilo que se propagava.

O que se tem, então, é que a crítica de Coelho tem um alvo que sempre ignorou esse imaginário de unidade e de crescimento que Catalão teria vivenciado a partir da segunda metade do século XX. Historiadores, memorialistas, geógrafos, sociólogos têm desprezado sua contribuição à compreensão do passado, seja enquanto testemunha daquele ou como produtor de "vestígios", através de sua obra literária.

Os elementos modernizadores, por eles mesmos, não requerem de Coelho um espaço a se considerar. Ele os discute na sua relação com os homens, como parte constitutiva da vivência humana. Quaisquer dos elementos que figuram como modernizadores, quando Catalão faz cem anos ou dos "símbolos da modernidade", se não trazidos ao debate de como o homem se posta diante deles, não terão valor algum. Goiânia ou Brasília, feitas para demonstrar a força da técnica, são cidades planejadas num universo Estadual sem planos contundentes para sua população, parece assim querer categorizar Coelho.

Ainda fazendo uso do recurso das citações, Coelho toma a Estrada de Ferro como objeto de sua crítica àqueles que acreditaram que esta veio "despertar os espíritos dormentes" dos goianos. Para estes apologistas, a Estrada de Ferro era o símbolo da modernidade, o marco que define as fronteiras do sertão. Era ainda, a maneira mais viável de fazer a unificação do Brasil e interligar Goiás à região Sul do país, ressaltando a concepção de progresso. Fazendo uso da

digressão, Coelho se posiciona frente àquele símbolo: “Mas havia a dureza dos bancos de madeira, o cheiro azedo do mictório, o calor, a poeira e fumaça misturada a fagulhas queimando pele dos braços, furando roupas foram colocando impaciência e irritação em todos” (Coelho, 1997: 75).

Assim é que Coelho vê os elementos modernizadores: aqueles que frustram sonhos e não confortam seus passageiros. São aqueles que cheiram azedo e queimam a pele. A modernização do campo brasileiro, sempre excludente, conservadora e desigual é aquela que arranca os “nativos” de sua terra e transporta-os para um local desconhecido, do qual apenas ouviram notícias.

O homem não se distingue mais de outros: todos eles têm suas peles e roupas queimadas e, diante de tudo isso, nada mais correto que os personagens de Coelho não terem nomes, como o do pai e a mãe não possuem nomes, ou quando os tiver, como no caso dos filhos, serem nomes tão comuns a ponto de se confundirem com quaisquer outros nomes. O que é ser um Zé, um Quim ou um Chico, se não a mais brutal impessoalidade? No caso dos chefes da família, como são adultos, analfabetos e pobres, a falta de nomes sugere a falta de perspectiva de futuro que estes representavam. Assim, apenas os filhos possuem nomes, em uma clara indicação de que neles reside alguma esperança de dias melhores.

Para Coelho o sul moderno e rico não está ao alcance de todos e isso não foi propagandeado. A novela *Um Homem e sua Família* fazem uma outra interpretação da chamada modernização da cidade de Catalão de 1959 a 1970. Os elementos modernizadores e os símbolos da modernidade são, para este autor, construções político-ideológicas e, no caso da ferrovia, esta construção se faz mais presente, transmitindo a sensação de um *entusiasmo desencantado*, uma vez que está aquém do prometido. Assim é que a ferrovia se (re)apresenta para Coelho: a *modernidade movida à lenha.*

3.2.3 De migrante a mendigo: um “caminhante” pela cidade.

A literatura, como se tem dito, permite que “se vasculhe” uma época de um modo muito particular. Se se entende que a literatura, por seus valores e pretensões, filtra informações e saberes que se difundem, tem-se, então, que o texto literário “reflete” o olhar de quem o escreveu da posição que ocupava. Por outro lado, quando houver a crença de que o literato transpõe não só sua percepção, mas, que sua visão está mediada e interligada por todo um arcabouço coletivo de valores e vontades, tem-se, então, que o texto literário é parte de um olhar da sociedade, um documento escrito por todos na medida em que todos influenciam e são influenciados pelo pensamento do literato.

O aspecto mais conhecido da modernidade, ao que parece, é o que uniu as pessoas em uma perspectiva de consumismo, donde se percebe que há uma homogeneidade de gostos (por exemplo, compram-se as mesmas coisas e apreciam-se lugares ou filmes não muito diferentes) e crenças, mas, como o alertava Marshall Berman (2003), essa é a proposta da modernidade: fazer com que cada vez mais as pessoas se percebam como iguais de modo a mascarar as feridas e a alienação que o capitalismo empreende.

Evidenciam-se tais questões para se proceder a uma análise da cidade de Catalão quando do seu centenário. Uma cidade é resultado das ações humanas e entende-se por ação humana não somente a capacidade de intervenção na natureza de modo a dominá-la e transformá-la em seu benefício. A ação humana consiste na maneira como, naquele espaço, forças contrárias convivem e buscam definir sua presença. Esta disputa leva a um embate não só de força, mas de representações. Deste modo, cada um dos campos em disputa constrói uma imagem em torno da cidade da qual se vive.

A cidade, por isso, deve ser pensada na sua multiplicidade. Catalão, por exemplo, não pode ser tomada apenas como se fosse o lugar de um comércio harmonioso e rentável aos cofres do Estado e, por isso mesmo, com um rumo definido *a priori* _ o futuro. Quando não se recupera como as mudanças e permanências referentes a trabalho, às tradições, às rezas e benzições, às diversões, aos laços comunitários, aos espaços de sociabilidade, às atividades domésticas, à culinária ou à moda se deram, deixam-se de perceber aspectos reveladores do passado-presente-futuro de um povo.

Saber como vivia a população das cidades é importante, mas, certamente, tão importante é saber como eles pensavam, como representavam a realidade, porque acredita-se que é nesse quadro imaginário que estão escritos os sonhos e os ideais de vida. O que as pessoas pensam, imaginam e a maneira como elas apreendem e traduzem as imagens da realidade em que vivem, tudo isso é tão importante para a compreensão da história quanto os mecanismos políticos, econômicos e sociais.

Em *Um homem e sua família,* uma novela urbana em sua maior parte, o que se pode perceber é esse revelar-se do urbano em todas as dimensões. A obra de Coelho acaba por permitir rediscutir algo que já foi dado como definitivo: aquela Catalão, que no Jornal Gazeta do Triângulo e na Crônica de Jamil Sebba se apresenta como renovada, dinâmica e progressista, receberá outros tons e sons com Coelho. Não é difícil perceber que junto aos sons do apito do Trem de Ferro, Coelho também resgata os repiques dos ternos de congos e seus tambores; junto às primeiras camionetas da década de 1960 encontram se também o som das conversas e cantigas das mulheres lavadeiras de roupas.

A cidade ainda tem uma cor amarelada pela poeira de suas ruas e o céu da cidade não é cinzento de fumaça de fábricas ou indústrias. Apenas o sol escaldante é que traz um dourado

àquele ambiente urbano incrustado no fundo do vale cercado pelos morros do São João, ao norte e, das Três Cruzes, ao sul.

Enquanto discurso sobre a cidade, *Um homem e sua família* mostra o viver em um outro ambiente: o de uma família que até há pouco estava acostumada à vivência no campo e que é forçada a se mudar. A cidade, inicialmente, aparecerá como paraíso e solução para as mazelas de suas vidas, mas logo a vida na cidade revelará surpresas não tão boas e não cumprirá as promessas.

Primeiramente, vieram as más condições de saúde e a falta de moradia, obrigando a todos da família a dormir entre os parcos cacos que formavam a mobília que possuía. Depois, vieram outras dificuldades como as adaptações à cultura do lugar e a socialização com os vizinhos. A "busca constante" pela ocupação das suas mãos e a procura de um emprego _ alguns dos fatos que levaram à migração _ revela ser uma das metáforas da novela, mas o que se buscava não restringia ao emprego apenas e, pelo que fica explícito, era algo inominável para aquela família.

Sobressai na novela que a conquista de um trabalho remunerado mensalmente fosse a luz no fim do túnel. Foi no rastro desta possibilidade que resolveu deixar o Norte do Estado e vir para o Sul de Goiás; foi sonhando com dias melhores que o pai acreditava poder fazer do futuro de seus filhos uma realidade diferente da sua. Ali, naquela cafua às margens da Estrada de Ferro, único lugar que restou à família, o pai matutava essas esperanças; às vezes divagava e esquecia da cruel realidade de desamparo dos órgãos públicos que não se preocupavam com o saneamento, nem com a poeira na sua Rua da Grota ou com a miséria do homem pobre que vive marginalizado.

A contraposição à realidade daquela família podia ser vista no centro da cidade, que era revestido de paralelepípedos e tinha, mesmo que precária, iluminação elétrica pública. Ali, as

casas em nada lembravam a de galhos e ramos de babaçu que a família pôde construir, a não ser pelo sentido de referenciação.

E quando se punha a caminhar pela cidade em busca de ocupação, o pai que já nem sonhava mais com o emprego definitivo, "de verdade mesmo", cruzava com algumas pessoas passando apressadas e que sequer lhe cumprimentavam. A diferença talvez é que as pessoas sabiam para onde iam e ele estava apenas à procura de um emprego. Dia após dia batia os pés pelas ruas sem asfalto da cidade e poucos eram os serviços[41] que encontrava. A dificuldade em encontrar emprego fazia com que temesse o "momento em que o resto de vergonha que lhe mantinha a dignidade de homem desaparecesse por completo, fazendo dele um mendigo, um destruído" (Coelho, 1997:12). A necessidade de se conseguir um emprego e a "cobrança" da sociedade para que ele não se tornasse um desocupado, faziam-no caminhar todos os dias pelos mesmos lugares à procura de um trabalho que restaurasse-lhe a dignidade.

Esse "caminhar" de personagens pelas cidades não é novo na literatura e se faz notar melhor nas obras de Baudelaire. Evidentemente, a personagem do pai não é um *flâneur* aos moldes do poeta de Paris, embora passasse mais tempo na rua _ e dela quase fizesse moradia _ do que em casa com a família. O flâneur de Baudelaire é aquele que, ocioso e indolente, está bem adaptado à cidade grande e, no meio da multidão, se faz passar por um desconhecido.

Walter Benjamin (1989) sobre as personagens baudelaireanas da Paris de Haussmann, afirma que:

> *Já aquela época, não se podia andar a passeio por todos os pontos da cidade. Calçadas largas eram raridade antes de Haussmann; as estreitas ofereciam*

[41] Tem-se então uma contribuição de Coelho ao entendimento das relações de trabalho na região naquele período. Por emprego, entende-se a ocupação com remuneração mensal e, por trabalho, ocupações temporárias, variando de horas

> *pouca proteção contra os veículos. A 'flânerie' dificilmente poderia ter-se desenvolvido em toda a plenitude sem as galerias. (...) Nesse mundo o flâneur está em casa; é graças a ele 'essa paragem predileta dos passeadores e dos fumantes, esse picadeiro de todas as pequenas ocupações imagináveis encontra seu cronista e seu filósofo.* (Benjamin, 1989: 34- 5)

Benjamin (1989: 45) traz também Edgar A. Poe para a caracterização da figura do *flâneur*: "para Poe, o flâneur é acima de tudo alguém que não se sente seguro em sua própria sociedade. Por isso busca a multidão; e não é preciso ir muito longe para achar a razão por que se esconde nela". A rua permite o anonimato, mas este não será um prestígio apenas do *flâneur,* mas de todos os componentes da multidão, de modo que "ninguém é para o outro nem totalmente nítido, nem totalmente opaco" (Benjamin, 1989:46). Londres, a cidade de Poe, se congestiona de multidões e, em um lugar desses, assevera Benjamin, a *flânerie* não podia florescer. O *flâneur* de Baudelaire "precisa de espaço livre e não quer perder sua privacidade" (Benjamin, 1989: 46).

A rua que tanto inspirou Baudelaire e se tornou a "morada" do *flâneur* era também o lugar de onde se olhava o interior das galerias. Isso vai se inverter em Poe, pois o homem da multidão em Londres não terá as galerias como interiores, mas fará delas o espaço por onde vagueia como outrora fazia no labirinto urbano. Segundo Benjamin, esse é um sinal decadente do *flâneur* que transforma a rua, lugar de onde se observava, em lugar observado. A rua de Londres já não pertence ao *flâneur*.

A personagem do pai em Coelho, um "caminhante" que em suas perambulações pela cidade não se passa por um ocioso que se compraz em vaguear tranqüilo, tem pressa em conseguir uma atividade que lhe permita sobreviver ou manter a dignidade:

> *Dia após dia, percorrera as ruas tortuosas da cidade a procura de emprego. A princípio pedira emprego, algo fixo, com rendimento certo para o sustento dos seus. A constante recusa de todos os dias de procura o tornara mais humilde: não mais pedia emprego, apenas serviço, qualquer tipo de trabalho, alguma coisa que pudesse fazer e ganhar _ era-lhe forçoso conseguir uma ocupação. Não sabia ficar à toa, sem um fazer qualquer que absorvesse os seus dias. Lá, bem escondida em sua consciência, um pouco mais abaixo talvez, uma sensação de mal-estar, como se roubasse o tempo que deveria ser gasto em trabalho proveitoso. Sentia-se culpado, como se entregue à malandragem. (...) Dali a caminhar as mesmas ruas, bater as mesmas portas mendigando, sentia não estar longe _ e temia o momento em que o resto de vergonha que lhe mantinha a dignidade de homem desaparecesse por completo, fazendo dele um mendigo, um destruído.* (Coelho, 1997:12)

A cidade pela qual caminha a personagem de Coelho não se depara com a multidão das cidades européias _ embora o articulista do Jornal Gazeta do Triângulo, Sebastião Sant'ana e Silva (1959. Ed. nº 1964: 06), encontrasse semelhanças entre a Catalão de 1959 e as metrópoles do velho e do novo continente (Londres, Paris, Roma e Nova Yorque)_ nem se vê perplexo diante das vitrines de lojas. Também a luz que brilhava aos olhos do caminhante era a de um "sol feito areia [que] ardia nas rachaduras dos cantos da boca" (Coelho, 1997: 11). À noite, não havia néon ou fachadas luminosas, apenas:

> *A língua da lamparina punha grotescas e espichadas sombras no chão batido, ou, no quebrarem-se ao meio, encompridavam pelas paredes de adobe como*

> *almas penadas, silenciosas e frias, que viessem se intrometer entre os vivos* (Coelho, 1997: 13).

A referência à luz tosca da lamparina ou à luz "do fogão e a baça do crepúsculo cor de pérola" (Coelho, 1997: 95) cria o ambiente de miséria que vive aquela família. Sem perspectiva ou luz que indique o caminho a ser seguido, o autor, utilizando do recurso que a ficção lhe permite, constrói um ambiente que reflete a angústia e a dor do pai diante da situação em que se encontra sua família. Os elementos internos e externos de que fala Antônio Cândido (2003) se evidenciam mais uma vez.

Da ponta da rua onde morava a família se divisavam "as luzes da cidade, lá mais embaixo. Das portas e janelas das casas vizinhas, saíam fachos de luz fraca. Não havia luz elétrica até lá, ponta de rua, ranchos de pobres, construção de corredor, terra de ninguém" (Coelho, 1997: 98). Esse constante percorrer da cidade permite, além da dimensão da luz para a cidade, que se tenha uma idéia do que era a cidade à época do Centenário. Ao chegarem da viagem de trem de ferro, o primeiro lugar com que se depararam foi a Estação. Dali foram à Prefeitura pedirem ajuda e, em seguida, para a ponta de rua, na saída para a cidade de Goiandira, à procura de um lugar em que pudessem morar.

Uma outra referência à espacialidade se dá pela linha do trem de ferro, pois, para o pai, "vinha-lhe sempre na lembrança o modo de dizer do povo: ele mora perto da linha de trem –de-ferro _ quando se queria dizer maliciosamente que alguém tinha muitos filhos" (Coelho, 1997:30). Ao sair pelas ruas, as personagens de Coelho revelam lugares como o Bairro São João, onde se encontrava a maioria das máquinas beneficiadoras de arroz. "A caminhada era longa, atravessaria a cidade de ponta a ponta para se chegar ao bairro São João. Ia satisfeito, pisando firme" (Coelho, 1997:31).

Ao sair de seu casebre para ir para o trabalho, o pai haveria, portanto, de passar por outros lugares e, um deles, era o Bairro da Rua da Grota. Ali, na Rua da Grota, fora o início de tudo: "Por isso, quando construíram a Igreja, botaram a frente dela voltada para aquele bairro pobre, que na época era a cidade inteira" (Coelho, 1997: 49). O centro da cidade era a área que circundava as proximidades da Igreja vindo em direção à Cadeia Pública e à Rua Goiânia, hoje Avenida Vinte de Agosto, principal avenida da cidade. "Catalão cresceu, encompridou-se, botou ruas para depois da Igreja, foi se espalhando pelo vale acompanhando as voltas do Pirapitinga" (Coelho, 1997: 50).

A diferença entre o Bairro da Rua da Grota e o Centro se expressa claramente no percorrer das ruas pelo pai que, saindo do lugar onde morava, encontrava no primeiro "as mesmas ruas, as mesmas esquinas: buracos e irregularidades nas calçadas antigas". Ali, as casas tinham "fachadas sujas" e viam-se "postes de madeira lavrada", bem como "velhos fios emendados (…) pedaços de muros de taipa quebrados", sem contar o lixo acumulado. A paisagem logo muda, pois no centro:

> *Mais adiante, bem adiante, aproximando-se do largo da Igreja, casas com jardins bem cuidados, alpendres onde vasos de plantas caseiras e xaxins de samambaia esverdeiam o ambiente limpo e sadio: ruas com meio-fio, calçadas largas, postes de cimento e uma que outra pavimentada por paralelepípedo* (Coelho, 1997:11).

Os despossuídos, como essa família, sequer moravam no Bairro da Rua da Grota; ficavam para lá do fim do bairro, onde não havia dono para reclamar a propriedade na qual se ajeitaram e fizeram seu casebre. O centro era o lugar das pessoas que tinham melhores posses:

> A *mulher fora até o largo da Velha Matriz, buscar a trouxa de roupa suja para lavar (...) A mulher andava ligeiro, pés descalços e gretados pisando as ruas cobertas de muito pó. Gostava de passar por ali, se bem que não conhecesse o resto da cidade. Mas a visão do palacete erguido à beira do largo lhe trazia alegria aos olhos. Já estivera lá dentro por várias vezes (...) Um casarão enorme, sobrado com sacadas nas janelas da frente, um alpendre de fora à fora, em cujas colunas de sustentação subiam trepadeiras (...) Por dentro, tapetes no chão, piso de taco brilhando feito espelho* (Coelho, 1997: 47 e 50)

As mulheres pobres dos bairros vizinhos ao centro se encontravam no ribeirão Pirapitinga. Ali, uma mulata nova, "de riso fácil, dentes brancos como as espumas descendo córrego abaixo", e que "morava na Rua-do-Pio" de onde saía "todo ano um terno de congos para a Festa do Rosário" (Coelho, 1997: 69), conversou com a personagem da mãe, contou-lhe sobre alguns aspectos da cultura dos brincadores de Congo e convidou a todos daquela família para assistir aos ensaios que ocorriam à noite.

Pelos menos dois outros bairros eram bem definidos em 1959. O alerta para isso vem tanto de Braz José Coelho, quando entrevistado em maio de 2004, como por Antônio Chaud em *Paisagens Catalanas*. De Antônio Chaud (Gazeta do Triângulo, 1959, nº 1964: 02) pode se acompanhar: "Bairros mais definidos: Grota, Pio, Marca-Tempo, São João, Boca da Onça".

O bairro Boca da Onça[42] fica no lado leste da cidade, logo acima da Igreja do Rosário, acompanhando a extensão da linha da estrada de ferro. O Bairro Marca-Tempo, que recebe esse nome porque lá ficavam os aparelhos meteorológicos, também situava-se acima da linha de ferro, já ao sul da cidade. Nos dias atuais, o Marca – Tempo dá nome a uma praça e não possui mais os aparelhos meteorológicos.

O que se percebe é que a noção de bairro que se tinha naquela época se restringia às localizações compostas de algumas ruas, tanto que era comum falar o nome do bairro seguido do nome da rua, por exemplo: Bairro da Rua da Grota, Bairro da Rua do Pio, etc. Assim, moradores mais antigos, como é o caso de Pio Gomes, características naturais, como grotas, proximidade de lugares como o morro de São João, particularidades como o Marca – Tempo e excentricidades como o Boca da Onça, serviam para nomear localidades e caracterizarem seus moradores. O lugar onde se mora pode se transformar em uma representação da cultura e da estratificação social de seus moradores.

Por ruas, em sua maioria, sem pavimentação e cobertas apenas por poeira, as pessoas transitavam junto a "carros de passeio e camionetas de fazendeiros" mas também havia "carroças de altas rodas de madeira com aro de ferro esmagando o cascalho seco das ruas e, uma coisa nunca vista lá de onde viera [Porto Nacional], com pequena roda de pneu feito fosse automóvel" (Coelho, 1997: 21).

Nas ruas também se podiam encontrar outras personagens, como as "mulheres com suas sacolas ou embrulhos, (…) crianças das escolas em seus uniformes de blusa branca e calças ou saias… de um azul escuro chegando a marinho" (Coelho, 1997:21), além de trabalhadores da

[42] O Bairro Boca da Onça é do período do coronelismo em Catalão.Conta-se que naquela época eram feitos ranchões de festas pelos candidatos a prefeito. Em uma dessas ocasiões, veio um "sanfoneiro" de Paracatu – MG para tocar em um desses ranchões e, ao terminarem as eleições, o mesmo resolveu ficar na cidade e construir um "salão de danças" nas proximidades da cidade. Durante o dia, o salão de danças funcionava como bar e durante a noite se transformava em prostíbulo, de onde o imaginário popular jocosamente dizia: "lá é a boca da onça".

charqueada e mulheres com trouxas de roupas. O ritmo, portanto, das ruas de Catalão na época do Centenário era composto por esses personagens acima pontuados, lembrando apenas que àquela época não havia transporte coletivo na cidade, mesmo porque em 1950[43], de um total de 30.652 habitantes no município, apenas 7.452 estavam na cidade. Mesmo na década de 1970, quando, em comparação com 1950, a população total diminuiu devido ao desmembramento do município de Davinópolis (1963), ainda assim, apenas 15.384 pessoas ocupando 3.056 domicílios moravam na área urbana, ou seja, 56,16%, um número ainda impróprio para o transporte coletivo.

Esse era o ambiente no qual Catalão comemorou cem anos. Enquanto a euforia progressista não era realidade para todos, a personagem do pai, como não encontrava emprego, via as esperanças irem minando e a vida na cidade perdendo a magia. Sentia-se como um prisioneiro em sua própria subjetividade, pois sabia da impossibilidade de conversar com a mulher sobre as dificuldades. Não é que a mulher não sentisse essas dificuldades; ela, assim como ele, não conseguia explicar a razão da situação de miséria em que se encontravam e sentia também a impossibilidade da existência de um mundo em que seus problemas seriam solucionados. O pai, no seu constante caminhar pelas ruas, perguntava a si mesmo o porquê de sua família encontrar-se naquela situação, já que as histórias de sucesso e progresso que ouvia lá no norte se diziam tão verdadeiras e democráticas.

O pai não encontrava solução para sair daquela situação em que se encontrava e colocava sua família. Como a decisão da descida para o sul foi dele, pesava sobre ele as responsabilidades e a culpa pelo sofrimento por que passava a família. Ele sempre se encontrava às voltas com uma explicação para um fato que ele não entendia.

Em uma passagem, em que demonstra a busca por um lugar para que pudessem se alojar, Coelho diz:

---

[43] Os dados sobre o recenseamento dos anos de 1950 e 1970 foram fornecidos pelo IBGE – Catalão.

> *Alojaram-se debaixo de uma cagaiteira, à beira da estrada_ o frio cortante navalhando os corpos mirrados e maltratados por uma viagem que parecia não ter fim.*
>
> *O marido não dormiu, (...) uma revolta sem nome e sem saber a quem ser dirigida fermentando-lhe por dentro: (...) sentia-se culpado da situação a que arrastara a família* (Coelho, 1997: 76-7).

Essa incursão ao interior do ser humano, que Coelho faz na personagem do pai, leva-se a perceber que havia uma vontade premente do pai em entender aquela situação para modificá-la. Contudo, a personagem se encontrava em completo estado de aporia, isto é, sofria por buscar explicações para uma situação que não entendia completamente.

Esta perspectiva buscada pelo autor vai se mostrar mais evidente em outra passagem, exatamente quando a família também está envolvida em problemas.

> *Toda, a família inteira, se encontrava em completa exaustão. Era como se estivessem sendo perseguidos por malfeito praticado. Mas perseguidos por quem? Que mal cometeram? Sabiam não. No entanto, algo estranho vinha-lhes no piso, perseguindo como cão que fareja caça* (Coelho, 1997: 73).

Não apenas o pai, mas toda a família estava diante de uma incomunicabilidade, uma dúvida que eles não conseguiam superar.

Pode ser estabelecida, mais uma vez, uma relação entre os artigos presentes no jornal Gazeta do Triângulo e essas passagens retiradas da obra de Coelho. Se, como se viu

anteriormente por meio da mensagem dos articulistas, a saída para os problemas da cidade de Catalão estava na superação do velho ranço colonial expresso nas condutas de seus moradores, Coelho, ao trazer uma família de migrante para o ambiente de comemorações, introduz um elemento externo e, por isso mesmo, trata como dimensão política algo aparentemente despolitizado.

Todo aquele desencanto, que tomou conta da família diante do não cumprimento das promessas que do sul ouviram, fez com que a cidade se tornasse para aquela família o não lugar da felicidade[44]. Portanto, Coelho, através de suas personagens, recupera o discurso de que a cidade resolve os problemas que o campo criou ou que no campo se apresentavam insolúveis e, ao recuperar a dimensão cultural de suas personagens, mostrando como isso está entranhado no senso-comum, ele acaba apresentando críticas às falsas saídas e soluções mágicas criadas pelo capitalismo.

Neste ponto, mais uma vez, nota-se uma crítica à modernidade no sentido de que os indivíduos não conseguem explicar sua existência enquanto seres autônomos que deveriam ser. A promessa de tantas oportunidades e de autonomia, que até aquela família chegou revelou-se justamente o contrário, pois tampouco conseguiam explicações para a realidade de miséria e alienação em que muitos se encontravam.

Ao entender o que Marshall Berman disse sobre a modernidade não deixar ninguém marginal, tem-se que a alienação que se revela nesta família não se deve ao fato de terem sido moradores no campo e depois na cidade. O campo não pode ser tomado como lugar mágico e inocente e nem a cidade como o monstro devorador.

[44] É importante notar como nos dias atuais ainda há uma tentativa de se construir uma imagem de Catalão como sendo a cidade em que não há crise, desemprego e miséria. Para isto, basta ver o artigo do atual prefeito da cidade publicado pelo Jornal Diário da Manhã, no site www.dm.com.br/opiniao, no dia 12 de agosto de 2003.

Ainda sobre esse debate, Sandra Jatahy Pesavento (2002:53), sobre a obra de Balzac, afirma que aquele escritor toma Paris sob vários pontos de vista e, assim, "revela uma concepção de cidade como um lugar de construção e realização da existência humana". O que Pesavento destaca em Balzac é a virada de posição de olhar do autor sobre a cidade, de modo que a sua literatura traduza a sensibilidade de um mundo em transformação.

A Paris que se transformava e que Balzac tão bem captou era uma cidade dual. Por vezes, ela era desastre; noutras, era retratada como glória. Assim, esplendor e miséria, beleza e feiúra se entrelaçavam em um proceder que enxerga Paris "para além do bem e do mal" (Pesavento, 2002: 66).

É tão importante essa contribuição de Balzac, pois ela apresenta justamente o contraponto às benesses da modernidade. Ao referir-se ao exterior elegante e rebuscado dos palacetes e fachadas das casas; ao deter-se aos jardins e ambientes físicos presentes no centro de Paris, Balzac intenciona muito mais do que apontar a existência de uma classe social que valorizava um ambiente e uma arquitetura inovadora. Ele até enxerga com gosto essas transformações, mas destaca também que, por trás de toda aquela elegância, encontram-se as misérias humanas, as deformações de caráter, vícios de uma educação equivocada e as ambições inconfessáveis de uma elite que se quer moderna (Pesavento, 2002).

Na entrevista realizada com Braz José Coelho, no momento em que se discutiam as mudanças acontecidas em sua vida e na sua produção, devido à mudança de Catalão para Goiânia, durante a década de 1960, é perceptível a dimensão desse enxergar a cidade para além do bem e do mal. Quando se refere a Goiânia, tem-se uma idéia de como a cidade grande se apresenta ao escritor:

> *A gente não pode pensar só neste sentido, que a cidade devora. Ela devora, mas ela dá algumas coisas, certo?(...) Eu não posso dizer exclusivamente: "cidade é devoradora". Não, não é só devoradora. Ela oferece algumas coisas, ela tira alguma coisa. Por quê?Ela é "sujeito de", ela produz, mas ela é "sujeito a" também* (Coelho, entrevista em sua residência no dia 15 maio de 2004).

Ao colocar esse par, "sujeito de" e "sujeito a" a cidade, podemos ver que Coelho procede a uma análise da cidade nos moldes daquela que Pesavento adverte ser a ideal. Está a cidade sujeita (idéia de sujeitar-se) às intervenções humanas, no sentido de que ela é uma construção _um artefato _, que se move, se transforma. Mas a cidade é também "sujeito de" no sentido de produção, de fazer algo. A cidade tanto produz os indivíduos, como é produzida por eles, por suas subjetividades e suas histórias. Nesta relação de troca, de construção de sujeito (a cidade e pela cidade, os indivíduos e pelos indivíduos) parece estar a compreensão de Coelho ao referir-se sobre a cidade e o que ela marcou em sua vida.

Tanto em sua experiência pessoal com Goiânia, quando afirma que esta cidade marcou pela vivência e sofrimento, quanto em sua formação intelectual, depreende-se porque Coelho não entende a cidade apenas como devoradora:

> *Mas, olha só. Marcou-me primeiro em sofrimento. Mas marcou também em oportunidades para estudo. Eu fui colocado na frente de coisas que eu não sabia, né? Com doutrinas que eu nunca tinha conhecimento.(...) essa experiência foi muito importante para mim. E a experiência universitária, né?*

> *Experiência universitária que, ela te abre a cabeça. Isso, então, foi muito importante também* (Coelho, entrevista em 15 de maio de 2004).

A cidade muitas vezes acolhe as expectativas e até constrói outras, como fez a Coelho, mas em outras não responde aos desejos de mudanças e de melhorias, como foi o caso da família da novela *Um homem e sua família*. Neste sentido, deve-se compreender que a exclusão de uns será sempre a marca da modernidade, mesmo que em seu discurso a inclusão seja levada à exaltação.

Acostumados às narrativas progressistas sobre Catalão, a sensação que se tem, ao ler Coelho, é a de remexer um baú cheio de verdades e certezas e percebe-se que esse baú não tem fundos que o sustentem. Por trás de belos discursos se escondem desejos de uma classe política que procura se manter no poder por meio da construção de imagens que apregoam a vocação progressista da cidade e o salto de qualidade de vida operado por este quando à frente da política local.

Decisivamente, a cidade de Catalão tem experimentado traços de modernização, mas também não é menos verdade que esta modernização tem ocorrido concomitante à presença da tradição, bastando ver a presença de atividades da cultura popular como o *mutirão* (Santos, 2001) e a Festa do Rosário, para ficar apenas nos mais visíveis.

Acredita-se que a obra de Coelho, também por questionar esse imaginário de unidade e de crescimento que Catalão teria vivenciado, figura como uma das leituras importantes para qualquer um que se disponha a pensar o imaginário construído em torno da modernização e modernidade na segunda metade do século XX, seja em Catalão em particular ou em Goiás em geral.

Considerações Finais

A cidade de Catalão tem sido pensada, nestes últimos anos, tanto pelos memorialistas como pela historiografia, sob a tutela de dois aspectos: a violência e o progresso, onde o último supera o primeiro. Este discurso, como se pode constatar teve maior expressão no final da década de 1950, mais precisamente quando se comemorou o centenário desta cidade, mas pode ser visto a partir da abertura política do governo Vargas. Na eleição de João Netto, no final da década de 1940, já se investe nesse tipo de discurso, procurando mostrá-lo não como filho de um coronel que seguiu os caminhos da política como o pai, mas construindo a imagem de um político que, embora jovem e fazendeiro, tinha preocupações modernas. A partir de João Netto de Campos, os demais prefeitos da cidade _ Cyro Netto em 1951, Antônio Chaud em 1954 e, mais precisamente, Jacy de Campos Netto em 1958 _ procuraram, por meio de um discurso que apregoava o progresso e a modernização da cidade, construir, aos olhos da população, uma 'outra cidade'.

Com um discurso de ruptura com o passado e se colocando como os emissários do futuro, construíram uma imagem do passado centrado na estagnação e na violência. Para fundamentar essa imagem, elegeram alguns elementos, tais como a violência, o coronelismo, a "barbárie" com que se cometiam crimes e a falta de estrutura da cidade. Nos artigos publicados pelo Jornal Gazeta do Triângulo, em agosto de 1959, todos eles organizados por pessoas da cidade de Catalão ou que com ela mantinham laços estreitos (ter nascido, residido ou trabalhado) há a construção da cidade ideal, cuja imagem se assentaria na total negação da cidade do passado. A cidade que passaria a existir seria aquela voltada para a modernização e progresso e não aquela dos tempos de outrora.

O passado a ser esquecido, que materialmente se expressava nos casarões de telha 'colonial' e espiritualmente se mostrava nas atitudes dos políticos coronéis e jagunços,

confrontava com as linhas daqueles artigos em que uma outra cidade surgia, bela e em crescimento, acolhedora e intelectual, velha em idade, mas nova nas atitudes. Para coroar o presente com o sentido de ruptura, foi preciso fazer com que no passado existisse algo "a ser condenado". Dessa forma, em 1959, a imagem de um passado a ser superado está em constante movimento de construção e desconstrução, uma vez que é necessário construí-lo para depois negá-lo em nome de um presente e um futuro promissores. Assim, instituíram para o centenário a idéia de marco delimitador, pois a partir daquele momento a cidade de Catalão reordenaria sua história.

Jamil Sebba, um dos articulistas que em 1959 também esteve empenhado na elaboração de uma imagem para a cidade que passava de um século para outro, oferece no seu livro de crônicas *Deus é mesmo Goiano* alguns elementos em que se apegavam as lideranças políticas para, depois de 1959, insistirem na idéia de que Catalão vivia novos tempos. Contendo, em sua maioria, crônicas escritas durante a década de 1960, o livro de Jamil Sebba segue a mesma tendência dos artigos escritos para as comemorações do centenário.

As imagens de cidade que se pode notar nos artigos do Jornal Gazeta do Triângulo e no livro de crônicas de Jamil Sebba não são diferentes. Nestas fontes, a cidade de Catalão que aparece é a que tem nos seus moradores a preocupação em valorizar o passado histórico, mas não o da violência, e sim o que retoma o "espírito bandeirante" e o canaliza para a construção de um futuro moderno expresso tanto nas capitais Goiânia e Brasília quanto nas transformações urbanas da cidade. A rede de esgoto e o calçamento das ruas, a construção de hospitais, a abertura de novas ruas e avenidas, a construção da BR 050, entre outros, figuravam como os elementos que demonstravam uma modernização em curso na cidade. A cidade, assim, era vista como homogênea e democrática, sem misérias e problemas entre seus moradores.

Mas uma outra imagem também foi construída sobre Catalão durante esse período. Programada para ser publicada durante as comemorações do centenário, somente em 1971, na forma de conto-novela, a obra do escritor Braz José Coelho se tornou pública. Finalizado em 1967, este conto foi publicado em 1971 no livro *Peonagem e Cabroeira* com o nome de "Um Homem, sua mulher, seus filhos – a vida" e, finalmente publicado como novela com o nome de *Um Homem e sua família*, no ano de 1997.

Como se pode notar pela análise da novela, havia muita euforia durante as comemorações do centenário e esta se fazia notar pelas programações artísticas e pela expectativa das pessoas de que algo realmente estava acontecendo na cidade e que mudaria suas vidas. Enquanto discurso destinado a pensar a cidade por ocasião do centenário, a novela traz uma outra leitura da cidade que não se baseia nos aspectos de modernização; pelo contrário, mostra como havia contradições entre o que se propagava e o que acontecia com as pessoas pobres da cidade. A situação de exclusão e desigualdade social juntamente com as precárias transformações ocorridas na cidade, dão a esta cidade não o ar de modernização apregoado (desejado) pelos articulistas e pelo cronista, mas o de uma cidade que enfrenta os dilemas do dia-a-dia e as dificuldades impostas pelo êxodo rural e miséria de seu povo.

De que adiantavam hospitais se nem todos podiam desfrutar das benesses da medicina científica? Ou ainda, de que adiantava fazer calçamento nas ruas ou canalizar o esgoto da cidade se as pessoas que não moravam no centro utilizavam água das grotas e ribeirões? _ parece questionar Braz José Coelho.

A imagem produzida pela elite apagava as diferenças entre a população, pois tratava como geral um projeto que era de uma minoria política. Desta maneira, não se sustenta a afirmação de que a "história política de Catalão tem duas faces no espelho do tempo: a da

violência e a do progresso"(Chaul, 1994:41), pois essa é uma imagem construída para dar sustentação a esta minoria que almejava permanecer no poder.

Este discurso de cidade violenta já não encontra respaldo entre os recentes trabalhos produzidos e, resultado disso é o trabalho de Eliane Martins de Freitas (2005) sobre os processos-crimes da cidade de Catalão, entre 1890 a 1941, em que a autora afirma:

> *No que tange especificamente à comarca do Rio Paranaíba/Catalão, a pesquisa mostrou que os padrões de criminalização da região, comparados com os dados de outros estudos, não diferem daqueles encontrados em outras regiões do país no mesmo período. Diferentemente do que se tem nos historiadores locais e na historiografia, que se baseia nessas narrativas, o fato de a maioria dos crimes levados a julgamento na comarca terem sido de "crimes contra a pessoa" não evidencia uma especificidade local, uma "marca identitária" dos catalanos, mas, com vimos, tanto a preocupação do Judiciário em levar a julgamento esse tipo de crime quanto o padrão de solução de conflito por parte dos sujeitos envolvidos nos crimes* (Freitas, 2005:227).

Assim, ao longo deste trabalho foi possível compreender que as cidades, longe de se constituírem apenas da parte material e física, comportam também valores que se expressam no cotidiano e nas atitudes de seus moradores. Ao se adentrar pelo universo simbólico das cidades, isto é, ao se ter como preocupação as maneiras pelas quais seus habitantes pensam e expressam suas imagens de suas cidades, foi possível, por exemplo, discernir diferentes formas desta representação. As cidades são múltiplas e assim precisam ser vistas e, para que isso ocorra, é necessário que aqueles que as habitam expressem suas expectativas e experiências.

O progresso, tão exaltado pelas elites locais como o traço que caracteriza a cidade após o centenário, precisa ser pensado tendo em vista as disparidades existentes entre a população da cidade. Se se quer entender o conjunto das atividades materiais e espirituais que permeavam a cidade de Catalão de 1959 a 1970, é necessário ater-se também à dimensão cultural e mental daquela população, pois de nada adianta apontar números referentes à população sem dizer quem era essa população. A quantificação deslocada da explicitação, que desvela quem realmente é esse povo que aparece nos números obscurece qualquer pesquisa que se proponha a dizer sobre como o homem é, ao mesmo tempo, sujeito que faz a história, mas também, sujeito que é feito pela história.

Relação de Fontes

1. Fontes literárias:

COELHO, Braz José Coelho. *Peonagem e Cabroeira*. Goiânia: Ed. Oriente, 1971.

COELHO, Braz José. *Os cães e rede.* Goiânia: Cultura Goiana, 1986.

COELHO, Braz José. *Um Homem e sua família*. Goiânia: Ed. Kelps, 1997.

SEBBA, Jamil. *Deus é mesmo Goiano.* Goiânia: Publicação Particular, 1988.

2. Arquivo Municipal da cidade de Araguari – Minas Gerais

Jornal:

Jornal Gazeta do Triângulo. Edição Especial nº 1964. Vinte de Agosto de 1959.

3. Museu Municipal Cornélio Ramos – Catalão Goiás.

Fotografias:

Fotografia 1. Desfile das alunas do Colégio Internato Mãe de Deus em 20 de agosto de 1959.

Fotografia 2. Cartaz com a programação das festividades do centenário, no dia 18 de agosto de 1959.

Fotografia 3. Foto dos jovens observando Catalão do alto do Morro São João

Fotografia 4. Rua da Cooperativa em direção à Igreja do Rosário

Fotografia 5. Foto da Avenida João XXIII durante a década de 1960.

Fotografia 6. Foto da cidade de Catalão do início da década de 1960. Museu Cornélio Ramos.

4. Fonte impressa:

Jornal "Diário da Manhã". Caderno Suplementar nº 03, sobre a História e o Patrimônio Histórico de Catalão. Goiânia, 14 de abril de 2002.

Fonte on line:

ELIAS, Adib. *Catalão, o símbolo da modernidade econômica de Goiás*. Artigo publicado na página www.dm.com.br/Opiniao.php?mat=12802, no dia 12 de agosto de 2003. Acesso dia 17 de agosto de 2003.

Fonte oral:

Entrevista com o escritor Braz José Coelho realizada no dia 15 de maio de 2004.

Bibliografia

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: entre a história e a memória*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

BACEGA, Maria Aparecida. *Palavra e Discurso: História e Literatura*. São Paulo: Ed. Ática, 2003.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaud*. V.5. Antros/homem Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade.* São Paulo: Companhia das Letras, 19ª reimpressão, 2003.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Obras Escolhidas III. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BORGES, Barsanufo Gomides. *O despertar dos dormentes: um estudo sobre a estrada de ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais (1909-1922)*. Goiânia: CEGRAF, 1990.

BORGES, Valdeci Rezende. Literatura e Pesquisa Histórica. *Letras e Letras.* Uberlândia: UFU, 1996.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: uma relação de troca e cumplicidades. In: *História & Perspectivas*. Uberlândia: nº 9, jul/dez, 1993.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRESCIANE, Maria Stella. Imagens de São Paulo: estética e cidadania. *Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

BURKE. Peter. *A Escola dos Annales: uma revolução na Historiografia Francesa (1929-1989).* São Paulo: Ed. da Unesp, 1997.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis.* 16ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CAMPOS, Maria das Dores. *Gente Nossa*. Goiânia: CERNE, 1985.

CANDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. 8ª edição (Coleção Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro). São Paulo: T. A. Queiroz, Publifolha, 2000.

CANDIDO, Antônio. *O discurso e a cidade*. 3ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro Azul/Duas Cidades, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessadri. *A cidade: o homem e a cidade/ a cidade e o cidadão/de quem é a cidade?* São Paulo: Ed. Contexto, 1997.

CARVALHO, Eugênio Rezende de. Construções de Goiânia. In: *Goiânia cidade pensada.* Tarcisio Rodrigues Botelho (org.). Goiânia: Ed. da UFG, 2002.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, 1991.

CHARTIER, R oger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos,* nº 13, jan/jun. São Paulo, 1994.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHAUD, Antônio Miguel Jorge. *Memorial do Catalão.* Goiânia: Edição do autor, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Filosofia.* São Paulo: Ed. Ática, 2004.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. História Política de Catalão. *Ciências Humanas em Revista: revista do instituto de ciências humanas e letras.* V. 05, nº 02. Goiânia: Ed. UFG, 1994.

CHAUL, Nasr Nagib_Fayd. Goiás: da decadência à modernidade. *Ciências Humanas em Revista: revista do instituto de ciências humanas e letras.* V. 06, nº 02. Goiânia: Ed. UFG, 1995.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade.* Goiânia: Ed. UFG, 1997.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. *A construção de Goiânia e a transferência da capital.* 2º edição Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

CHAUL, Nars N. F. & SILVA, Luiz Sérgio D. *As cidades dos sonhos: desenvolvimento urbano em Goiás.* Goiânia: Ed. UFG, 2004.

CHIAPPINI, Lígia. Literatura e História. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. In: *Literatura e Sociedade.* nº 5. São Paulo:USP/FFLCH/DTLC, 2000.

COELHO, Braz José. *Peonagem e Cabroeira.* Goiânia: Ed. Oriente, 1971.

COELHO, Braz José. *Os cães e rede.* Goiânia: Cultura Goiana, 1986.

COELHO, Braz José. *Um Homem e sua família*. Goiânia: Ed. Kelps, 1997.

DIEHL, Astor Antônio. *Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação.* Bauru - SP: Edusc, 2002.

FALCON, Francisco J. Calazans. História e representação. In: *Revista da História das idéias*. V. 21. Coimbra: Faculdade de Letras, 2000.

FELÍCIO, Silvio Célio. *Crônicas de Jamil Sebba, veículos da História em Catalão – 1960 e 1965.* Catalão: CAC/UFG, 2003. (Monografia de Especialização)

FREITAS, Eliane Martins de. *Produzindo história, pensando o local: a produção monográfica dos alunos do curso de História - CAC/UFG (1995/2001).* Uberlândia: Aspectus/Funape, 2002.

FREITAS, Eliane Martins de. *Os significados da justiça*: *justiça violência e aplicação da lei em Goiás-1890/1941.* Unesp – Franca. (Tese de doutorado). 2005.

GONDAR, Jô. Lembrar e esquecer: desejo de memória. *Memória e Espaço*. Rio de Janeiro: Editora Letras, 1996.

HERSCHMANN, Micael… [et. al…] *Missionários do Progresso _ Médicos, Engenheiros e Educadores no Rio de Janeiro: 1870 – 1937.* Rio de Janeiro: Diodorim, 1996.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso Filosófico da modernidade* Lisboa: Dom Quixote, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

LIMA, Valdivino Borges de. *Os caminhos da urbanização/mineração em Goiás: o estudo de Catalão (1970-2000)* (dissertação de mestrado) Uberlândia: UFU/IG, 2003.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. As representações da cidade no discurso literário: a rua de Clarice Lispector. In: *Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Eni P. Orlandi (org.). Campinas - SP: Pontes, 2001.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Pedro Ludovico*: um tempo, um carisma uma história. Goiânia, CEGRAF/UFG, 1990.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na primeira república*. Goiânia: Ed. da UFG; São Paulo: Edusp, 2002.

MATOS, Maria Izilda S. de. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru - São Paulo: Edusc, 2003.

MENEZES, Marcos Antônio de. Cidade e loucura: leituras de Benjamin e Simmel. In: *História e cultura: espaços plurais*. Rosângela Patriota e Alcides Freire Ramos (orgs). Uberlândia: Aspectus, 2002.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Morfologia das cidades brasileiras: Introdução ao estudo da iconografia urbana. São Paulo: *Revista USP - Dossiê Brasil dos Viajantes*, 1996.

MUSIL, Robert. *O homem sem qualidades.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: EDUSC (10), 1993.

NORONHA, Márcio Pizarro. A cidade sublime: um estudo da paisagem urbana em cenário pós-moderno. *Estudos Leopoldenses - Ciências Humanas*. São Leopoldo - RS: UNISINOS, 1999.

OILVEIRA, Adão. *A reprodução do Espaço Urbano de Goiânia: uma cidade para o capital.* Site www.ippur.ufrj.br/observatorio/textos.htm - go_cid_cap.pdf . Acesso em 18 de março de 2005

OLIVEIRA, Maria de Fátima. *Um Porto no Sertão: cultura e cotidiano em Porto Nacional – 1880/1910.* (dissertação de mestrado). Goiânia: UFG, 1997.

PEREIRA, Eliane M. C. Manso. Goiânia, Filha Mais Moça e Bonita do Brasil. In: *Goiânia: cidade pensada.* Tarcisio Rodrigues Botelho (org.). Goiânia: Ed. da UFG, 2002.

PEREIRA, Wellington. *Crônica: arte do útil ou do fútil: Ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso.* João Pessoa: Idéia, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre.* 2ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos.* V.2, nº 3. Rio de Janeiro: Vértice/ Revista dos Tribunais, 1989.

RAMOS, Cornélio. *Catalão de ontem e de hoje: curiosos fragmentos da nossa história.* Catalão: Dist. Kalil, 1984.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo III. Campinas/SP: Papirus, 1997.

SANDES, Noé Freire. *A invenção da Nação: entre a Monarquia e a República*. Goiânia: Editora da UFG, 2000.

SANTANA e SILVA. Sebastião de. Saudade. In: *Gazeta do Triângulo.* (Página Literária) Agosto de 1959.6ª página. Ed. nº 1964.

SANTOS, Márcia Pereira dos. *O campo (re)inventado: transformações da cultura popular rural no sudeste goiano (1950 – 1990).* (dissertação de mestrado). Uberlândia: UFU/IH, 2001.

SANTOS, Regma Maria dos. *Plumitivo Claudicante: impressões cotidianas, memória e história nas crônicas de Lycidio Paes*. (tese de doutoramento) São Paulo: PUC, 2000.

SANTOS, Wendel. *Crítica: uma ciência da Literatura.* Goiânia: EDUFG, 1983.

SEBBA, Jamil. *Deus é mesmo Goiano.* Goiânia: Publicação Particular, 1988.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. *A construção de Brasília: modernidade e periferia.* Goiânia: Ed. UFG, 1997.

SILVA, Sílvia Aparecida Davi. *Discurso Médico e Prática Política na Cidade de Catalão.* Catalão: CAC/UFG, 1999. (Monografia de Graduação).

SIMMEL. Georg. A metrópole e a vida mental. In: *O fenômeno urbano*. Otávio Velho (org). Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.

SOUZA, Anlene Gomes. O estrangeiro e a cidade: o Rio de Janeiro e a imaginário da viagem. São Paulo: *Projeto História - Revista da PUC*, 1996.

TELES, Gilberto Mendonça. A crítica e o príncipio do prazer. In: *Estudos Goianos II*. Goiânia: Ed. da UFG, 1995.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História Cultural. In: *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.* CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo (orgs). Rio de Janeiro: Campus, 1996.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história.* 4ª ed. Brasília: Editora da Universidade, 1998.

VIANA JÚNIOR, Hermano. Robert Musil: as qualidades do homem moderno. In: *Antropologia e Literatura: a questão da modernidade*. Gilberto Velho (org). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social / Museu Nacional. Rio de Janeiro: UFRJ/FINEP, 1988.

VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. Thomas Mann e a ambigüidade do moderno. In: *Antropologia e Literatura: a questão da modernidade*. Gilberto Velho (org). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social / Museu Nacional. Rio de Janeiro: UFRJ/FINEP, 1988.